



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

SAMAISA DOS ANJOS XAVIER HENRIQUE

**EM BUSCA DAS PERIFERIAS NAS NARRATIVAS DAS JUVENTUDES DO CUCA
BARRA: ACOMPANHANDO PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE
SENTIDOS**

FORTALEZA

2017

SAMAISA DOS ANJOS XAVIER HENRIQUE

EM BUSCA DAS PERIFERIAS NAS NARRATIVAS DAS JUVENTUDES DO CUCA
BARRA: ACOMPANHANDO PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE
SENTIDOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

H448b Henrique, Samaisa dos Anjos Xavier.

Em busca das periferias nas narrativas das juventudes do Cuca Barra : acompanhando processos de comunicação e produção de sentidos / Samaisa dos Anjos Xavier Henrique. – 2017.
144 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

1. juventudes. 2. periferias. 3. comunicação. 4. Rede Cuca. I. Título.

CDD 302.23

SAMAISA DOS ANJOS XAVIER HENRIQUE

EM BUSCA DAS PERIFERIAS NAS NARRATIVAS DAS JUVENTUDES DO CUCA
BARRA: ACOMPANHANDO PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE
SENTIDOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Linguagens.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Deisimer Gorczewski
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho
Universidade Federal do Ceará (UFC).

AGRADECIMENTOS

Aos encontros que atravessaram, bagunçaram e construíram novos olhares e maneiras de me colocar no mundo.

Aos que se propuseram a sentir, pensar, acreditar nas potências dos encontros nos pátios, calçadas, ruas, morros, bibliotecas, becos, salas, ônibus, praias e rios dessa Fortaleza que afasta e abraça.

Aos afetos semeados ao longo da vida. Aos afetos que acolhem os fluxos do tempo, das mudanças. Às raízes aéreas cultivadas – que sustentam os passos e os voos.

Aos cearenses que permitiram que, por meio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), eu pudesse me dedicar ao processo de pesquisa, questionamentos e proposições com as juventudes que movimentam tantos fluxos nessa cidade.

Aos que fazem o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e a UFC: professores, servidores, alunos. Aos professores companheiros desta mais recente jornada, Edgard, Deisimer, Alexandre. Aos que partilham a mágica de ensinar e aprender. Em todos os lugares.

Aos que fazem a Rede Cuca com a força e o desejo que ‘os corre’ das juventudes ocupem todos os espaços. À galera do Conexões, vocês foram horizonte.

A Fortaleza. Às juventudes dessa Fortaleza que dói e faz o olho brilhar, aos coletivos juvenis que constroem caminhos fortes e fazem acreditar. A Fortaleza que o Morro de Santiago me apresentou.

Aos jovens que resistem. Que vocês ocupem o mundo, a universidade, os afetos, as ruas. Aos que morreram por serem jovens, por serem pobres, por serem negros, por serem e por quererem ser. Juventudes, presente!

Sigamos!

RESUMO

Este trabalho busca compreender como a periferia está inserida nas narrativas que os jovens constroem em suas produções de comunicação do Cuca Barra. Esse é um dos três equipamentos públicos que compõem a Rede Cuca, mantida pela Prefeitura de Fortaleza e que possui ações prioritariamente para os jovens de 15 a 29 anos. Nossas questões estão focadas, especificamente, no processo de produção do programa de TV Conexões Periféricas, produzido por jovens comunicadores selecionados na Rede. Entendendo a complexidade e heterogeneidade dos termos juventudes e periferias, buscamos, por meio da observação participante e entrevistas em profundidade, as marcas e pistas sobre a relação entre os jovens, os territórios, as periferias e a produção de sentidos nos processos de produção de comunicação. Neste percurso, buscamos entender como os jovens comunicadores interlocutores da nossa pesquisa experienciavam as periferias e como narravam tais vivências. Dessa forma, pretendemos entender as marcas da institucionalidade no processo de comunicação, a troca de experiências entre os jovens de diferentes perfis e territórios no que diz respeito às vivências pessoais e coletivas e às periferias. Inquietava-nos, assim, saber se a dicotomia da ausência-potência que homogeniza as periferias em tantos espaços estaria presente nas narrativas destes jovens comunicadores. Ao longo da pesquisa, acompanhamos, por cinco meses, sete jovens comunicadores do Cuca Barra participantes da produção da segunda temporada do programa Conexões Periféricas, em que o grupo realizou a produção de 10 episódios. Assim, empreendemos o exercício de buscar o entendimento das periferias e das juventudes que se constituem em movimentos do narrar, experienciar, inventar nos atravessamentos da cidade. Ao longo do percurso de pesquisa, dialogamos acerca das juventudes com autores como Reguillo (2000), Pais (1990), Martins (2010). Hiernaux e Lindón (2004), Feltran (2010) e Rolnik (1995) foram alguns dos interlocutores para os caminhos de busca dos entendimentos das periferias, assim como Zanetti (2011) e os apontamentos das produções audiovisuais das e nas periferias. Ao fim desta experiência de pesquisa, compreendemos como a institucionalidade, em suas diversas facetas, impacta as produções dos jovens comunicadores com os quais pudemos partilhar entendimentos. Também apontamos a necessidade de que tais produções ultrapassem os muros institucionais erguidos na rotina dos equipamentos e na relação dos jovens com os projetos e aprofundem o diálogo com os territórios da cidade. As potencialidades do processo de comunicação acompanhado estão ligadas às experiências construídas a partir da diversidade de vivências dos jovens com a cidade, com as periferias e com as juventudes, apontando assim, para estes

importantes locais de sociabilidade, invenção e produção de sentido, que podem ser aprofundadas a partir da convivência das diversas Fortalezas em seus espaços.

Palavras-chave: Juventudes. Periferias. Comunicação. Rede Cuca. Conexões Periféricas.

RESUMEN

Este trabajo busca comprender como a periferia es inserida en las narraciones que los jóvenes construyen en sus producciones dentro de los procesos de comunicación del Cuca Barra, una de las tres estructuras públicas que componen la Rede Cuca, mantenida por el Ayuntamiento de Fortaleza y que tiene acciones prioritariamente para los jóvenes de 15 a 29 años. Nuestras cuestiones se centran específicamente en el proceso de producción del programa de TV Conexões Periféricas, producido por jóvenes comunicadores seleccionados en la Rede Cuca. Entendiendo la complejidad y heterogeneidad de los vocablos juventudes y periferias, buscamos, a través de la observación participante y entrevistas en profundidad, las marcas y pistas acerca de la relación entre los jóvenes, los territorios, las periferias y la producción de significaciones en los procesos de producción de comunicación. En este trayecto buscamos entender como los jóvenes comunicadores interlocutores de nuestra investigación experimentaban las periferias y como narraban tales vivencias. De esta manera, pretendíamos entender las marcas de la institucionalidad en el proceso de comunicación, el intercambio de experiencias entre los jóvenes de diferentes perfiles y territorios en lo que se refiere a las vivencias personales y colectivas ya las periferias. Inquietábamos, así, saber si la dicotomía de la ausencia-potencia que homogeneiza las periferias en tantos espacios estaría presente en las narraciones de estos jóvenes comunicadores. Mientras pesquisábamos, acompañamos por cinco meses siete jóvenes comunicadores del Cuca Barra participantes en la producción de la segunda temporada del programa Conexões Periféricas, en la que el grupo realizó la producción de 10 episodios. Así, empezamos el ejercicio de buscar el entendimiento de las periferias y de las juventudes que se constituyen en movimientos del narrar, experimentar, inventar el atravesar de la ciudad. A lo largo del trayecto de investigación, dialogamos acerca de las juventudes con autores como Reguillo (2000), Pais (1990), Martins (2010). Hiernaux e Lindón (2004), Feltran (2010) e Rolnik (1995) fueron algunos de los interlocutores para los caminos de búsqueda de los entendimientos de las periferias, así como Zanetti (2011) y los apuntes de las producciones audiovisuales de las y en las periferias. Al final de esta experiencia de investigación, comprendemos como la institucionalidad, en sus diversos aspectos, impacta las producciones de los jóvenes comunicadores con los que pudimos compartir entendimientos. También señalamos la necesidad de que tales producciones sobrepasen los muros institucionales erigidos en la rutina de las estructuras y en la relación de los jóvenes con los proyectos y profundicen el diálogo con los territorios de la ciudad. Las potencialidades del proceso de comunicación acompañado están vinculadas a las experiencias

construidas a partir de la diversidad de vivencias de los jóvenes con la ciudad, con las periferias y con las juventudes, apuntando así, a esos importantes sitios de sociabilidad, invención y producción de significaciones, que pueden ser profundizadas a partir de la convivencia de las diversas Fortalezas en sus espacios.

Palabras-clave: Juventudes. Periferias. Comunicación. Rede Cuca. Conexões Periféricas.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	11
2 - JUVENTUDES E POLÍTICAS PÚBLICAS DAS JUVENTUDES	15
2.1 - Juventudes: percorrendo os múltiplos caminhos.....	15
2.2 – Juventudes atravessando a cidade e o Cuca	18
2.3 - Encontro como experiência.....	24
2.4 - Políticas com as juventudes.....	27
2.5 – Movimentos de ONGs com as juventudes em Fortaleza	34
2.6 – Políticas Públicas com as juventudes de Fortaleza	38
2.6.1 - <i>As estruturas da Rede Cuca</i>	40
2.6.2 – <i>O balanço da Rede</i>	44
3 – ATRAVESSANDO A REDE CUCA, AS JUVENTUDES E A COMUNICAÇÃO	47
3.1- Ofertas e demandas dos Cucas e das juventudes.....	47
3.1.2 – <i>A violência do além-muro</i>	52
3.2 – Comunicando e inventando no Cuca.....	54
3.2.1 – <i>Repórter Cuca</i>	56
3.3 - Conhecer o Cuca e ficar	60
4 – AS PERIFERIAS: AS TRILHAS DOS TERRITÓRIOS	67
4.1 – Narrativas sobre a cidade.....	68
4.2 – Onde estão as periferias?.....	73
4.3 - Encontro de jovens e periferias	83
5 - PASSOS DE ABORDAGEM METODOLÓGICA	89
6 – PRODUZINDO COMUNICAÇÃO E SENTIDOS DE PERIFERIAS	99
6.1 – Quando a periferia está no nome: Conexões Periféricas.....	99
6.2 - Processos de produção de comunicação	105
6.2.1. <i>Quais narrativas, linguagens e tempos?</i>	107
6.2.2. <i>Rotina de produção: entre expectativas e realidades</i>	118
6.3. Produzir comunicação da/na/para/com a periferia	124
6.4 - Quando a diversidade é a vivência	128
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	139

1. INTRODUÇÃO

Os caminhos do buscar entender, da escuta, do olhar que flutua, dos pés que percorrem as dúvidas e as vontades do saber passam por muitos atravessamentos daquilo que intuímos, construímos e desconhecemos. Ao iniciar o percurso de pesquisa com foco nos jovens, senti no afã de pesquisar – mobilização parecida com aquela idealizada de repórter que tudo precisa mergulhar – a necessidade de abrir os caminhos para os encontros, os desencontros, descobertas, os ritmos que fariam os passos irem a velocidades diferentes. Desde o começo do nosso percurso, a relação das juventudes com a cidade e com os territórios constituiu uma inquietação impulsionadora de movimentos. Somente no decorrer das vivências tal questão ganhou linhas de proximidade, de entendimento e tensionamento. Os encontros geraram novos questionamentos acerca dos territórios, das periferias, da cidade que acolhia – ou não – os jovens.

Um processo de pesquisa e extensão dentro da Universidade envolvida em questões sobre infância, juventude e mídia, as experiências nas ruas, escolas, movimentos e espaços diversos de comunicação e a atuação como repórter de um jornal de Fortaleza possibilitaram uma vivência intensa da cidade. Foi por meio das centenas de textos produzidos e centenas de histórias contadas como repórter, por exemplo, que pude adentrar em uma Fortaleza até então desconhecida com a ida diária a diferentes bairros, ruas, o contato com pessoas com histórias particulares que tomavam a cidade como pano de fundo e, muitas vezes, como principal interlocutora. Era a cidade, a vivência de cidade que fazia emergir as questões de saúde, de violência, de ausência, de afeto, de resistência, de medo, de desesperança.

A partir do momento em que eu era a interlocutora de mulheres, homens, jovens, crianças que compartilhavam suas vivências, a cidade me instigava a saber como essas relações aconteciam, como esses encontros se davam e quais tantas outras histórias poderiam ser contadas, uma vez que estavam sendo construídas a cada momento, mesmo quando o carro do jornal já ia longe e a pauta da repórter já tinha mudado. E, sendo repórter ‘de cidade’, o olhar estava sempre buscando narrativas possíveis, histórias que poderiam, deveriam ser contadas. Algumas consegui transformar em narrativa oficial de um jornal impresso da mídia local. A maior parte ficou atravessada na vivência. E foi delas que alimentei o projeto inicial de buscar entender ‘as narrativas sobre a cidade e si próprios da juventude participante das oficinas de comunicação da Rede Cuca’, formada por três Cucas (Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte), equipamentos públicos voltados para as juventudes e localizados em três bairros de Fortaleza (Barra do Ceará, Jangurussu e Mondubim).

Enquanto repórter acompanhei obras de dois dos três Cucas, eventos e atividades nos equipamentos, assim como dificuldades em projetos e ações públicas que tinham como público os jovens da cidade. Também como repórter, vi, contribuí e produzi muitas matérias que versavam sobre a relação conflituosa da cidade com parte da população jovem, especialmente no que concerne à ausência de ações em áreas como educação, saúde, cultura, à violência, ao tráfico de drogas, ao sistema socioeducativo desestruturado. Ao longo dos anos acompanhei, por meio de um ambiente jornalístico de apuração de informações, como as juventudes das periferias de Fortaleza, cenário semelhante de tantas outras cidades ao redor do mundo, eram distanciadas de muitos dos direitos mais básicos e a abrangência que tal situação ganhava para muitos que tinham a vida atravessada pelas violências. Também acompanhei histórias de jovens das periferias que transpuseram obstáculos e tiveram acesso à educação superior, tendo em conta os anos de ações, especialmente do governo federal, que tinham relação direta com as populações de baixa renda.

Ao entender a potência dessas relações variadas dos jovens para com a cidade, as possibilidades, o acesso aos direitos, o respeito à diversidade, alimentei a necessidade de me deter na temática e refletir, produzindo conhecimento coletivo e dialógico para e com a cidade de Fortaleza. Assim, minhas inquietações atravessavam as juventudes, as políticas públicas construídas sob a pretensão de garantir os direitos dos jovens, a cidade e as diversas facetas possíveis nas relações que se constroem no cotidiano e, principalmente, as narrativas potentes sobre esses encontros.

Ao longo do percurso, os recortes e questões foram encorpando ao acolherem as experiências da pesquisa, de dúvidas, da construção dos afetos que também fazem uma pesquisa acadêmica. Ao apontar o olhar para a Rede Cuca uma ideia pronta e mergulhada no desconhecimento do campo e das realidades para além das que tive contato me marcou e acompanhou: os equipamentos voltados para as juventudes, localizados em três bairros de regiões periféricas da cidade, acolheriam jovens habitantes de áreas em situação de vulnerabilidade e, por isso, jovens dentro do perfil de ausência de acesso a direitos. Mesmo dialogando, conhecendo e experienciando há mais tempo as diversidades da cidade, das periferias, das juventudes, assim como os avanços econômicos e sociais dos últimos anos – que vemos serem ameaçados na atual conjuntura, a marca da vulnerabilidade ganhou espaço e deixou rastros no caminho de um estereótipo de periferia, de carência e de potencialidade dos jovens.

O conhecimento encontrava as marcas que as histórias pessoais, as trajetórias de consumo de informação e de vivência, os medos, os preconceitos, a via sem saída da história

única. Assim, a entrada no campo, a abertura à escuta e às descobertas, o contato com pessoas, realidades, vontades tão diferentes, assim como o diálogo com autores, textos, provocações levaram ao uso do plural nos diversos conceitos e ideias aqui trabalhados, assim como é corrente em tantos outros trabalhos. E, é para compartilhar essas trajetórias teóricas e, especialmente, das particularidades do campo, que buscamos organizar este texto acerca das juventudes, das narrativas das juventudes com a cidade e, especialmente, com as periferias.

Nosso percurso nos levou ao questionamento de como os jovens comunicadores participantes da produção do programa de TV Conexões Periféricas no Cuca Barra experienciavam as periferias e como narravam tais vivências no processo de produção de comunicação. Tal ponto nos levou a objetivos outros, como o entendimento da relação com os territórios, os espaços de sociabilidades e a diversidade das juventudes que ocupam a cidade. Entendendo que as narrativas dos jovens podem nos indicar potentes caminhos acerca das relações entre as juventudes, a cidade, os territórios, as periferias, tentamos construir a busca pelas periferias que estão atravessadas e atravessam as narrativas dos jovens participantes de um dos espaços de criação e comunicação do Cuca Barra para, assim, mergulhar um pouco mais nas possibilidades de narrar, produzir comunicação e criar espaços de sociabilidades que os jovens da cidade possuem.

Neste caminho que tentamos aqui organizar entendemos a necessidade de criar um texto que dialogasse com o fluxo da pesquisa e seus caminhos: o ir e vir da pesquisadora, das questões, das dúvidas que redirecionavam as trilhas da construção de conhecimento. Assim, buscamos costurar as observações e atravessamentos dos encontros e momentos do campo com as questões que buscamos reverberar com interlocutores das diversas áreas. Dessa forma, partilhamos ao longo do texto trechos de entrevistas com os sete jovens interlocutores do nosso caminhar, de episódios do programa do qual acompanhamos a produção no Cuca Barra, de questões do caderno de bordo usado ao longo das inquietações do pesquisar, de encontros com espaços, atividades e territórios que entendemos como importantes para o nosso percurso. Assim, empreendemos um fluxo que tenta ser coerente com os passos dados e os ensaiados.

Buscamos no primeiro capítulo caminhar com as juventudes, os entendimentos sobre juventudes, as trilhas que percorrem na cidade e na Rede Cuca, assim como as políticas públicas que atuam para (e com?) os jovens e os movimentos e fluxos que reuniram ou vem reunindo comunicação e juventudes em Fortaleza. Neste tópico, buscamos Reguillo (2000), Pais (1990), Braga (2013), Diógenes (2008), Sposito e Carrano (2007), Novaes (2006), Barbalho (2013) para um diálogo e panorama sobre o cenário no qual nos debruçamos.

No segundo capítulo, apresentamos a Rede Cuca por meio da nossa experiência ao atravessar e ocupar os espaços durante nosso período de pesquisa, assim como as estruturas de comunicação e as questões que impactaram as relações construídas ao longo do percurso empreendido, buscando pontes com pesquisas como a de Lima (2014) e, mais uma vez, indicações de Reguillo (2000).

O terceiro capítulo aborda pontos que nos motivaram e inquietaram nos encontros, escutas, da cidade, dos territórios e das juventudes, trazendo para este momento de partilha por meio da escrita diálogos ensaiados a partir das narrativas das cidades, das periferias e as disputas de sentidos e das indicações que os jovens interlocutores do nosso caminhar construíram. Entre os autores com os quais buscamos um diálogo para tais questões estão Motta (2013), Zanetti (2011), Ferrara (1993), Rolnik (1995), Gorczewski e Soares (2014), Hiernaux e Lindón (2004), Vieira (2012), Feltran (2010).

O quarto capítulo apresenta um breve diálogo com os passos metodológicos, as dúvidas, rotas sem saída, descobertas e escolhas, forma de partilharmos o caminhar da pesquisadora em formação após a apresentação do contexto da pesquisa. Nestas buscas, encontramos indicações a partir de obras e experiências de autores como Angrosino (2009), Maraschin e Diehl (2015), Brandão (2006), Spink e Medrado (2004), Whyte (2005) e Delory-Momberger (2009).

O quinto e último capítulo reúne os diálogos, questionamentos e apontamentos acolhidos acerca das juventudes, das periferias e dos processos de produção de comunicação que construímos com os interlocutores do nosso percurso, jovens comunicadores do Cuca Barra. Buscamos relacionar tais cenários com indicações de autores como Jaime (2013), Dayrell (2011), Mansano (2009).

2 JUVENTUDES E POLÍTICAS PÚBLICAS DAS JUVENTUDES

Caminhamos - a cada linha escrita que tenta organizar um processo particular de busca - com interlocutores, conceitos, indagações acerca das juventudes, das cidades, das narrativas, das produções de comunicação, das políticas públicas. São encontros que apresentam espaços de sociabilidades, cenários, resistências e invenções de ser, estar e criar nos contextos variados que os jovens interlocutores e os territórios da cidade nos apresentaram.

Ao longo deste tópico, buscaremos partilhar os múltiplos caminhos percorridos acerca dos entendimentos das juventudes, assim como os atravessamentos dos jovens na cidade em que construímos nossas redes de ação, afeto e implicação. E, buscando apresentar parte da rede costurada com as linhas deste trabalho, fazemos um breve perfil dos jovens que se constituíram interlocutores do recorte da pesquisa.

Entendendo os movimentos aqui seguidos como inseridos em um contexto de políticas públicas das juventudes – seus desafios, avanços e lacunas, assim como de um cenário de fluxos que marcaram as relações de grupos de jovens da capital cearense com a cidade e com a comunicação, delinearemos pontos acerca das políticas públicas e de algumas Organizações Não-Governamentais (ONGs) atuantes em Fortaleza nos últimos anos.

2.1 Juventudes: percorrendo os múltiplos caminhos

Ao pretendermos adentrar ao universo de pesquisa com os jovens, entendemos a complexidade do termo juventude e as implicações de seus usos nas diversas áreas das ciências. Os marcos legais e institucionais apontam os jovens como pertencentes a um grupo etário específico, estabelecendo assim delimitações de idade sobre aqueles que estariam vivendo a juventude. Tais delimitações são base e norte para as políticas públicas construídas para os jovens, apesar do entendimento nosso e dos autores com os quais dialogamos de um conceito de juventude que atravessa a questão etária.

Partindo desse contexto, apontamos para a Organização das Nações Unidas (ONU) que, em Assembleia Geral em 1985, definiu os jovens como aqueles entre os 15 e os 24 anos para o Ano Internacional da Juventude.

Já para o Estatuto da Juventude do Brasil¹, por exemplo, essa faixa estaria compreendida entre os 15 e 29 anos. E é seguindo esse último parâmetro que os Cucas

¹ A Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, instituiu o Estatuto da Juventude e dispôs sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude, assim como do Sistema Nacional de Juventude

(Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte), assim como tantos outros equipamentos guiados pelas políticas públicas para as juventudes, direcionam suas ofertas de atividades. Neste cenário de recorte etário apontado pelo Estatuto da Juventude, das 8.452.381 pessoas residentes no Ceará, de acordo com o Censo 2010 do IBGE, 2.412.570 (28,54%) estavam nesta faixa dos 15-29 anos. Os intervalos etários de 15-19 anos (35,1%) e 20-24 anos (34,11%) são os de maior expressividade numérica no Ceará. Em Fortaleza, cidade que acolhe nossos percursos, 718.613 (29%) dos 2.452.185 habitantes estão na faixa etária em que as políticas públicas para as juventudes atuam. Os intervalos se organizam da seguinte maneira: 224.153 (31,19%) entre 15 a 19 anos, 252.298 (35,1%) entre 20 e 24 anos e 242.162 (33,7%) entre 20 e 29 anos. No Brasil, ainda de acordo com o Censo 2010, com a população de 190.732.694 pessoas, a faixa etária de 15-29 anos era de 51,34 milhões de pessoas (26,91%).

Em um episódio do programa de TV Conexões Periféricas, produzido por jovens comunicadores da Rede Cuca e cujo detalhamento e processo de produção abordaremos neste trabalho, a temática abordada, Identidades Juvenis², trazia um questionamento: “O que te faz ser jovem?”. Diversos jovens do Cuca Barra, sem identificação de nome ou idade – em um modelo de testemunho selfie, em que a pessoa segura o celular e grava a si mesmo – comentam situações que, para eles, apontam juventude, a possibilidade de ser jovem.

“O que me faz ser jovem é ser mulher e é ser drag”.

“O que me faz ser jovem é estar em contato com a natureza”.

“O que me faz ser jovem é ter muitos sonhos, acreditar neles, poder correr atrás deles”.

“O que me faz ser jovem é ir para uma festa e não se preocupar com a hora de voltar”.

“O que me faz ser jovem é dançar aquele velho reggae do passinho”.

“Ser jovem pra mim é garantir meus direitos, estar junto dos meus amigos, fotografar, ter direito ao lazer, a estudar”.

“O que me faz ser jovem é a pessoa ter liberdade, ser feliz, ter limite de tudo, assim, pra mim, não beber, sair, não responder aos pais”.

“Ser jovem pra mim é aproveitar a vida, ter espírito de liberdade, estudar e manter sempre o foco no seu futuro, nunca esquecer ele porque é ele que vai te levar pra frente sempre e fazer você alcançar seus objetivos”.

“Ser jovem pra mim é trabalhar no Cuca, lá eu me sinto seguro em falar da minha vivência com HIV. Hoje eu sou educador no Cuca e trabalho ajudando outros jovens falando que é possível viver com HIV, só não é possível viver com preconceito, a discriminação e a falta de informação que gera a discriminação”.

(Sinajuve). Com três capítulos e 48 artigos, o Estatuto foi resultado de um longo processo que envolveu de forma essencial a sociedade civil, foi aprovada pelo Congresso Nacional em julho de 2013 e sancionada pela presidenta Dilma Rousseff.

²Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=omVg4ZQaVkY>. Acesso em: 29 de março de 2017.

(Trecho do caderno de bordo com transcrições do quadro Papo Selfie do último episódio da segunda temporada do Conexões Periféricas, dia 30 de março de 2017).

As possibilidades partilhadas por esse pequeno grupo contam um pouco das vivências e dão pistas sobre os entendimentos de juventude que dialogam com a diversidade de experiências por eles e com eles construídas.

Assim como Pais (1990, p. 146), buscamos entender a juventude como uma categoria socialmente construída e em contínua recomposição, sujeita a modificar-se ao longo do tempo, uma vez que é “formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas”. O conceito de juventude, como apontam Pais (2009) e Reguillo (2000), ganhou força com a geografia política e a nova ordem internacional advinda do pós-guerra no início do século XX. E, questões de consumo, de processos de delimitação de fases de vida e acesso aos direitos e deveres fizeram parte desse percurso. Sergio Balardini (2000, p. 11, tradução nossa) aponta a necessidade de perceber como ‘a juventude’ (não os jovens) “é produto histórico resultado de relações sociais, relações de poder, relações de produção que geram este novo ator social”.

Dialogando com Bourdieu (1991), que indicava que a juventude não é mais do que uma palavra, Reguillo (2003) aponta que a juventude é uma categoria construída culturalmente e que os critérios que fixam tais limites são mutáveis, uma vez que estão vinculados aos contextos sócio-históricos. Ela ressalta, no entanto, que mesmo como categoria construída, é necessário lembrar que “as categorias são produtivas, fazem coisas, são simultaneamente produtos do acordo social e produtoras do mundo” (2003, p. 106, tradução nossa).

Entendendo a complexidade e a contínua discussão sobre a categoria e os significados dos diversos usos possíveis, partimos para a compreensão plural das juventudes, entendendo-as como “fenômeno multidimensional, caracterizado por fatores relativos à geração, à educação, ao trabalho, à cultura, à comunicação, à participação e à exclusão do consumo, entre outros” (MARTINS, 2010, p. 25). Buscando as considerações de Reguillo (2000, p. 30, tradução nossa) sobre as juventudes, apontamos o entendimento da pesquisadora ao indicar que “os jovens não constituem uma categoria homogênea, não compartilham os modos de inserção na estrutura social, o que implica uma questão de fundo: seus esquemas de representação configuram campos de ação diferenciados e desiguais”. Percebida como essa categoria social (e cultural) em constante recomposição, como aponta Martins (2010, p. 4), a busca por compreendê-la também a leva em conta como um conjunto que, “para além de ser

produto, é produtor de um universo material e simbólico que constitui não só o meio social, mas a própria cultura em todas as suas dimensões”.

Nas linhas escritas pelos pesquisadores da área e no campo avistamos interlocutores movidos pelos desejos, atravessados pelas histórias pessoais, conquistas e decepções, pelos espaços que ocupam e aqueles que não chegam a conhecer, pelas relações que constroem ao longo da vida, contextos que vivem e experiências que organizam. Assim, mesmo entendendo (e estando dentro dele enquanto relação imediata de campo) o recorte oficial realizado pela Rede Cuca, espaço de interlocução da pesquisa, do público jovem ‘atendido’ como aquele entre os 15 e os 29 anos, apontamos a relação para com as juventudes que ocupam e atravessam os espaços não delimitados pelos conceitos etários, mas como movimentos desse fenômeno de várias dimensões e atravessamentos como são as juventudes.

2.2 Juventudes atravessando a cidade e o Cuca

Um estereótipo de jovem acompanhou o início do percurso da pesquisa, levando a uma construção de quem seria o jovem participante e/ou ocupante da Rede Cuca: jovem morador da periferia e atravessado pela vulnerabilidade social. O risco do entendimento homogêneo, entretanto, não resistiu ao mergulho no campo, às escutas e aos diálogos.

Ponto a partilha de Braga (2013, p. 140) em sua tese de doutorado acerca da autobiografização e formação de juventudes no recorte do bairro Pici, em Fortaleza, de que, “apesar de todos os jovens e todas as jovens serem da periferia e partilharem trajetórias sociais vinculadas à arte, à cultura e à inserção comunitária, não estou indicando ou sugerindo que esses sujeitos podem ser tomados de forma homogênea”. O pesquisador ressalta que, cada jovem interlocutor, apesar das situações e limitações semelhantes, “tem histórias e percursos de vida diferentes, marcados por rupturas e construções plurais” (2013, p. 140).

Durante o trabalho e os recortes que foram sendo construídos ao longo do percurso, em especial no que diz respeito às relações com as periferias, tentamos manter diálogo com o que Reguillo (2000) pontua ao abordar que não podemos descuidar de olhar para a multiplicidade diacrônica e sincrônica nos “modos” de ser jovem, não restringindo assim à inserção socioeconômica dos jovens na sociedade, mas buscando alcançar as especificidades que “tanto a subjetividade como os marcos objetivos desiguais da ação geram” (2000, p. 31, tradução nossa). Tentativa de diálogo esta que, sabemos, flutuou diante dos cenários e das bagagens partilhadas, assim como das necessidades continuadas de reelaboração dos olhares e fluxos. No caminhar de entendimento sobre as juventudes, as cidades, os espaços

institucionais, a produção de comunicação, tentamos também entender tais espaços como extensões das práticas juvenis – não como antagonistas, buscando assim os vínculos vários dos nossos interlocutores.

Diógenes (2008, p. 148), ao percorrer os caminhos das cartografias da cultura e da violência, aponta que para as galeras e gangues, a cidade seria um “espaço de interlocução onde, em cada contato, parece haver implícita uma indagação – de que lugar você fala?”. Assim, indica que “no fluxo da multidão das grandes metrópoles, mesmo na vivência do anonimato, cada indivíduo transita em espaços hierarquizados, segmentados e estratificados” (2008, p. 148). Tais espaços podem gerar sociabilidades diversas nos encontros construídos pelo fluxo dos movimentos, nos entendimentos de como as juventudes se atravessam nos territórios da cidade, dos interesses, dos direcionamentos que tais contextos podem apontar.

A gente até antigamente falava assim, ‘má, antes existiam as tribos, né, e hoje existe a interação de todo mundo, né, não existe mais uma tal pessoa é de tal tribo, tal pessoa’... claro que tem os seus... afinidades e o que cada um gosta, mas hoje em dia em termos de se relacionar, as pessoas estão muito mais abertas. E aí, tem esse lado e também os lados contraditórios, que a gente tava conversando antes, também de um período que é marcado por muita indiferença, ódio entre as pessoas e que aí nos mostra também que é necessário mais contato ainda, mais vivência, porque é o quanto é sei lá, único pra cada um quando você passa realmente a adentrar qualquer tipo de vivência que você for fazer, qualquer tipo de entendimento que você queira ter sobre algo, você sabe que aquilo se torna mais profundo quando você realmente adentra mais, se permite mais. (Trecho entrevista com Pedro)³

“Mais contato ainda” e o “se permitir” são pontos que marcaram nossas trajetórias em campo a partir do momento que os encontros, as escutas passavam, muitas vezes, pelo entendimento do outro e dos espaços partilhados como de aproximação entre as juventudes, assim como a percepção dos distanciamentos latentes nesses mesmos espaços no que diz respeito às juventudes excluídas, marginalizadas, não inseridas na lógica de programação dos equipamentos, das políticas, dos olhares e comportamentos reguladores.

Ao longo dos trabalhos pesquisados cuja temática atravessava as periferias e as juventudes, as manifestações culturais e a violência foram assuntos constantes e importantes de análise e diálogo (BRAGA, 2013; DIÓGENES, 2008; LIMA, 2011; MARTINS, 2010; REGUILLO, 2000; ZANETTI, 2011). Ao comentar uma possível estética da periferia, Hollanda (2012, p. 68) recupera o caminho da cultura ao se transformar em uma “potente

³Ao longo da pesquisa, realizamos entrevistas com sete jovens participantes de um projeto de comunicação do Cuca Barra. Partilharemos trechos das entrevistas usando nomes e/ou referências fictícias (escolhidas com eles), forma de tentar preservar a identidade dos jovens.

indústria criativa” e, assim, adentrar na economia de forma mais contundente. A pesquisadora aponta para as dinâmicas no campo das artes e das letras e os diversos resultados sociais, políticos, econômicos e culturais no movimento em que “a cultura começa a se revelar como um instrumento eficaz de transformação social” (2012, p. 86).

Nesse movimentar apontado pela autora, as produções culturais das periferias começam a se afirmar e se deslocar progressivamente para o ‘centro’, “ganhando visibilidade através da imprensa e da indústria cultural” (2012, p. 86) com ênfase nos anos 90. Como exemplos, Hollanda (2012) aponta para o hip hop e a literatura marginal, ambos movimentos que passamos a ter contato com mais frequência por meio da pesquisa, nas informações sobre eventos compartilhadas nos grupos das redes sociais, pelos diálogos contínuos que fomos construindo, na observação mais atenta aos caminhos e espaços que reuniam os jovens de uma Fortaleza redescoberta e, também, por meio dos programas e produções de comunicação acompanhados neste trabalho. Perceber que, dentro dos Cucas, os movimentos das juventudes eram diversos, os fluxos se atravessavam e compunham um mosaico de possibilidades foi também lançar o olhar para as movimentações que aconteciam em diversos bairros da cidade e que tinham jovens como articuladores.

Se, dentro dos Cucas, os esportes, a produção de comunicação com perfil jornalístico, o teatro, a fotografia, o audiovisual, a música em suas diversas possibilidades (k-pop, pop, hip hop, reggae, funk etc.) e a moda desenhavam linhas de atuação e interesses que se entrecruzavam no cotidiano, no diálogo com os movimentos que aconteciam na cidade, os eventos culturais marcavam presença e se faziam presentes. Sessões de audiovisual no Serviluz, reggaes na Barra do Ceará, no Pirambu, na Gentilândia, no Centro, no Jangurussu, Bom Jardim, rap no Santa Maria, saraus no Jangurussu, atividades da Rede Fala Favela na produção de artistas locais das periferias passaram a ser fluxos que atravessam as andanças, as curiosidades, os olhares e percepções da cidade imensa que se apresenta e, como dizem tantos de nossos interlocutores, são movimentos que ‘estão gerando’ nas regiões, nos bairros, nos intercâmbios de experiências.

Em um episódio do programa Conexões Periféricas, produzido pelos jovens comunicadores do Cuca Barra, a temática Educação Alternativa⁴ abordou questões que entendemos que podem complementar os diálogos aqui empreendidos. Um dos quadros apresentou falas de jovens participantes de um grupo de teatro do próprio equipamento

⁴Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OIFAScNQbn0&t=29s> Acesso em: 10 de setembro de 2016.

público. O grupo havia trabalhado percursos afetivos dentro da Barra do Ceará, buscando histórias e construindo uma performance desses trajetos.

Se o local tá parado, não tá sendo usado pra nada, não tá fazendo nada praquela comunidade e ele pode servir pras pessoas se educarem, aprender aquilo ali, ter arte, promover a cultura pra mostrar pro bairro que o bairro que tem esse espaço é um bairro sim que pode inserir na cidade e pode inserir na cidade que não é só um bairro perigoso, é um bairro que se tem arte, se tem educação, se tem um espaço de reflexão. (Camila)

É preciso resgatar isso e trazer, justamente pros jovens, os mais novos, como foi que se deu o processo do bairro, da cidade, do país. Na periferia, também tem cultura, também tem aprendizado, também tem pessoas que podem nos trazer novos conhecimentos, podem nos trazer afetos. (Mayara)
(Trechos do quadro Tribos, do episódio Cidades Educadoras, exibido no dia 13 de agosto de 2016)

Perceber tais fluxos e entendimentos é também buscar como as juventudes, seus movimentos e os aspectos sociais da cidade se relacionam nos espaços públicos. Em muitos momentos no caminhar das vivências que a pesquisa permitiu, histórias sobre as tensões que se estabelecem entre os jovens que usam os espaços dos Cucas e as ‘forças de segurança’ (guardas municipais, seguranças particulares e policiais militares), especialmente no anfiteatro, espaço ‘no meio’, de atravessamento entre o que faz parte dos Cucas e o que faz parte de uma praça além dos muros do Cucas, se fizeram presentes. Os relatos do passado e do presente expuseram um contexto contínuo, desafiador nas respostas possíveis e que escancara muitos caminhos enfrentados cotidianamente pelos jovens das periferias de Fortaleza. Organizar de forma breve tal cenário permite que a relação das juventudes com os Cucas, com a cidade, com as redes de coletivos, com os movimentos culturais que constroem e com as periferias ganhe mais contornos nesse processo de entendimento que não se encerra.

A relação problemática com a força policial, por exemplo, aponta para momentos e situações de tensão constantes, seja nas abordagens aos jovens, seja na presença policial apontada pelas juventudes como repressora nas atividades culturais e de lazer, como as festas que ocupam áreas externas dos Cucas e que, por diversas vezes, foram alvo de operações policiais. As abordagens policiais aos eventos de música ou de concentração das juventudes que ocupam áreas públicas em bairros da cidade atingiram áreas como Serviluz, Centro, o Benfica⁵, o Jangurussu, o Bom Jardim. Em matéria publicada em setembro de 2016⁶ após

⁵Disponível em <http://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2016/09/festa-na-praca-dos-leoes-acaba-com-confusao-e-detencoes.html>. Acesso em 21 de setembro de 2016.

⁶Disponível em: <http://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2016/09/juventude-que-ocupa-espacos-publicos-denuncia-acoas-policiais.html>. Acesso em 21 de setembro de 2016.

repercussão das ações policiais, articuladores das atividades relatam que, em alguns dos casos, as ações aconteceriam sob o argumento da presença de tráfico e uso de drogas por parte dos jovens presentes nos espaços. Na matéria, uma articuladora opina que “o que estamos vendo é uma repressão ao que é produzido pela juventude”.

Para Reguillo (2000), a biopolítica construiu uma associação entre a condição de pobreza e uma disposição à violência entre os jovens. “Nos corpos ‘pobres’ dos jovens se inscreve um imaginário vinculado à delinquência” (2000, p. 78, tradução nossa), aponta a pesquisadora, complementando que por trás desse imaginário socialmente construído se esconderia uma ideia-valor de submissão e domesticação. A autora ressalta, assim, a necessidade de estar atento aos movimentos de resposta aos discursos e dispositivos de controle e exclusão, uma vez que, os coletivos juvenis que estão inseridos em processos de exclusão teriam como característica possível “sua capacidade para transformar o estigma em emblema, fazer operar com signo contrário as marcas/qualidades negativas que lhes são impostas” (REGUILLO, 2000, p. 79, tradução nossa).

Los jóvenes son peligrosos porque en sus manifestaciones gregarias crean nuevos lenguajes, y a través de esos cuerpos colectivos, mediante la risa, el humor, la ironía, desacralizan y, a veces, logran abolir las estrategias coercitivas. En las sociedades contemporáneas, pese a las conquistas democráticas y al indudable avance en la aceptación del cuerpo, se castiga el exceso, de palabras, de gestos, de sonrisas. Los niños y los jóvenes, metáforas del exceso, son disciplinados poco a poco, hasta que asumen el caminar huidizo y silencioso de los "buenos" cuerpos ciudadanos. (2000, p. 93-94)⁷

Ao longo de 2016 e 2017, tensões com abordagens da Polícia Militar aos jovens em atividades e eventos promovidos por coletivos no mesmo local foram relatadas em conversas informais, assim como divulgadas em páginas do Facebook, como Jangurussu da Resistência⁸. O evento mais recente que acompanhamos pelas redes sociais, em março de 2017, resultou em uma nota de repúdio⁹ do Fórum de Jovens¹⁰ do Cuca Jangurussu

⁷Ao longo do texto, partilharemos trechos no idioma original e tradução nossa em rodapé por entendermos que a estratégia pode ajudar a não perdermos o sentido das ideias. “Os jovens são perigosos porque em suas manifestações gregárias criam novas linguagens, e através destes corpos coletivos, mediante o riso, o humor, a ironia, dessacralizam e, às vezes, conseguem abolir as estratégias coercitivas. Nas sociedades contemporâneas, apesar das conquistas democráticas e o indubitável avanço na aceitação do corpo, se castiga o excesso, de palavras, de gestos, de sorrisos. As crianças e os jovens, metáforas do excesso, são disciplinados pouco a pouco, até que assumem o caminhar esquivo e silencioso dos "bons" corpos cidadãos”. (2000, p. 93-94, tradução nossa)

⁸Disponível em: <https://www.facebook.com/jangurussuderresistencia/?fref=ts>

⁹Disponível em: <https://www.facebook.com/jangurussuderresistencia/posts/1168268293283587>. Acesso em 22 de março de 2017.

envolvendo também a postura do equipamento público diante das sucessivas abordagens indicadas como truculentas sofridas pelos jovens. A nota relata uma abordagem do Raio (Rondas de Ações Intensivas e Ostensivas) aos jovens presentes no anfiteatro, assim como a entrada dos policiais no Cuca em busca de um jovem que para lá havia corrido, assim como a humilhação de uma jovem que argumentava sobre a necessidade da ação com tal truculência.

Em um trecho do texto, o grupo explicita um cenário que envolve a existência do Cuca, a inexistência de espaços de lazer para as periferias da cidade e a relação com o espaço público que surge desses elementos de acesso e direito à cidade: “Sabe-se que todos os dias diversas pessoas, moradoras do Jangurussu e arredores, encontram-se no anfiteatro para conversar, beber, dançar e se divertir, pois é esta a opção de lazer disponível na periferia onde moramos”. Em outro trecho, os jovens apontam que, enquanto tais abordagens aconteciam, “os funcionários e educadores somente assistiam o que se passava, sem fazer e nem mesmo falar nada, assistiam cenas de racismo, abuso de autoridade e violações de direitos sem intervir”, complementando a situação de um educador que interviu em uma ação parecida e teria recebido advertências e sido demitido pouco tempo depois.

Quantas vezes a polícia chegará no anfiteatro ou dentro do Cuca tratando jovens pretos e pobres como se nada fossem? Por qual motivo a Gestão do CUCA Jangurussu não interviu em nenhum momento diante de tantos abusos de autoridade? [...] O CUCA é um espaço para os jovens da periferia, que são os jovens mais precarizados, marginalizados, além de sermos os que mais sofrem violação de direitos humanos. Nos vai ser negado também o direito de ocupar aquele espaço de forma tranquila? (Trecho da nota de repúdio)

Diante do exposto, trazemos Reguillo (2000, p. 155, tradução nossa) que relembra os estereótipos que envolvem a violência e as juventudes das periferias, apontando que “a configuração do medos que a sociedade experimenta diante certos grupos e espaços sociais”, possui vínculo estreito com o “discurso dos meios que, de maneira simplista, etiqueta e marca os sujeitos dos quais fala”. Sendo assim, para os jovens das periferias, há a equivalência de ser o potencial e/o real perigo, violento, o vagabundo, reiterado, diversas vezes, pelos meios de comunicação que, ao longo do nosso percurso, foram indicados como o ponto a ser contraposto a partir da possibilidade da construção de novas narrativas.

¹⁰Os Fóruns de Jovens dos Cucas reúnem jovens em reuniões para discutir assuntos relacionados às políticas das juventudes, problemas e questões sobre a participação nos processos, os obstáculos enfrentados na cidade, assim como mobilizações para ações e intervenções nos Cucas.

Lembrando ainda as potencialidades dispostas, Braga (2013, p. 147) indica que as juventudes que tecem suas vidas nas periferias podem ser consideradas como uma “multidão capaz de dar eco a movimentos diversos e encampar – como já fazem em diferentes territórios – processos e lutas sociais de defesa da vida e da cidadania ativa”, o que pode radicalizar uma mudança para esses grupos com suas singularidades e cujo desafio seria a ação e comunicação em comum e a manutenção do que é diferente.

A nota de repúdio do Fórum de Jovens finaliza questionando relações que reverberam os encontros de Fortaleza com as periferias, as juventudes que ocupam as periferias, as noções e ações referentes à segurança pública, cidadania, cultura, educação. E aponta para uma necessidade de retrospectiva e perspectiva da forma como as políticas públicas das e para as juventudes foram e são construídas, discutidas, efetivadas, deturpadas e dialogadas com as juventudes.

2.3 Encontro como experiência

Ao longo do trabalho empreendido que aqui buscamos organizar em reflexões, dúvidas e narrativas contamos com muitos interlocutores que, a partir dos encontros, partilharam ideias, incômodos, vontades, realizações. Foram jovens participantes de diferentes atividades da Rede Cuca, educadores, professores, jovens que ocupavam os equipamentos das mais variadas formas (em busca de internet, encontro com amigos, local de passar o tempo etc.), pessoas que encontramos em eventos culturais, atos, manifestações, moradores de áreas próximas aos Cucas. Muitas foram as trocas que possibilitaram a formação deste percurso e mobilizaram ações e implicações que ultrapassam as possibilidades de organização nestas linhas do vivido.

O experienciado, ouvido, visto, atravessado, conversado, construído por meio dos encontros com esses valiosos interlocutores estará – assim esperamos – permeando as linhas e reflexões, seja por meio dos entendimentos dos conceitos ou dos questionamentos advindos do campo que nos escolheu. No entanto, entendemos como importante delinear o grupo de interlocutores que acompanhou o recorte estabelecido pelo tempo em campo – e o disponível para o trabalho – e com o qual, mais profundamente, construímos reflexões por meio de entrevistas e do acompanhamento do processo de produção de comunicação e realização de um programa de TV, o Conexões Periféricas.

Como indicado na primeira seção deste trabalho, o grupo mais detidamente acompanhado foi formado por sete jovens, os jovens comunicadores do Cuca Barra partícipes da segunda temporada do Conexões Periféricas. Cinco homens e duas mulheres, de 21, 23,

24, 26, 28 anos que se encontraram por meio deste projeto de comunicação no Cuca Barra e que, durante sete meses, participaram do processo por meio de encontros semanais, decisões de pautas, abordagens, gravações, edições, idas a outros bairros, reflexões acerca da cidade, dos jovens, dos próprios percursos. Buscaremos construir breves relatos sobre o grupo de interlocutores por meio das entrevistas realizadas ao fim da realização do programa. Os nomes usados para identificar cada jovem foi escolhido por eles sobre como gostariam de ser citados (seja um nome fictício, um personagem, um elemento etc.) como forma de tentar resguardar a identidade. Este foi um ponto de preocupação que nos acompanhou neste processo: como partilhar as experiências e histórias narradas pelos jovens sem identificá-los, mas também permitindo que as marcas de suas vivências e experiências ficassem claras e os acompanhassem nessas linhas. Uma tentativa que caminha na linha tênue do erro, mas que objetivamos compartilhar.

No grupo de sete jovens, dois não faziam curso superior, quatro estudavam comunicação (jornalismo ou publicidade) em faculdades particulares e um em faculdade pública (após transferência de uma instituição particular). Entre os estudantes universitários, o Programa Universidade para Todos (Prouni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies)¹¹, ambos do Governo Federal, eram realidade para a maioria. Somente um pagava o curso em faculdade particular integralmente. Entre os jovens que não cursavam ensino superior à época dos encontros, um deles havia estudado durante um período em uma universidade pública, mas havia abandonado o curso.

Os jovens eram moradores dos bairros Barra do Ceará, Demócrito Rocha, Floresta, Monte Castelo, Bonsucesso e do Icarai (praia da cidade de Caucaia, parte da Região Metropolitana de Fortaleza). Dos cinco diferentes bairros habitados pelos jovens interlocutores, dois não fazem parte da Regional I, divisão administrativa da qual o Cuca Barra faz parte. Assim como nos demais Cucas, a presença de jovens de diversos bairros da capital aponta para a abrangência que os equipamentos acolhem, mesmo que signifique, para muitos dos jovens ocupantes e participantes, um grande deslocamento (dependente do transporte público pago e, para aqueles que já saíram do ensino regular, sem direito a meia passagem estudantil) para acessar os equipamentos, suas atividades e programações.

¹¹O Fies é o programa do Ministério da Educação que financia cursos superiores em instituições particulares para os que têm renda familiar mensal bruta per capita de até três salários mínimos. O Prouni concede bolsas de estudos de 50% e de 100% em instituições particulares de ensino superior para pessoas que tenham estudado o Ensino Médio em escola pública ou como bolsista em escola particular e tenham rendas familiares que atendam aos critérios estabelecidos.

As vivências familiares são diversificadas, com histórias que foram compartilhadas em detalhes ou de forma breve por cada um. Filhos únicos, com irmãos e irmãs mais velhos e mais novos, morando com mãe e pai, somente com mãe, sozinhos, com amigos. Pais separados ou falecidos, pouco contato com o pai ou pai que sequer foi citado durante o convite de relato espontâneo da própria vida. Muitas das famílias tinham pais nascidos e criados em cidades do interior do Ceará e que chegaram a Fortaleza em busca de oportunidades de trabalho, ‘de uma vida melhor’. No entanto, somente um dos jovens cresceu em uma cidade do interior, vindo para a capital para estudar na adolescência.

No campo da educação formal, todos haviam passado por escolas da rede pública durante a formação e, durante um período, dois deles haviam estudado em escolas particulares da cidade. Entre os sete interlocutores, o acesso ao ensino de tempo integral e profissionalizante da rede estadual aconteceu somente para um jovem (que chegou a estagiar na área em que se profissionalizou, mas não seguiu trabalhando). Os relatos sobre a escola foram pontuais, mas destacamos aqui a experiência com projetos de comunicação, como radioescolas e jornais escolares para um deles e a participação em projetos do Governo do Estado como o E-Jovem¹². A vivência escolar também foi citada como uma experiência que envolveu bullying, dificuldade de aprendizado, assim como um ambiente regulador, ‘de poda’ das crianças e jovens.

O interesse pela comunicação, que permeará algumas falas ao longo do nosso percurso – seja como área de estudo formal por meio de curso superior, seja como atuação e formação em cursos em equipamentos públicos – mostrou um entendimento variado sobre as relações da comunicação. Para alguns, o envolvimento com a comunicação foi meio de encarar a timidez, alternativa a outras áreas, como as artes cênicas, meio de compartilhar interesses pessoais e coletivos, de aparecer na TV, caminho escolhido após testes vocacionais etc.

No mercado de trabalho, a maioria dos jovens passou por experiências que iam de atendimento ao cliente, telemarketing, vendas. Um ponto que os conectava, apesar de não terem se conhecido ou trabalhado na mesma época – era a experiência na área de *call center* na Contax, empresa presente em 10 estados e com milhares de funcionários em Fortaleza. No relato dos próprios jovens, a empresa era conhecida por ser o primeiro emprego de muitos que terminavam o Ensino Médio, por absorver pessoas sem experiência profissional.

¹²O Projeto E-Jovem atua em escolas de Ensino Fundamental e Médio com formações em Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) com foco no ‘protagonismo juvenil’. O projeto é do Governo do Estado do Ceará por meio da Secretaria da Educação (Seduc).

Entre os cinco que estavam no ensino superior, a experiência em estágios variava, desde aqueles que nunca haviam tido qualquer estágio ao longo da faculdade (a maioria já estava nos últimos três semestres dos cursos), aos que tinham tido uma ou duas experiências e um que havia passado (de maneira formal e informal) por diversas empresas da área de comunicação e eventos.

Esse breve perfil do grupo de jovens comunicadores que se construíram, ao longo do processo, como nossos interlocutores, buscou começar a constituir um cenário que pretendemos abordar de forma continuada ao longo do trabalho por meio de diálogos das vivências e experiências partilhadas com as questões surgidas nos espaços de produção, sociabilidade, questionamentos e afetações.

2.4 Políticas com as juventudes

A escolha de aproximação da Rede Cuca como fonte de curiosidade e potenciais acadêmicos no ato de pesquisar começou nas matérias realizadas, enquanto repórter de cidade, sobre a construção dos equipamentos públicos e, posteriormente, o funcionamento e projetos dos Cucas. Entender como tais equipamentos com estruturas e propostas grandiosas diante dos contextos de vulnerabilidade e violência envolvendo os jovens com o qual a capital cearense continuamente estava relacionada era também buscar aproximação com a possibilidade de garantia de direitos para os jovens de Fortaleza a partir do uso de espaços com propostas focadas – ou que assim se esperava – nas demandas existentes e elaboradas pelos grupos de jovens participantes.

Projetos e organizações com foco na juventude existiram e continuam a existir em Fortaleza, muitas vezes, limitados pela área de ação ou pelo perfil dos jovens participantes das atividades (em medida socioeducativa, em situação de vulnerabilidade, em escolas públicas, moradores de determinadas comunidades atendidas, em busca do primeiro emprego, com relação com produção de comunicação, artistas etc.). A grandiosidade da capital cearense, o número de equipamentos, a estrutura e abrangência das políticas públicas para as juventudes e a diversidade dos jovens aqui moradores, obviamente, não permitiam a abordagem de todas as juventudes, suas demandas, potencialidades, espaços. No entanto, entendemos, ao nos aproximarmos da ideia de pesquisa, que o planejamento e execução dos Cucas e, posteriormente, da Rede Cuca eram passos importantes para as políticas de juventude de Fortaleza.

Uma iniciativa de tal envergadura também abria questionamentos sobre os caminhos que a gestão pública tomaria na relação com tais jovens e territórios e, especialmente, o

trabalho que seria realizado sem a descontinuidade de fim de editais – o que vemos acontecer com muitas ONGs que precisam interromper um projeto após o fim da vigência ou dos recursos de um edital ganho, e do fim de gestões, uma vez que se esperava uma política de Estado e não de governo. Os acontecimentos *in loco* apontaram para as dificuldades enfrentadas entre gestões municipais (inauguração e reinaugurações) e mesmo gestões da Coordenadoria de Juventude e do Instituto Cuca que, ao serem descontinuadas/renovadas, influenciavam nos fluxos de atividades dos equipamentos.

Pensando também a relação entre a academia, as políticas, as ações de organizações variadas nas questões das juventudes, Reguillo (2000) pontua que, apesar dos trabalhos sobre juventude ganharem espaço nas Ciências Sociais nos últimos tempos, foram as organizações não-governamentais que, na América Latina, colocaram a temática em um lugar vital da sociedade (tornando-a visível também para agências financiadoras). E tais organizações enfrentavam “problemática cotidiana, crescente e devastadora, em um contexto de violência e empobrecimento” (p. 52-53, tradução nossa). E, com a necessidade urgente de ir a campo e agir havia a impossibilidade, muitas vezes, de tais instituições elaborarem suas experiências como caminho de reformulação de teorias, por exemplo.

Segundo Novaes (2007, p. 253), a partir dos anos 1980, iniciativas governamentais e não-governamentais com foco na “inclusão econômica, societária e cultural dos segmentos juvenis” proliferaram em diversos países e esse debate ganhou força no Brasil nos anos 1990. Sposito e Carrano (2007), ao realizarem panorama das políticas públicas de juventudes no Brasil, apontam que, ao final de década de 90, iniciativas públicas passam a ser mobilizadas com foco nos jovens, envolvendo instituições da sociedade civil e as várias instâncias do Poder Executivo. Os pesquisadores ponderam que as ações e programas públicos podem “provocar modulações nas imagens dominantes que a sociedade constrói sobre seus sujeitos jovens”, não sendo as políticas públicas “apenas o retrato passivo de formas dominantes de conceber a condição juvenil”, mas podendo “agir, ativamente, na produção de novas representações” (2007, p. 182).

Os autores também indicam a evolução histórica construída por Abad (2002 *apud* SPOSITO, CARRANO, 2007) sobre as políticas de juventude na América Latina, que teria sido determinada pelos “problemas de exclusão dos jovens da sociedade e os desafios de como facilitar-lhes processos de transição e integração ao mundo adulto” (p. 182). Assim, ele aponta quatro modelos distintos de políticas de juventude, com ressalvas à diversidade regional e pluralidade de enfoques:

a) a ampliação da educação e o uso do tempo livre (entre 1950 e 1980); b) o controle social de setores juvenis mobilizados (entre 1970 e 1985); c) o enfrentamento da pobreza e a prevenção do delito (entre 1985 e 2000); e d) a inserção laboral de jovens excluídos (entre 1990 e 2000).
(ABAD, 2002 *apud* SPOSITO E CARRANO, 2007, p. 182)

Tais percursos de ações e políticas dialogam com as características, entendimentos e mobilizações de cada território. E, ao abordar os contextos, diferenças e trajetórias dos jovens brasileiros, Novaes (2006) aponta para a importância do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, na elaboração de políticas públicas para as crianças e adolescentes no País (em um contexto em que o Estatuto da Juventude ainda não existia, uma vez que só foi instituído em 2013). Ela ressalta, assim, a lacuna para os jovens, considerando que os programas se limitariam, muitas vezes, a faixas etárias até os 17 anos, excluindo os que atingissem (ou ultrapassassem) essa idade.

Nesse panorama, a autora percorre as iniciativas de ONGs e fundações empresariais da década de 90 e a marca territorial que possuíam, com a proposta de atuar sobre o ‘local’. Novaes aponta assim que o ‘local’ não é fruto de isolamento, mas de “relações assimétricas, históricas, econômicas, políticas e culturais entre diferentes espaços sociais” (2006, p. 112), complementando que nas dinâmicas de exclusão e inclusão de cada espaço, elementos como renda, gênero, raça e local de moradia se fazem presentes, acompanhados, a partir do contexto implicado em sua abordagem, na existência ou não de projetos sociais, que contribuiriam para a “supressão de certas marcas de exclusão” (2006, p. 113), que incluiriam questões da escolaridade, da capacitação profissional, do acesso às tecnologias etc. Nessas relações entre juventudes, projetos e periferias, a autora aponta para quatro elementos: a diferenciação que tais projetos criam entre os jovens de diversas áreas da cidade; a relação escola, bolsa do projeto e trabalho; o foco nos recursos tecnológicos de muitas das ações e o mote e slogan de tais iniciativas de que estariam “tirando os jovens da criminalidade” (2006, p. 115).

Entendemos que muitas iniciativas, sejam de instituições públicas ou ONGs, estão envolvidas “pela visão do jovem como ‘problema’, em relação ao qual é necessário intervir, para ‘salvar’ o sujeito e reintegrá-lo à ordem social” (CAROLINA e DAYRELL, 2006, p. 295). Neste ponto, Novaes (2006, p. 116) indica que as ações de pensar o jovem não mais como problema, mas como parte da solução, desempenharam importante função de afastar certos estereótipos e valorizar “uma certa perspectiva de participação juvenil” ainda no decorrer dos anos 90. Buscando uma comparação dos avanços das políticas relacionadas com a mulher e com os jovens nas últimas décadas, a publicação Políticas Públicas de/para/com as juventudes (2004), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

(Unesco), aponta para questões como estilo de gestão, uma vez que os ‘programas’ estruturados no âmbito da juventude “não são mais do que conjuntos de atividades pontuais e iniciativas desconexas, dado os reduzidos espaços nos quais tem sido possível trabalhar” (2004, p. 137). Outros pontos elencados seriam o não questionamento do domínio das perspectivas dos adultos na nossa sociedade, o apoio dos movimentos juvenis em estruturas administrativas do próprio Estado, de partidos políticos e poucas estruturas corporativas na área privada.

Treze anos depois destes apontamentos, podemos lembrar que alguns dos enfoques com os quais o poder público construiu ao longo de décadas ações para/com os jovens, como indica a publicação, são como grupo de risco, como sujeitos de direito, como atores estratégicos no desenvolvimento e como construção do capital social individual e o empoderamento. Avaliando as políticas e ações para as juventudes na América Latina, a publicação da Unesco indica ainda que as limitações das respostas setoriais e desarticulações ao longo do século XX são um dos principais obstáculos identificados, uma vez que, ao não construírem uma visão integral e que dialogue com outras áreas “se concentram em aspectos particulares da dinâmica juvenil - educação, emprego, saúde, atividades culturais e esportivo-recreativas e outros – e deixaram de lado a perspectiva de conjunto” (2004, p. 34). Assim, analisando modelos de políticas, a avaliação aponta para avanços importantes no que diz respeito às áreas específicas como educação, saúde, lazer e trabalho, entretanto, a falta de articulação já citada e a não manutenção por um período maior de tempo fez com que as “repercussões efetivas sobre as populações destinatárias (os jovens) fossem fracas e inconstantes” (p. 63), enquanto os avanços em áreas como participação cidadã juvenil e prevenção de violência fossem escassos.

No caso da participação cidadã, a publicação aponta que a vontade de participação é latente, mas se encontra com formas de organização “tradicionais” que não condizem com a vontade de autonomia dos jovens, uma vez que as formas que os jovens se mobilizam “se interliga a concepções de interação em redes” (2004, p. 68), formando assim novos movimentos, novas formas de efetivar e inventar a participação. Lembramos aqui de Reguillo (2000) que, ao analisar as culturas juvenis, a visibilidade e a reconfiguração das formas sociopolíticas do mundo, aponta que os jovens, organizados ou não, “se convertem em um ‘termômetro’ para medir os tamanhos da exclusão, a brecha crescente entre os que cabem e os que não cabem”, ou seja, os inviáveis, “os que não podem acessar a este modelo e que por isso não alcançam o estatuto de cidadão” (2000, p. 148, tradução nossa). A pesquisadora complementa que, os jovens, naquele momento em que ela organizava o olhar para a longa

trajetória de investigação até ali empreendida, estavam inaugurando novos lugares de participação política, “novos lugares de enunciação, novos lugares de comunicação” (REGUILLO, 2000, p. 149, tradução nossa).

O documento da Unesco, datado de 2004, nove anos antes da instituição do Estatuto da Juventude no Brasil, em 5 de agosto de 2013, aborda sob diferentes aspectos a importância de uma política nacional da juventude, assim como os obstáculos a serem enfrentados, mesmo em um cenário de avanços qualitativos e quantitativos para a área das políticas públicas para as juventudes. Entre os obstáculos apontados estão a opinião pública e a imagem que os meios de comunicação “transmitem acerca das juventudes” (2004, p. 193). Para a Unesco, a imagem dominante mostra os jovens como problemáticos e as experiências positivas e potencialidades não ganham tanto espaço, uma vez que não seriam notícia. Outros obstáculos apontados pela publicação é o adultismo, com enfoques paternalistas e assistencialistas na relação entre jovens e adultos, resultado da forma como se constrói os jovens nos imaginários dos adultos e nas relações sociais, assim como a relação problemática entre jovens e polícia, em que o jovem é encarado como um “delinquente em potencial” (2004, p. 194). Esses três últimos pontos abordados na publicação da Unesco foram constantes na rotina da pesquisa, seja nas conversas com jovens, educadores e outros profissionais que atuam na área das políticas para as juventudes, seja na observação do cotidiano acompanhado, dos relatos construídos a partir das vivências.

O percurso de formulações, implantações e execuções de políticas públicas também é importante para avançarmos no entendimento das dificuldades da trajetória, do hoje e das possibilidades de ações futuras. Sposito e Carrano (2007, p. 208), ao analisarem as políticas públicas de juventude até 2002, indicam que as ações e políticas parecem ter sido construídas em um caminho inverso ao das lutas pelos direitos da infância e adolescência, que envolveu amplo movimento social em busca de um desenho jurídico que “assegurasse direitos e formas de execução e buscou, em seguida, sua implantação”. Enquanto isso, nas políticas de juventude, o começo teria surgido a partir da base com um “conjunto heterogêneo de práticas” (2007, p. 208), uma vez que, antes de serem incorporadas pela esfera governamental, “já vinham sendo experimentadas pela sociedade civil” (2007, p. 206).

Essa diversidade se, de um lado, recobre a possibilidade de experimentação e de inventividade social, elementos importantes para a constituição da democracia, de outro, poderá resultar em experiências fragmentadas, com fraco poder de impacto e de disseminação não favorável à criação de elementos consistentes de uma nova cultura política na formulação de ações para a juventude. (SPOSITO; CARRANO, 2007, p. 208)

O Estatuto da Juventude – Lei 12.852/2013, que tramitou e mobilizou organizações da área por mais de dez anos, entrando em vigor no dia 2 de fevereiro de 2014, aborda os direitos dos jovens à cidadania, participação social e política, à representação juvenil, à educação, à profissionalização, trabalho e renda, à diversidade e igualdade, à saúde, à cultura, à comunicação e à liberdade de expressão, ao desporto e ao lazer, ao território e à mobilidade, à sustentabilidade e ao meio ambiente, à segurança pública e ao acesso à justiça.

Entre as disposições do Estatuto, ressaltamos o direito à comunicação, em que o jovem tem direito “à livre expressão, à produção de conteúdo, individual ou colaborativo, e ao acesso às tecnologias de informação e comunicação” (2013, p. 31). Dessa forma, como efetivação desses direitos, caberia ao Poder Público a adoção de cinco medidas principais e seus desdobramentos.

- I - incentivar programas educativos e culturais voltados para os jovens nas emissoras de rádio e televisão e nos demais meios de comunicação de massa;
- II - promover a inclusão digital dos jovens, por meio do acesso às novas tecnologias de informação e comunicação;
- III - promover as redes e plataformas de comunicação dos jovens, considerando a acessibilidade para os jovens com deficiência;
- IV - incentivar a criação e manutenção de equipamentos públicos voltados para a promoção do direito do jovem à comunicação; e
- V - garantir a acessibilidade à comunicação por meio de tecnologias assistivas e adaptações razoáveis para os jovens com deficiência. (Estatuto da Juventude, 2013, p. 31-32)

Ainda no escopo do Estatuto, as questões relacionadas ao território se concentram no Artigo 31, que aponta para o direito ao território e à mobilidade, “incluindo a promoção de políticas públicas de moradia, circulação e equipamentos públicos, no campo e na cidade” (2013, p. 32). Já o artigo 37, parte do direito à segurança pública e ao acesso à justiça, dois caminhos tortuosos e marcantes para as juventudes, especialmente as que habitam e atravessam as periferias, indica que todos os jovens têm direito “de viver em um ambiente seguro, sem violência, com garantia da sua incolumidade física e mental, sendo-lhes asseguradas a igualdade de oportunidades e facilidades para seu aperfeiçoamento intelectual, cultural e social” (2013, p. 33).

O entendimento dos jovens como interlocutores potentes, criativos, entendedores dos seus contextos, construtores de seus discursos, atravessados e atravessando os territórios que habitam e ocupam ultrapassa assim a visão do ‘jovem problema’, citada anteriormente, mas encontra os obstáculos das realidades para além do Estatuto, marco histórico e importante das

juventudes e resultado de muitas mobilizações, mas com caminhos longos de ações e participação (por meio dos conselhos municipais, estaduais, nacional, associações, grupos, fóruns de jovens, coletivos etc.) para a transformação de tais artigos em movimentos reais e contínuos. Dialogando com a experiência da prática de comunicação, ressaltamos que tal reconhecimento de potência de interlocução se dá, muitas vezes, no entendimento dos jovens como produtores de comunicação, de narrativas sobre suas experiências, de organização de discursos e de opiniões, de subjetividades, de enfrentamento dos caminhos de participação na elaboração de políticas públicas para as diversas áreas. E, tais reconhecimentos e construções de interlocução encontram obstáculos, peculiaridades e possibilidades de avanço.

Um dos nossos interlocutores da pesquisa aponta, por exemplo, a necessidade da mobilização dos jovens desde o início das atividades do Cuca Barra (primeiro equipamento da Rede Cuca a ser inaugurado) para a efetivação de cursos que dialogassem com as demandas das juventudes (percurso que passou por avanços e retrocessos ao longo dos anos).

(Fiz curso) Nessa área, né, de mídia social, web rádio, de rádio, de TV, de edição de vídeo, de roteiro pra videoclipe, pra cinema, essas coisas assim, aí surgia outras coisas, né, que eu ia me engajando. Na época não tinha essas coisa de curso remunerado, mesmo por pouco que era, a gente foi construindo, era bem mesmo na resistência, os povos mais antigo, dizendo que tinha que ir lá, ir lá reivindicar curso de 3 meses, que um mês não dava pra aprender nada, que queria um extensivo. Aí foi através disso que o povo, as demandas foram acontecendo, das brigas. Eu já entrei na 2ª geração, eu acho, essa daí acho que é a terceira, tipo assim, de fases, eu já entrei na segunda, que foi na época da construção das políticas públicas, a terceira agora já está consolidado né, tem três Cucas que tem Repórter Cuca. [...] (Litoral)

A avaliação dos jovens interlocutores da pesquisa ao longo do nosso processo também aponta para as relações entre equipamentos públicos, a cidade, as políticas públicas, as hierarquias e burocracias, as demandas das juventudes e o capital político construído nesse cenário.

Eu vejo também que a gente tem uma crise estrutural dos equipamentos públicos muito grande, onde falta também não só ofertar um incentivo, a cidade respirar isso, a cidade dar importância pra isso e eu, como gestor, acreditar nisso. Então falta muito também, eu acredito que essa identidade do Cuca que vem uma identidade pelo jovem, mas que esbarra nas hierarquias que esbarra dentro de um equipamento que é gerido por uma instituição pública. Aí você começa a perceber o faz de conta, onde às vezes tem um curso massa, mas que às vezes não foi bem pensado, não foi muito bem visto como seria a divulgação, não foi pensada as alternativas como eu chegar pra esse jovem que nunca teve experiência com o teatro ou com o cinema ou com música e sensibilizá-lo de tal forma que ele vá se interessar de, pelo

menos, conhecer. Ele vai se interessar em, pelo menos, ‘pô, vou parar pra pensar sobre isso’. Às vezes eu acho que falta essa pequena percepção de muitos órgãos públicos e de movimentos culturais também, às vezes, tá só assim ‘ah, eu tô ofertando isso aqui e já tô fazendo muito’. (Pedro)

Durante nosso ir e vir no campo, acesso a publicações, publicidade, falas institucionais e apontamentos sobre a política pública de juventude da capital cearense por gestores públicos, a questão dos números foi recorrente. A quantidade de vagas ofertadas, de cursos, de eventos, de ‘oportunidades’ eram foco e pauta. Em conversas informais no campo acadêmico e pessoal, a ideia de que ‘oportunidade tem, só não vai quem não quer’ se mostrou presente em diversos entendimentos no que dizia respeito às vivências juvenis. Entendimento que descola tais experiências dos contextos das juventudes, suas subjetividades, da efetivação de tantos outros direitos, como a educação, a moradia, a saúde, a mobilidade, a segurança. Tais cenários também podem ser abordados no conhecimento de movimentos em Fortaleza que, ao longo dos anos, atuaram com os jovens e suas narrativas possíveis acerca da cidade e das próprias histórias.

2.5 Movimentos de ONGs com as juventudes em Fortaleza

No contexto de Fortaleza, caminharemos por algumas experiências com foco nos jovens comunicadores, dialogando, assim, com as atividades acompanhadas nesta pesquisa, que foram abordadas por pesquisadores da área e tiveram suas experiências organizadas em publicações variadas. Tal percurso nos permite compreender os movimentos, efetivações, idas a campo no terreno da ação que tantos interlocutores foram construindo ao longo dos anos nos territórios da cidade. Entre as experiências aqui pinceladas estão a TV Janela, a Encine, a ONG Comunicação e Cultura, Fábrica de Imagens e Alpendre.

Diante do mapeamento nos repositórios da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Estadual do Ceará (UECE) foram encontrados muitas dezenas de trabalho de pós-graduação que abordaram na última década iniciativas e projetos com as juventudes realizados em escolas, assentamentos, quilombos, bairros e comunidades, seja por meio de atores locais ou como propostas de pesquisa. Um ponto interessante é a forma como as sociabilidades, os encontros, os afetos, as manifestações das culturas juvenis ganharam e continuam a conquistar espaço no que diz respeito ao pensar-pesquisar-problematizar as juventudes no Ceará e em Fortaleza. São os caminhares nas ruas da cidade, a relação do corpo com a cidade, as vivências nos bairros em questões várias, como violência, espiritualidade, os encontros com pares e ímpares nos espaços de cultura, nas praças, a música, a moda etc.

Buscando algumas experiências com comunicação nos territórios das periferias de Fortaleza, encontramos trabalhos e autores que versam sobre tais encontros de produção, subjetivação e invenção. Barbalho (2013), ao abordar as experiências da TV Janela, projeto da ONG Instituto de Desenvolvimento Social (IDS), aponta que os processos de produção subjetiva singular e de narração de si possibilitaram que os e as jovens partícipes do projeto constituíssem “outros olhares sobre suas vidas que não aqueles produzidos pelos grandes meios de comunicação” (2013, p. 120), mesmo que nas narrativas ainda estivessem presentes estereótipos sobre as periferias que atravessam as abordagens ficcionais e jornalísticas.

Segundo informações do blog TV Janela¹³, o IDS surgiu em 1999 para buscar a “formação humana para o desenvolvimento social, educacional e cultural”. TV Janela, como projeto do Instituto, surgiria em 2003, com uma turma de adolescentes do Planalto Ayrton Senna (bairro que compõe a Regional V em Fortaleza), que realizou oficina de fotografia e exposição itinerante na comunidade, com formações em audiovisual e exibições dos vídeos nas ruas da comunidade. Segundo o site, a TV Janela funcionaria baseada em ‘4Ps’: pré-produção, produção, pós-produção e projeção.

Braga (2010), cuja dissertação versa sobre o olhar dos moradores do bairro Pantanal (nome anterior do bairro Planalto Ayrton Senna) sobre os vídeos do TV Janela, aponta que o projeto foi pensado como de capacitação de jovens da comunidade na área do audiovisual, envolvendo 20 jovens entre 15 e 17 anos por semestre e que “a TV Janela produz vídeos populares, gravados na própria comunidade, que são exibidos mensalmente nas ruas do bairro para cerca de 300 moradores” (2010, p. 59). Segundo Braga(2010, p. 60), os adolescentes passavam a compreender o bairro por uma perspectiva mais positiva, uma vez que não tinham “contato efetivo com o espaço em que moravam” e, a partir da TV Janela, “circulam pelo território do Pantanal com mais desenvoltura e acessam as memórias dos moradores mais antigos através de entrevistas”. A exibição pública dos vídeos era divulgada, naquele momento, por caixas de som em bicicletas e o evento tinha telão na rua, momento em que também ocorriam apresentações artísticas das crianças e adolescentes, segundo Braga (2010). A abordagem dos vídeos com foco nos moradores e não nos espaços físicos do bairro mostra, para o pesquisador, a ideia do projeto sobre comunidade, que “seria a relação harmoniosa entre vizinhos” (p. 133).

¹³Disponível em www.tvjanela.wordpress.com. As informações do site, cuja última postagem foi em setembro de 2014, vão de encontro às datas elencadas na dissertação de Braga (2010), que aponta que a TV Janela surgiu em 2004. O canal do YouTube da TV Janela possui duas publicações em 2015 e 2016.

Na análise do pesquisador, há um entendimento da TV Janela pelos moradores do bairro como detentora de função social que se equipara à escola, “que tira os adolescentes das ruas, promovendo a cultura, arte” (BRAGA, 2010, p. 201), e a do poder público, considerado ausente do território. Assim, para o pesquisador, há uma “compreensão mais ou menos clara da força da TV Janela no bairro, da sua forte e influente inserção, principalmente, na vida dos adolescentes” (2010, p. 201). Ressaltando que muitos dos entrevistados na pesquisa possuíam vínculos com a TV Janela (familiares, vizinhos, filhos que haviam participado do projeto em algum momento), o pesquisador enaltece o orgulho pela presença nas apresentações artísticas que ocorriam antes da exibição dos vídeos, por exemplo. Nesse sentido, “a TV Janela é vista como uma instituição que reconhece, prestigia e dá visibilidade a esses talentos juvenis” (BRAGA, 2010, p. 202).

Com foco na educomunicação e nos projetos em escolas, a ONG Comunicação e Cultura existe desde 1988 com a missão de “atuar em escolas, principalmente públicas, visando promover a formação cidadã de crianças e adolescentes e contribuir para a melhoria da qualidade do ensino”¹⁴. Tal missão perpassa áreas como a produção de jornais escolares, estudantis e juvenis e a conscientização a respeito da publicidade infantil, com programas como o Primeiras Letras, Fala Escola e Clube do Jornal.

Já a ONG Encine, fundada em 1999, tinha o foco em projetos educacionais com jovens e professores da rede pública de ensino que utilizavam especialmente os meios comunicacionais, como o vídeo, como forma de promover, defender e difundir os direitos de crianças, adolescentes e jovens.

Suas ações objetivam construir uma nova forma de fazer comunicação preocupada com a idealização de uma sociedade autônoma e sustentável. Os adolescentes, partindo da sua própria realidade, de seus contextos sócio-históricos, de suas próprias escolhas e práticas, analisam e vivenciam como as mensagens e gêneros da mídia são formados e passam a produzir uma comunicação própria, crítica e criativa. (Revista Entrelace, 2013, p.6)¹⁵

Dentre os projetos desenvolvidos, ressalta-se o programa Megafone!, o Entrelace e o Lace. O Megafone! foi um programa com formato televisivo surgido em 2002, realizado por jovens e profissionais da ONG e exibido pela TV Ceará até 2011. Com premiações nacionais e tendo recebido em 2006 o selo de Especialmente Recomendado para Crianças e

¹⁴Disponível em <http://www.comcultura.org.br/quem-somos/> Acesso em 10 de junho de 2016.

¹⁵Disponível em: https://issuu.com/entrelace/docs/revista_para_web_dia_13 Acesso em 31 de maio de 2016.

Adolescentes, do Ministério da Justiça, o programa é apontado pela Revista Entrelace, da ONG Encine, como “um legítimo espaço de expressão e difusão do pensamento jovem”, que utilizaria linguagem audiovisual moderna para abordar temas importantes para o “mundo jovem” (2013, p. 9).

O Laboratório de Comunicação Escolar (Lace) surgiu em 2007, montando em escolas da rede pública salas equipadas com ferramentas tecnológicas e comunicacionais, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Para promover a integração entre os Laces existentes, foi criado o Entrelace, rede de comunicação entre as escolas e os laboratórios. Por meio dos laboratórios e da Rede, alunos e professores participavam de oficinas de fotografia, produção audiovisual, roteiro, fanzine, web rádio e oficinas formativas em questões como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Ainda no universo das ONGs atuantes em Fortaleza, apontamos para a Fábrica de Imagens - Ações Educativas em Cidadania e Gênero, que iniciou as atividades em 1998 e desenvolve projetos com foco na promoção e afirmação da equidade de gênero, diversidade sexual e “fortalecimento das juventudes através de processos de fruição, formação, produção, difusão e distribuição de bens e serviços culturais e em comunicação”¹⁶ e com “experiência no campo do audiovisual popular”. Entre os projetos em andamento atualmente, por exemplo, estão o Centro de Referência em Cultura, Arte, Comunicação e Novas Tecnologias para a Promoção dos Direitos Humanos, da Equidade de Gênero e da Diversidade Sexual (Cacto), a realização do Curta o Gênero e do Outros Olhares.

O Cacto, como aponta o site da ONG, busca a constituição de um Centro de Referência e atua com a formação de jovens entre 16 e 25 anos nas técnicas relacionadas à arte e comunicação e formações socioeducativas sobre as temáticas centrais do Centro. Ao final do processo, são realizados curtas-metragens, exposições fotográficas, blogs, sites. Ao total, foram 10 curtas, cinco animações, seis sites e blogs, duas peças teatrais e duas exposições fotográficas. Já a Mostra Internacional Audiovisual Curta O Gênero tem foco nas questões de gênero, denúncias das desigualdades e promoção da equidade por meio do audiovisual, de seminários etc. O projeto Outros Olhares – Educação em Direitos Humanos, Gênero e Diversidade Sexual, realiza atividades no processo de formação de educadores, agentes culturais e ativistas da educação em direitos humanos.

Como última organização deste breve mapeamento, a ONG Alpendre, que iniciou seus trabalhos em 1999 e, ao longo de 13 anos, se constituiu como espaço de produção e formação

¹⁶Disponível em <http://fabricadeimagens.org.br/> Acesso em 31 de maio de 2016.

artística em Fortaleza. Com diálogo em diversas linguagens artísticas, como a literatura, as artes plásticas e cênicas e o audiovisual, a ONG desenvolveu diversos projetos que reuniram artistas e produtores em torno das possibilidades de atuação. Segundo Barbalho (2013), ainda em 2000, a ONG realizou o projeto TV de Rua, por meio de edital do Governo Federal, em que 30 jovens de dois territórios, Poço da Draga e Serviluz, passaram por formação que resultou na produção de vídeos.

Já em 2003, surgiu o NoAr, que reuniu audiovisual e jovens em um processo de produção de programa de TV exibido em canal público, considerado dentro da organização como um “núcleo de formação nas áreas de vídeo e internet” (BARBALHO, 2013, p. 167). Com uma hora de duração e exibido em TV pública aos domingos, o NoAr era resultado de um processo de formação teórica e prática dos jovens participantes que, para além da capacitação nas linguagens midiáticas, propunha que os jovens pudessem reinventar “e não copiar os modelos e gramáticas estabelecidos” (*Idem*, 2013, p. 167).

Assim como muitas das organizações e ações de Fortaleza ao longo dos anos, a ONG Alpendre encerrou as atividades em 2012 pela dificuldade em manter um equipamento cultural independente em Fortaleza, como apontou matéria¹⁷ à época do fechamento das portas da ONG, que tinha sede na Praia de Iracema.

Diante desse breve mapeamento de alguns projetos que envolveram ou envolvem as juventudes e a comunicação em Fortaleza, percebemos as potências possíveis nos diferentes espaços, sejam escolas, bairros, grupos de diversas manifestações culturais e artísticas. Dentre os exemplos citados e das lacunas do poder público na área ao longo de décadas, podemos apontar que as ONGs – com todas as questões que poderiam ser esmiuçadas acerca das questões institucionais que atravessam produções e projetos, assim como os obstáculos que afetam continuidades - se mostram essenciais na efetivação de projetos com foco nas juventudes na capital cearense.

2.6 Políticas Públicas com as juventudes de Fortaleza

Em mapeamento dos trabalhos acadêmicos nos repositórios da UFC e UECE sobre o tema das juventudes, as iniciativas do Poder Público – mesmo que não diretamente ligadas às políticas públicas para as juventudes—e abordagens de ações envolvendo os jovens mais

¹⁷Disponível em:

<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2012/12/12/noticiasjornalvidaearte,2969944/era-uma-vezum-alpendre.shtml>. Acesso em 12 de novembro de 2016.

presentes em tais produções acadêmicas foram o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem), projetos relacionados aos jovens em medida socioeducativa e experiências em processos de formação e saber em escolas, assentamentos, comunidades etc. Tais trabalhos traçaram diferentes caminhos acerca dos entendimentos possíveis em cada experiência acompanhada, suas possibilidades, dificuldades e encaminhamentos possíveis no que diz respeito às políticas públicas e, especificamente, àquelas que envolvem diretamente os direitos das juventudes.

As pesquisas de NASCIMENTO (2013) e SÁ (2013), por exemplo, abordam facetas do Projovem urbano em Fortaleza, apontando tal Programa como experiência significativa na vida dos jovens acompanhados, seja nas relações estabelecidas entre educadores e alunos e a qualidade do ensino, como aponta Nascimento (2013), seja por ser espaço em que os jovens buscavam ‘recuperar’ um tempo perdido em que os participantes estabeleciam projetos de inserção para si mesmos, como elencado por Sá (2013). No entanto, na experiência compartilhada por Nascimento (2013, p. 7), por exemplo, pontua-se o descompasso entre as “políticas públicas ofertadas, demandas efetivas dos jovens, expectativas geradas pelos projetos e Programas sociais e as reais possibilidades de realização destes anseios”.

Entre os trabalhos encontrados em nosso processo de mapeamento, as medidas socioeducativas e os jovens egressos dos espaços e ações que deveriam ser de ressocialização fazem parte dos questionamentos de muitos dos pesquisadores, como ANJOS (2013) e FRANÇA (2014). Em tais abordagens, pontuam-se os obstáculos para a efetivação das políticas como pensadas e elaboradas. Para França (2014), por exemplo, há um “permanente abismo entre as orientações da legislação e o que se consegue aplicar nesse acompanhamento” de profissionais e jovens, que vivem questões várias como conflitos territoriais, oportunidades econômicas, o mercado de trabalho, as vias de saída limitadas. No pesquisa de Anjos (2013), o processo é entendido como apresentando fragilidades que precisariam ser diagnosticadas para que as práticas não ferissem os princípios que norteiam o serviço.

Os exemplos entre os muitos trabalhos mapeados apontam para as dificuldades na efetivação de políticas públicas que envolvem as juventudes nos diversos territórios ocupados e cenários que atravessam as vidas, as possibilidades, as ações e mudanças dos caminhos almejados. As dificuldades enfrentadas dizem respeito, principalmente, aos entendimentos das políticas elaboradas, o diálogo entre as demandas das juventudes e seus variados contextos e tais políticas, assim como das questões estruturais da sociedade que interferem nas ações e nos passos construídos, assim como os obstáculos de ordem material, burocrático.

Levando em consideração o recorte apresentado e, especialmente, os desafios, apontamos para os interesses sobre a Rede Cuca como campo de pesquisa, de interrogações e buscas de encontros com os equipamentos destinados às juventudes, as propostas, execuções, contradições e potências fincadas em uma cidade como Fortaleza. Entendemos que os questionamentos que nos levaram ao campo versam de forma especial acerca das possibilidades da Rede, que faz parte da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, da Prefeitura de Fortaleza, que apontam para as juventudes e para a cidade, uma vez que vem se configurando como espaço importante e peculiar das demandas dos jovens, das ofertas do Poder Público e dos encontros dos cenários e atores que interagem e criam em tais territórios.

2.6.1 As estruturas da Rede Cuca

As primeiras visitas aos Cucas (Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte) já em funcionamento – lembrando as visitas às obras enquanto repórter – sempre foram de surpresa com a grandiosidade física das estruturas. Em áreas da cidade ainda marcadas pela horizontalidade das construções, os Cucas se fazem notar de longe no cenário da Barra do Ceará, Mondubim e Jangurussu. Localizados em três bairros das Regionais I, V e VI, respectivamente, os equipamentos estão em regiões e divisões administrativas que possuem 15 (Regional I), 18 (Regional V) e 27 bairros (Regional VI). No entanto, com a ausência de equipamentos nas Regionais II, III, IV¹⁸, que reúnem, respectivamente, 19, 17 e 19 bairros, além do Centro, que possui Regional própria, jovens de bairros que não fazem parte das Regionais em que os Cucas estão instalados e, até mesmo, oriundos da Região Metropolitana de Fortaleza¹⁹, participam de atividades da Rede.

O Cuca Che Guevara, usualmente conhecido como Cuca Barra, entregue na gestão da prefeita Luizianne Lins (PT) em 2009, possui ginásio, anfiteatro e pista de esportes radicais (localizados em praça pública e fora das grades e ‘proteção’ do Cuca), piscina semiolímpica, campo de futebol de areia, cineteatro, cineclube, salas de aula, laboratórios, área de convivência. O equipamento, modelo para o que viria a ser a Rede, foi uma demanda do

¹⁸A proposta inicial é de um Cuca para cada Regional de Fortaleza, totalizando, assim, seis Cucas. Até 2017, ainda havia a espera pelo início das obras de dois Cucas, cujo processo de escolha de local e avanço nas negociações havia sido indicada como adiantado: Cuca da Regional III, no Pici e Cuca da Regional IV, no bairro Vila União. O Cuca da Regional II é o que, até o momento, indica menos avanço, com possibilidade de ser construído no Vicente Pizón.

¹⁹A Região Metropolitana de Fortaleza é formada por 14 municípios, são eles: Aquiraz, Caucaia, Cascavel, Chorozinho, Eusébio, Guaiúba, Horizonte, Itaitinga, Maracanaú, Maranguape, Pacajus, Pacatuba, Pindoretama e São Gonçalo do Amarante.

Orçamento Participativo (OP), mecanismo de participação da população implementado pela gestão da então prefeita Luizianne Lins. O Cuca Barra teve como local escolhido para ser construído um espaço icônico em outros tempos da história de Fortaleza: o Clube de Regatas da Barra do Ceará, ponto de encontro a partir da década de 60 das famílias que tinham poder aquisitivo para frequentar clubes, posteriormente abandonado para os seus objetivos iniciais e, em 2005, desapropriado para a efetivação do Cuca Che Guevara.

Os Cucas Mondubim (Cuca Chico Anyasio) e o Jangurussu (Cuca Luiz Gonzaga) seguem o modelo de salas, espaços para práticas esportivas e culturais, equipamentos de lazer e para atividades diversificadas que dispõe o primeiro equipamento. Em um ambiente de troca de gestões, os dois últimos Cucas foram entregues ainda em dezembro de 2012, pela então prefeita Luizianne. Com o início da primeira gestão do prefeito Roberto Cláudio (PDT), os Cucas foram considerados inacabados e com ajustes a serem realizados e, assim, novas previsões de funcionamento foram realizadas. Somente no começo de 2014, os equipamentos iniciaram suas atividades, ainda com ausências, como o teatro do Cuca Jangurussu, inacabado e fechado, realidade que continua até o início do segundo semestre de 2017.

Apresentada no site da Prefeitura de Fortaleza²⁰, a Rede Cuca ocupa espaço entre os projetos oriundos/executados pela Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude.

Seja bem-vindo à Rede Cuca. Aqui, temos oportunidades para a juventude. A Rede Cuca conta com três equipamentos mantidos pela Prefeitura de Fortaleza, com gestão do Instituto Cuca: Cuca Barra (Regional I), Cuca Mondubim (Regional V) e Cuca Jangurussu (Regional VI).

Localizados em territórios estratégicos, os equipamentos atendem jovens de 15 a 29 anos, residentes em áreas de alta vulnerabilidade social²¹.

Cada Cuca atende, por mês, mais de mil jovens em cursos de formação e esportes, e, aproximadamente, quatro mil pessoas nas atividades de difusão cultural, abertas ao público de todas as idades.

Isso sem falar das comunidades localizadas no entorno dos CUCAs, que se beneficiam direta e/ou indiretamente da vivência plena da condição juvenil.

Convidamos você a conhecer mais da Rede Cuca, certos de que um futuro melhor é possível e que passa por nossas juventudes. Vamos juntos.

Gerida pelo Instituto de Cultura, Arte, Ciência e Esporte, chamado Instituto Cuca que, segundo seu Estatuto, é uma “associação civil de direito privado, sem fins lucrativos ou

²⁰Disponível em: <http://www.fortaleza.ce.gov.br/juventude/rede-cuca> Acesso em 22 de março de 2015.

²¹Entre os 119 bairros de Fortaleza, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Mondubim (94º), Barra do Ceará (101º) e Jangurussu (111º) é de, respectivamente, 0,232/ 0,215 / 0,172. Os dados são do estudo ‘Desenvolvimento Humano, por bairro, em Fortaleza’, realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SDE) da Capital e lançado em 2014. Disponível em: <http://pt.calameo.com/read/0032553521353dc27b3d9>

econômicos, de interesse coletivo e caráter eminentemente organizacional, assistencial, esportivo, recreativo, educacional e cultural, sem cunho político ou partidário” (2014, p. 10), que é qualificado como Organização Social por meio do decreto nº 12.587 de 23 de outubro de 2009, a Rede é financiada com recursos da Prefeitura de Fortaleza, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do Governo Federal com orçamento anual médio de R\$ 6 milhões por equipamento.

O Instituto Cuca tem, como princípios institucionais de suas ações, de acordo com o Estatuto, no seu artigo 5º:

- I - Promoção da autoestima dos segmentos juvenis pelo estímulo ao seu potencial criador e produtor de conhecimentos;
 - II - Participação dos jovens como elemento indispensável na elaboração, discussão e implementação de suas ações;
 - III - Atividades na área de educação, formação, produção e difusão cultural como vetores fundamentais na geração de oportunidades, de emprego e de renda;
 - IV - Reforço da diversidade cultural como fator de riqueza e desenvolvimento sustentável.
- (Estatuto do Instituto Cuca, 2014, páginas 10-11)

As nove finalidades do Instituto Cuca presentes no documento são:

- I - Contribuir na reversão do quadro de exclusão que atinge o segmento juvenil, promovendo experiências e vivências construtivas, visando a elevação da autoestima de jovens envolvidos com os estigmas da pobreza, do racismo, do sexismo e discriminação contra jovens portadores de deficiência;
- II - Promover a inserção de jovens em experiências comunitárias inovadoras, que busquem a qualidade de vida, uma vida segura e um desenvolvimento integral;
- III - Incentivar práticas de valorização da vida e de inserção no campo dos direitos, com ênfase na afirmação das conquistas históricas no campo dos direitos humanos;
- IV - Promover conhecimento e fazeres na área ambiental e ecológica, de promoção e prevenção de saúde, de ciência e tecnologia, de participação política, de comunicação democrática, fortalecendo na população atendida uma consciência cidadã, de participação, de jovens como sujeitos;
- V - Constituir-se como espaço de referência para a população jovem, descentralizando equipamentos culturais, revitalizando e requalificando espaços urbanos, contribuindo no desenho de novas ações direcionadas à juventude;
- VI - Promover o empreendedorismo cultural afirmando a área da cultura como fator de desenvolvimento social da população jovem em Fortaleza;

VII - Ser um fator de articulação do conjunto de atores e ações centradas no desenvolvimento integral dos jovens, em especial dos projetos do PIPPJ (Programa Integrado de Políticas Públicas de Juventude de Fortaleza);

VIII - Realizar e/ou apoiar programas, projetos e ações de educação que contribuam para o acesso de jovens a Instituições de Educação Profissional Técnica de nível Médio, de Graduação e Pós-Graduação;

IX - Realizar e/ou apoiar programas, projetos e ações de Educação nos níveis de Ensino Fundamental, Médio e Educação Profissional Técnica de nível Médio com vista à inserção dos jovens no mercado de trabalho.

(Estatuto do Instituto Cuca, 2014, p. 11)

Entendemos como importante relacionar tais artigos de princípios e finalidades do Instituto Cuca por entendermos que, ao ser a organização social responsável por gerir a Rede Cuca, é imprescindível que compreendamos a abrangência de suas propostas. Com alterações e desdobramentos ao longo dos anos de existência, atualmente o Instituto Cuca tem Diretoria Executiva formada por diretoria, assessoria institucional, diretoria administrativo-financeira, diretoria de direitos humanos, diretoria de educação, esportes e cultura e diretoria de comunicação.

Assim, a Rede Cuca está no ‘guarda-chuva’ da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude e, entre as ações e projetos que fazem parte da coordenação dessa pasta estão a Academia Enem, ProJovem Urbano, as Praças de Juventude, os futuros três Centros de Artes e Esportes Unificados (CEU), o CredJovem, o Juventude na Onda. A Academia Enem é um projeto que atua na preparação de alunos da rede pública de ensino de Fortaleza para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), por meio de distribuição de material de estudo, aulões, vale-transporte e lanche para as atividades. Em 2016, 14 mil vagas foram ofertadas. O CredJovem é um programa em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SDE) que oferece crédito e capacitação para jovens que queiram abrir um negócio e cujo retorno do investimento é realizado sem juros. A ação é voltada para jovens oriundos da rede pública ou que tenham passado, pelo menos, 50% da vida escolar, na rede pública. O Juventude na Onda apoia escolinhas de surf já existentes no litoral fortalezense com equipamentos, recursos humanos e financeiros. As Praças da Juventude são espaços públicos que, desde a gestão anterior, de Luizianne Lins, vem sendo reformados e entregues com equipamentos como campos para esportes, ginásios, brinquedos, anfiteatros, pistas de skate, olhas digitais. Os Centros de Artes e Espaços Unificados (CEU) fazem parte de uma proposta do governo federal de um espaço em que programas e ações culturais, esportivas e de lazer, além de serviços de assistências, capacitação e inclusão digital estariam atuando em

conjunto em territórios de alta vulnerabilidade social com gestão do governo municipal e das comunidades.

2.6.2 O balanço da Rede

No percurso da pesquisa, do conhecer mútuo do campo e da pesquisadora em formação, o encontro com as turbulências e obstáculos da gestão pública, das políticas públicas para as juventudes que encontram questões orçamentárias, cortes de profissionais e incompatibilidade entre formas de atuação na Rede Cuca foram pontos fortes. Em alguns momentos desse período, as conversas, relatos em redes sociais e indicações de muitos profissionais eram de dificuldades de realização de atividades, atrasos de salários, incompatibilidade de entendimento sobre algumas iniciativas, desacordos sobre a atuação dentro dos equipamentos e nos territórios, questões que atravessavam os fluxos e as relações da pesquisa com campo.

Entre falas informais, textos publicados em redes sociais, mobilizações dos jovens em eventos que contavam com participação de gestores, leitura de carta²² em evento público relatando as situações vistas, o receios, a realidade de cortes e cursos que deixaram de ser ofertados, espaços não finalizados, reivindicação de participação contínua nas decisões, assim como necessidade de reuniões dos movimentos das juventudes e das gestões de políticas foram apontadas como exemplos dos descompassos da construção de uma política efetiva que dialogasse com as diversas realidades e territórios que compõem a vastidão da cidade.

Um ponto imbricado com os demais e que foi muito expressivo no balançar da Rede do qual tratamos aconteceu em março de 2016, quando toda a diretoria do Instituto Cuca, organização social que gere a Rede Cuca, entregou os cargos (diretoria geral, diretoria de educação, diretoria de direitos humanos, diretoria de difusão e programação, assim como superintendência administrativo-financeira). Logo em seguida, o equipamento localizado no bairro Jangurussu foi ocupado por jovens que participam das atividades da Rede e de diversos coletivos juvenis e sociais. Durante os dias de ocupação, jornais locais indicavam que as motivações para a ocupação eram o fim das demissões, mais aporte financeiro, assim como melhor diálogo com as ‘forças de segurança’ presentes nos equipamentos²³. Educadores

²²Vídeo e íntegra da carta lida pelos jovens e entregue ao secretário de Juventude, Júlio Brizzi disponível em: <https://www.facebook.com/ruajuventudeanticapitalista/videos/522676314566316/> Acesso em: 5 de dezembro de 2015.

²³Disponíveis em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/online/jovens-seguem-ocupando-cuca-do-jangurussu-pelo-segundo-dia-1.1518404> e <http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/03/25/noticiafortaleza,3593953/jovens-ocupam-cuca-jangurussu-e-pedem-fim-das-demissoes-na-rede.shtml> Acesso em 24 de maio de 2016.

sociais demitidos, cursos e programações descontinuadas e orçamento incerto foram alguns dos pontos elencados na ocupação, que durou quatro dias e terminou com indicativo da gestão da Prefeitura de Fortaleza de aceitar as reivindicações dos grupos, apesar da negação das indicações de cortes orçamentários.

Nesse ponto, a ex-diretora de Direitos Humanos, Luisa Cela indicou, em matéria publicada ao fim da ocupação pelo jornal O Povo²⁴, que a inexistência de um processo definido era o maior problema. "Não é uma política pública. São projetos, programas que acabam ficando muito vinculados ao gestor que está à frente da coordenadoria. Não existe uma segurança em relação a política a ser desenvolvida", declarou. Dentre os fatores que causavam insegurança, ela afirmava não existir "definição mínima orçamentária" e que o corte orçamentário pela Prefeitura e a redução de oferta de atividades prejudicaria a execução das políticas.

Durante todos esses acontecimentos, as atividades que acompanharíamos ficaram fluando nas incertezas das descontinuidades das gestões que impulsionavam alguns dos projetos, das tentativas de, no meio de uma turbulência, reorganizar atividades, assim como da perda de referências de muitos dos profissionais, facilitadores e educadores. Após as movimentações e, ainda sem novas diretorias, a primeira quinzena de abril chegou sem o pagamento dos funcionários da Rede e paralisações integrais e parciais das atividades nos três equipamentos²⁵. Posteriormente, o Instituto Cuca recebeu indicações de diretor (Ismenio Bezerra), assessora institucional (Ana Márcia Diógenes), diretora administrativo-financeira (Ângela Studart), diretor de comunicação social (Rogério Maia), diretor de direitos humanos (Daniel Mamede) e diretor de educação, esportes e cultura (José Eugenes)²⁶. Em fevereiro de 2017, a diretoria do Instituto Cuca sofreu uma nova mudança, com o ex-atleta de vôlei, Márcio Araújo, assumindo o cargo.

Entendemos como importante essa breve passagem pelos acontecimentos que atravessaram a Rede Cuca como forma de avançarmos um pouco mais na compreensão das mobilizações que esses espaços institucionais geram por existirem grupos, coletivos e relações entre jovens, profissionais, entendimentos de direitos conquistados e a serem efetivados. Assim como por atravessarem as relações construídas durante a aproximação do

²⁴Disponível em <http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/03/28/noticiafortaleza,3594978/prefeitura-acata-reivindicacoes-de-manifestantes-e-nega-cortes.shtml>. Acesso em 24 de maio de 2016.

²⁵Disponível em <http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/04/13/noticiafortaleza,3602393/colabores-da-rede-cuca-estao-sem-receber-salario.shtml>. Acesso em 24 de maio.

²⁶Disponível em <http://www.fortaleza.ce.gov.br/juventude/noticias/juventude/nova-diretoria-do-instituto-cuca-toma-posses>. Acesso em 24 de maio de 2016.

campo, as atividades a serem acompanhadas e os processos de realização que davam o ritmo da Rede até então acompanhada.

3 ATRAVESSANDO A REDE CUCA, AS JUVENTUDES E A COMUNICAÇÃO

As perguntas que nortearam a vontade de pesquisar e, posteriormente, as inquietações do processo de pesquisa consolidaram a Rede Cuca como território do nosso caminhar e dos encontros com os potentes e possíveis interlocutores. Levando em consideração o tamanho dos equipamentos e, especialmente, a complexidade das atividades e relações que se interligam nestes equipamentos, reverberando a cidade, não poderíamos (como foi querido no início, quando o campo era uma ideia pré-concebida) ‘dar conta’ de tal cenário para a partilha do que ali se constrói, do que falta e do que ultrapassa. Entendemos, no entanto, a importância de vislumbrarmos as relações que são construídas e vivenciadas na Rede pelos impactos que tais fluxos podem ter nas questões que nos impulsionaram neste caminho, no que diz respeito à diversidade de territórios, de jovens, de pontos institucionais que se estabelecem e atravessam as produções de sentido, assim como os projetos de comunicação.

Os fluxos que perpassam cada equipamento e que envolvem, especialmente, funcionários e os jovens que, das mais diversas e potentes formas, ali se implicam são mais profundos do que o que podemos trazer nestas linhas que tentam organizar um percurso pessoal, coletivo e com olhos voltados para as possibilidades de diálogo. Mesmo ciente de tais limitações – e das consequências de tais limitações – buscamos neste tópico do trabalho trazer o cenário da Rede Cuca como vivenciado durante nossa estada atenta e afetada. As possibilidades, as tensões, os balanços, o que vem de fora e alcança, o que sai de dentro e afeta. Além das questões referentes ao funcionamento e organização da Rede Cuca – o que julgamos como essencial para entendimento básico dos equipamentos – também buscamos a partilha dos obstáculos enfrentados, do que é possível de ser alinhavado sobre a comunicação que se inventa nos equipamentos. O encontro do grupo de jovens comunicadores e interlocutores do recorte desta pesquisa com os equipamentos também é trazido como forma de aproximação de tais experiências e indicativo dos movimentos existentes para conhecer, participar e ampliar os passos das juventudes que atravessam a rotina desses equipamentos tão caros à cidade e que também refletem as muitas faces, camadas e desafios da urbe.

3.1 Ofertas e demandas dos Cucas e das juventudes

Não objetivamos alcançar as dimensões das atividades, rotinas, ações e relações que existem nos fluxos de equipamentos que reúnem tantas pessoas, cursos, territórios, demandas, ofertas, burocracias e atravessamentos vários, mas pontuar alguns aspectos de tais

movimentos que consideramos importantes para avançar no entendimento da amplitude dos Cucas no cotidiano citadino.

Assim, entendemos como importante a compreensão de como a organização das programações oferecidas pela Rede aos jovens mudou ao longo do período de pesquisa (com alterações nas Diretorias, desdobramentos de funções e atribuições, concentração de atividades sob a gestão de diferentes equipes). Antes de algumas mudanças e, intensificadas após as novas dinâmicas, reclamações sobre a ausência de formações mais longas, a falta de cursos com foco em cultura ou, em outros casos e com outra perspectiva do equipamento, cursos de cunho profissionalizante foram acolhidas em conversas informais ou vistas em manifestações como cartazes colados em flanelógrafos dos Cucas. Percepções diferentes sobre o papel do equipamento, muitas vezes citando uma ideia de proposta inicial do Cuca – projeto iniciado em 2009, o entendimento das demandas das juventudes, a participação dos jovens nos processos de construção das práticas, das ofertas e das efetivações da Rede também fizeram parte desse processo de escuta e de tentativa de percepção das dinâmicas ali existentes.

Sem ser uma oposição direta, mas um complemento a tais visões, muitos também foram os relatos de aproveitamento de todos os cursos possíveis, da sensação de ter no Cuca uma ‘segunda casa’, de pessoas que passavam pelos diversos eixos de atuação da Rede, que percebiam nos equipamentos a possibilidade de mudança de vida, de efetivação de direitos, de formação ampla, como compartilhado por uma das interlocutoras da nossa pesquisa.

(...) aqui eu fiz canto, eu fiz audiovisual, fotografia, teatro, aqui eu fiz oficina de palhaço, fiz milhões de coisas que eu não teria acesso em outro canto. E do lado da minha casa. Então o Cuca ele é um equipamento que, se você souber como utilizar, você não tem limite. E além de ficar você se profissionaliza, você é formado de verdade, entendeu? (Patrícia)

As relações pessoais que atravessam a rotina dos equipamentos também foram recorrentes entre os relatos dos jovens, sejam com os demais jovens que ocupam e participam das atividades, seja com funcionários e colaboradores que formam a Rede.

Aqui a gente é tratado como filhos, porque os formadores, os professores, os educadores sociais, além de já ter uma experiência de conhecer o equipamento, eles têm estratégias de lhe aproximar cada vez mais, eles vão cuidando de você, lhe podendo. (Patrícia)

Eu, por exemplo, eu vinha aqui só pra passear. Porque o Cuca, além do espaço e dos cursos em si, a galera é super gente boa, você se sente à vontade. Teve alguns momentos, quando eu não tô bem em casa, eu venho pra cá, porque a gente conversa, a galera troca ideia, acho super gente boa. Muito mais do que espaço de curso e tal, é uma família. A galera te recebe super bem. (Eduardo)

As relações pessoais ganham visibilidade e força nos olhares lançados aos equipamentos e ao papel desses espaços na vida e na formação dos jovens que se disponibilizaram a ser interlocutores desta pesquisa. Os relatos também apontam para as muitas vontades de realizar que encontrei, especialmente, nos educadores sociais que atuam nos equipamentos, que encaram questões administrativas que ultrapassam as funções delimitadas, muitas demandas de atenção e muita energia destas pessoas que atravessam uma diversidade de atuações dentro dos espaços dos Cucas, que chamavam os jovens pelos nomes, que paravam e perguntavam como estavam, que sabiam das histórias, que eram chamados para intervir, ouvir, apoiar, falar. Assim, a atuação dos educadores foi ponto de importante reflexão acerca de tais equipamentos, principalmente no que diz respeito aos encontros com os jovens – vistos e relatados em diversos momentos – como fora da ordem dos equipamentos, como causadores de problemas, os não-inseridos, como aponta Reguillo (2000).

Tais encontros e percepções com os educadores foram potentes no período da pesquisa em que estivemos debruçados sobre o processo de um projeto chamado Memórias, realizado no território do Morro de Santiago, na Barra do Ceará, o que resultou em artigos²⁷ publicados acerca de tais reflexões que, entre outras questões, apontavam para a importância dos educadores nos processos de aproximação dos jovens, dos moradores e dos territórios. No caso do processo no Morro de Santiago, por exemplo, nossa interlocutora (educadora do equipamento) apontava que a abertura da comunidade à presença de atividades no equipamento foi conquistada na informalidade do diálogo, de “sentar no pátio e ficar conversando”, o que nem sempre era compreendido pelos demais funcionários. “Eles não entendem a magia que está sendo construída ali, não entendem que boa parte da segurança do

²⁷ Cartas para Santiago: narrativas das juventudes e Juventudes, memórias e territorialidades: caminhantes do Morro de Santiago foram apresentados, respectivamente, no III Congresso Internacional Red INAV e no Congresso Internacional Comunicação e Consumo, ambos em 2016.

Cuca se constitui não de polícia, mas das relações que são feitas com a comunidade”, complementou à época²⁸.

Dois espaços simbólicos das implicações afetivas presentes no Cuca Barra durante nosso trajeto foram a piscina e o anfiteatro. A piscina (usada para as práticas esportivas) era, em determinados momentos, ‘invadida’ por diversos jovens para brincadeiras, o que não era permitido pelas regras do equipamento. Nestes momentos, os educadores sociais – responsáveis pelas mediações – entravam com o diálogo entre as demandas de lazer dos jovens e a contravenção das regras do Cuca. Processo longo – com recaídas e posterior inclusão de momentos de recreação para a comunidade nos fins de semana. Em muitos desses momentos, a ideia e o termo irônico ‘dos meninos bons’ eram ouvidos, ou seja, aqueles que não participavam das atividades oficiais do Cuca, mas ocupavam os espaços com seus celulares, conversas, músicas, interesses e que tinham nos educadores sociais portas de diálogo, como apontado pela Educadora. O anfiteatro, outro espaço simbólico, foi cenário de muitas atividades de aproximação, de conversas informais, de relatos de encontro entre histórias de vida. Também foi nesse espaço que atividades de redução de danos foram sendo incorporadas à rotina do Cuca Barra e, posteriormente, ocupado por eventos culturais promovidos pelos jovens em grupos com diferentes interesses musicais e dias de atuação.

As relações dos jovens, atividades, educadores, professores, monitores, famílias e comunidades perpassam uma organização em eixos que buscaremos indicar brevemente como forma de entender em quais linhas de ação a Rede Cuca atua no que se refere aos equipamentos e às políticas públicas que busca efetivar. A partir de maio de 2016, os programas da Rede passaram a se organizar em três eixos principais: Educação, Esporte e Saúde; Comunicação; e Promoção dos Direitos Humanos, cada um com projetos e ações específicas, mas com diálogos para a realização de atividades conjuntas. Antes desse período, a organização administrativa acontecia nos programas de Difusão e Programação, Promoção dos Direitos Humanos e Educação. A mudança alterou nome, organização e concentração de atividades. Assim, o programa de Difusão e Programação foi substituído por Educação, Esporte e Cultura, a Comunicação virou um eixo independente, enquanto na estrutura anterior estava dentro dos eixos de ação da Promoção dos Direitos Humanos, que continuou existindo.

O programa de Educação, Cultura e Esporte concentra cursos intensivos e extensivos, práticas esportivas variadas, exibição de espetáculos de arte cênica, musicais, filmes,

²⁸Entrevista realizada no dia 18 de abril de 2016 na residência da Educadora, como a referenciaremos ao longo do trabalho.

exposições, projetos que envolvem jogos, como os de tabuleiro, de estratégia e digitais, bate-papo sobre temas diversos e propostas de grupos de jovens reunidos ao redor de uma temática comum. Entre as práticas esportivas oferecidas estão natação, futebol, futsal, triathlon, handebol, basquete, voleibol, pilates, treinamento funcional, capoeira, muaythai, jiu-jitsu. Já os cursos, sejam intensivos ou extensivos, apresentam variação de oferta a cada mês, assim como diferentes cargas horárias e número de vagas. Para exemplificar a oferta, podemos citar cursos de design gráfico, animação, fotografia básica, hip hop, mixagem de áudio, técnicas de desenho, técnica vocal, dança e teatro, informática, vídeos para internet, inglês, artes digitais, técnico de palco, desenvolvimento de sites, percussão.

O programa de Promoção dos Direitos Humanos engloba projetos que atuam nas áreas de Promoção à Saúde, Economia Criativa e Participação Juvenil. No alcance dos projetos da Economia Criativa, que tem como foco “implementar e monitorar políticas para o desenvolvimento local”, segundo folheto de programação da Rede Cuca, estão ações como o Edital Ação Jovem e atendimentos no que diz respeito à orientação sobre currículos e empregabilidade, estímulos e capacitação para projeto e editais.

Já na abrangência das ações da Participação Juvenil da Rede estão o Fórum de Jovens, o Cuca na Comunidade e o Comunidade em Pauta. O primeiro se concentra em reuniões e discussões dos jovens sobre assuntos relevantes para as juventudes de Fortaleza, pautadas e organizadas pelos jovens (e com páginas específicas no Facebook para divulgação de eventos, mobilizações, marcação de reuniões etc.). O Cuca na Comunidade tem como foco a presença dos equipamentos e seus colaboradores em comunidades dos bairros com atividades diversificadas. Assim, profissionais, oficinas e eventos culturais são levados para fora dos limites físicos dos equipamentos como forma de construir diálogos e aproximar o equipamento das pessoas. Tal movimento além-muro foi considerado desde o início da nossa escuta em campo como um diferencial potente para construir uma relação entre políticas públicas e as comunidades existentes nos entornos dos equipamentos, caminhando assim para a possibilidade de ultrapassar um obstáculo relatado desde o começo dos processos (do Cuca, ainda em 2009, por meio de conversas com pessoas presentes nesse percurso e da pesquisa e, em 2015, por meio das nossas observações e leituras): a distância que persistia entre equipamento público e as pessoas da cidade que, muitas vezes, estavam tão próximas geograficamente. No entanto, ao longo do nosso período em campo, foi possível perceber como o Cuca na Comunidade perdeu a amplitude inicial na realização, que incluía atividades em vários dias consecutivos, resultando em ações mais pontuais.

Já o Comunidade em Pauta tem como atividade primordial a solicitação pela comunidade de espaços (salas, teatro, campo, ginásio etc.) nos equipamentos para ensaios, atividades esportivas, entre outras possibilidade de uso. Em reuniões mensais acontece o encontro para a marcação dos dias e horários e disputa acirrada pela disponibilidade das salas e áreas esportivas.

3.1.2 A violência do além-muro

Ao buscarmos os trabalhos acadêmicos realizados com as questões juvenis, a violência (e suas diversas faces) é ponto recorrente nas diversas áreas do conhecimento que se encontram e debruçam sobre as diversidades das juventudes (DIÓGENES, 2008; OLIVEIRA, 2015). Sejam os discursos e vivências de violência, as consequências, os motivos e caminhos, as propostas de novas configurações. Ao iniciar os passos de pesquisadora em formação, buscava as narrativas dos jovens do Cuca sobre eles mesmos e as comunidades que atravessavam imaginando que a violência se faria presente nos discursos, mas também querendo auscultar o que viria para além dela. Sem os entendimentos das potências – e da normalidade – da violência. Curiosa era sobre os relatos ouvidos de que o Cuca era ponto de mediação e até mesmo um potencial ‘terreno neutro’ nas relações dos jovens com a cidade, com histórias de casos como o de um jovem ameaçado que se escondeu durante todo um dia em um dos equipamentos, sobre educadores que intervinham em juras de surra ou morte por desrespeito a determinadas regras impostas por grupos externos, questões que envolviam conflitos de territórios que atravessavam os portões – quase – sempre abertos dos Cucas.

E, ao longo dos vários mergulhos de tentativa de conhecimento dos campos que me atravessaram e, conseqüentemente, à pesquisa, muitas mortes foram lamentadas. Nesse percurso, uma chacina aconteceu. Onze pessoas foram mortas em novembro de 2015 nos bairros Curió, Messejana, Alagadiço Novo e São Miguel em um intervalo de três horas e meia²⁹. Todos homens e, entre eles, sete jovens entre 16 e 19 anos. Alguns participantes ou ‘atendidos’, como alguns nomeiam, pela Rede Cuca. Ao longo dos meses que se seguiram, mobilizações, caminhadas, atos, vídeos com familiares, amigos, filmes³⁰ sobre a chacina aconteceram, realizados por coletivos de jovens, movimentos sociais, familiares. Em muitos dos momentos de mobilização nas ruas, encontrei profissionais e educadores sociais da Rede

²⁹Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2015/11/12/noticiafortaleza,3532865/secretaria-divulga-lista-dos-11-mortos-em-chacinas-na-grande-messejana.shtml> e <http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2015/11/13/noticiasjornalcotidiano,3533142/policia-apura-tres-linhas-de-investigacao.shtml>. Acesso em 12 de maio de 2016.

³⁰Onze – a maior chacina da história do Ceará é um documentário colaborativo e está disponível na internet: <https://vimeo.com/158372638>

Cuca participando, militantes antigos das questões das juventudes e das periferias. Em abril de 2016, 38 policiais civis e militares³¹ foram indiciados pela participação na Chacina da Grande Messejana, sendo apontada a provável participação de outros e como motivo, resposta à morte de um policial naquela mesma noite em que onze foram mortos.

Após a chacina, as discussões sobre a morte dos jovens das periferias de Fortaleza ganharam abordagens pontuais e colocaram luz às mobilizações continuadas, lembrando que as mortes acontecem todos os dias, continuam acontecendo pelos braços armados, sejam os institucionais ou não. E, assim, a população jovem, sejam os ‘atendidos’ pela Rede Cuca ou não, são mortos pela violência que tantos coletivos, organizações e militantes apontam como algo maior dos jovens das periferias brasileiras. E que os números comprovam. O Mapa da Violência³² de 2014, cujo foco era o Jovem do Brasil, diagnosticou que a principal causa de morte na faixa etária de 15 a 29 anos é o homicídio. E o perfil de jovem morto é o da pessoa negra, do sexo masculino, moradora das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. O Mapa de 2015, com foco nos jovens de 16 e 17 anos (abordagem que dialoga com as discussões sobre redução da maioridade penal no País), apontou que 3.749 jovens com 16 e 17 anos foram mortos em 2013, resultando em 10,3 jovens dessa faixa etária mortos por dia no Brasil. A projeção de mortes para 2015 era de 3.816.

Nas matérias de portais e jornais de Fortaleza, a posição da capital nos rankings de violência de diversos institutos e pesquisas rotineiramente traz os jovens como pontos de foco dessas mortes. Repercutindo os números do Mapa da Violência, matéria de 2015 do portal O Povo Online³³ indica que o Ceará teria a terceira maior taxa de assassinatos contra jovens, com o panorama de 108 mortos para cada 100 mil habitantes, com taxa de crescimento dos homicídios de 436%. No recorte de Fortaleza, a taxa de homicídios é a maior do País, com 267,6 homicídios por 100 mil habitantes. A matéria indica ainda que, em 2003, tal taxa era de 23,5, um aumento de 1040%.

Reguillo (2000) aponta que, com a transferência de responsabilidade que coloca nos jovens, em especial os das periferias, a “culpa” da violência nas cidades, sem que haja uma

³¹Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2016/04/07/noticiasjornalcotidiano,3599296/38-policiais-indiciados-por-participacao-direta-na-chacina-do-curio.shtml> Acesso em 12 de maio de 2016.

³²O Mapa da Violência apresenta estudos sobre a violência desde 1998. A cada ano, a abordagem do Mapa se foca em uma temática, motivo pelo qual, apresentamos os dados de 2014, cujo recorte dialoga diretamente com nossas questões e inquietações. Os Mapas seguintes foram: Mortes matadas por armas de fogo (2015), Adolescentes de 16 e 17 anos no Brasil (2015), Homicídio de mulheres no Brasil (2015), Homicídio por arma de fogo no Brasil (2016).

³³Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/radar/2015/06/30/noticiasjornalradar,3462264/ceara-e-o-3-em-homicidios-contra-jovens.shtml>. Acesso em 26 de março de 2016.

abordagem sociopolítica do contexto e diante dos estereótipos e das configurações de medo, a repressão chega e alcança as juventudes de diferentes formas. E, nesse movimento, há uma balança esquizofrênica em que pesam “mortos bons” e “mortos maus” e, ainda, “mortos esquecíveis” (p. 156, tradução nossa).

Las noticias de hechos de violencia en contra de jóvenes se convierten en algo natural, normal, pasan a segundo plano, se olvidan. Y con esta amnesia se contribuye a la aceptación de la impunidad, a la tolerancia infinita que no es capaz de ponerle un freno a la violencia provenga de donde provenga. (REGUILLO, 2000, p. 156-157)³⁴

A questão das violências carregadas – de diferentes formas – pelas rotinas dos habitantes que partilham a cidade recai nos jovens das periferias com o peso dos fluxos de medos constituídos no ir e vir e rondam os Cucas com diversos desafios e cenários a serem confrontados com as políticas, os braços de ações possíveis de serem unidos no contexto da cidade apartada por tantas desigualdades.

Em maio de 2014, por exemplo, dois homicídios ocorridos no anfiteatro do Cuca Jangurussu colocaram nas pautas da imprensa local a questão da insegurança nos entornos dos Cucas. Segundo matéria do jornal O Povo do dia 27 de maio daquele ano³⁵, os Cucas “têm sucessivos casos de violência para quem estuda, trabalha ou frequenta as áreas”, complementando que, na noite do dia 24 de maio, um sábado, “dois jovens foram mortos – o primeiro recebeu nove tiros e o segundo foi alvejado por um disparo”. Na matéria, o então titular da Coordenadoria de Juventude de Fortaleza, Élcio Batista, apontava que a existências dos equipamentos tinha na alta vulnerabilidade e insegurança sua justificativa, apesar de ser “um trabalho lento e requer participação social. E um conjunto de responsabilidades partilhadas por todos nós – poder público, população, empresários”.

3.2 Comunicando e inventando no Cuca

A área de comunicação nos equipamentos da Rede Cuca possui equipes, ações e projetos próprios e em diálogo com os demais programas. No entanto, desde que começamos a frequentar os Cucas, especialmente o Barra e Jangurussu, percebemos as demandas das mais variadas que os profissionais de tal setor atendiam. Assim, além de projetos como o Repórter

³⁴“As notícias de fatos de violência contra jovens se convertem em algo natural, normal, passam a segundo plano, se esquecem. E com esta amnésia se contribui a aceitação da impunidade, da tolerância infinita que não é capaz de pôr um freio a violência venha de onde venha”. (REGUILLO, 2000, p. 156-157, tradução nossa)

³⁵Disponível

em:

<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2014/05/27/noticiasjornalcotidiano,3257034/violencia-no-entorno-dificulta-o-trabalho-dos-cucas.shtml> Acesso em 24 de maio.

Cuca, as atividades da Rádio Cuca, os cursos e oficinas com foco na comunicação, os profissionais da Comunicação Popular estavam envolvidos em diversas iniciativas, projetos, atividades que perpassavam a atuação dos equipamentos públicos junto às políticas públicas da área de juventude de Fortaleza.

Como definição das atividades da equipe de comunicação, apontamos para as informações contidas nos livretos de divulgação da programação da Rede. Buscaremos realizar um breve panorama sobre algumas das produções e atividades foco da equipe de Comunicação Popular/Comunitária da Rede Cuca: o Repórter Cuca, a Rádio Cuca e o Conexões Periféricas. No entanto, um dos pontos que dificulta o entendimento do processo dos dois primeiros projetos é a ausência de um espaço que reúna todos os materiais produzidos, seja em um ambiente virtual ou físico, mesmo que existam páginas em redes sociais e canais no YouTube com produções pontuais. Tal cenário ganhou contornos mais drásticos com a chegada do período eleitoral em 2016 e as limitações de publicidade institucional previstas pela Lei das Eleições (Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997), resultando em um contexto em que livretos pararam de ser produzidos, as páginas nas redes sociais foram suspensas e qualquer divulgação das atividades ou produções ficou restrito aos perfis pessoais dos colaboradores da Rede Cuca ou cartazes distribuídos nos equipamentos.

Além do Repórter Cuca, da Rádio Cuca e do Conexões Periféricas, projeto que acompanhamos a segunda edição neste percurso no Cuca Barra, achamos importante abordar de forma sucinta atividades que dialogam com as ações da Comunicação, como é o caso do projeto Memórias e o Edital Ação Jovem. Este último faz parte do programa de Promoção dos Direitos Humanos e “visa estimular o protagonismo juvenil e promover a autonomia dos jovens por meio da experimentação de novas possibilidades e novos olhares sobre a cidade”³⁶, contemplando áreas variadas, como comunicação popular, cultura, arte, promoção à saúde, meio ambiente, economia criativa, esporte, ciência com orçamento de R\$ 3 mil para cada projeto. Assim, propostas que dialogam com a comunicação estão presentes e ganham desdobramentos. Ao observarmos os últimos editais, destacamos um do Cuca Jangurussu, o Jangurussu.DOC, um dos dez contemplados no II Edital Ação Jovem dos Cucas Mondubim e Jangurussu, cujo resultado foi divulgado em dezembro de 2015.

O Projeto JangurussuDoc foi concebido para fortalecer a história afetiva do bairro Jangurussu, incentivar a produção de conteúdo documental sobre a cultura do bairro, publicando principalmente em mídias digitais, através de

³⁶Disponível no <http://www.fortaleza.ce.gov.br/juventude/noticias/juventude/prefeitura-de-fortaleza-divulgados-selecionados-do-ii-edital-acao-jovem>.

depoimentos e vivências com personagens que representam a antropologia e o potencial de um bairro periférico de Fortaleza. (Trecho da página JangurussuDoc no Facebook³⁷)

Já as edições do projeto Memórias apresentaram abordagens de pesquisas sobre as comunidades do entorno do equipamento por meio da produção cultural, as vivências, as especificidades, as histórias relacionadas às memórias das pessoas, dos espaços e dos jovens que mergulham na participação do processo. Assim, além da formação técnica para o uso de câmeras fotográficas e de vídeo, composição de roteiros e edição de vídeos, aconteceu a formação na busca pelos entendimentos e aberturas para as histórias de vida de cada pessoa, da comunidade. No Cuca Barra, a edição de 2014 abordou a ‘Velha Barra’, área do bairro Barra do Ceará, que guardaria as histórias mais antigas e de formação do local. Em 2015, a temática foi o pintor Chico da Silva, que foi morador do Pirambu, importante bairro da região.

Em junho de 2015, a terceira expedição do Projeto aos limites externos do Cuca Barra narrou as experiências dos jovens participantes ao buscarem as memórias, fotografias, vivências cotidianas dos moradores do Morro de Santiago (também chamado de Morro de São Tiago), território do bairro Barra do Ceará. Os resultados foram a exposição fotográfica ‘Santiago: memórias, afetos e resistências’ e o filme ‘Cartas para Santiago’. A edição realizada no Morro de Santiago fez parte do nosso percurso de pesquisa, uma vez que, uma análise do processo e do filme, assim como entrevista com educadores e participantes foram realizadas, resultado em artigos publicados ao longo do período dedicado ao curso de pós-graduação.

3.2.1 Repórter Cuca

O Repórter Cuca está presente em todos os equipamentos da Rede, atuando principalmente com equipes que produzem conteúdos de comunicação, levando em conta, como nos demais projetos e atividades, as peculiaridades e demandas de cada território. Na definição das atividades do Repórter Cuca, consta uma diferença sutil entre períodos detalhando as ações do projeto.

I) Repórter Cuca: Jovens comunicadores responsáveis por produzir pautas sobre as comunidades, os moradores e os temas que interessam a juventude, além de acompanhar a agenda da Rede Cuca. (Folheto de programação de setembro de 2015)

³⁷Disponível em <https://www.facebook.com/fortalezahoje/?fref=ts> Acesso em 29 de julho de 2016.

II) Repórter Cuca: Jovens comunicadores na produção de pautas sobre a comunidade e juventude. (Folheto de programação de junho de 2016)

A diferença sutil recai, especialmente, em um ponto que foi observado durante nosso percurso como central na atuação do Repórter Cuca dentro da Rede: o acompanhamento da agenda da Rede Cuca. Entendemos que a maior parte das pautas produzidas e divulgadas no período em que estivemos em campo dizia respeito às programações, atividades, ações da própria Rede, uma linha institucional que permeava a experiência de comunicação dos jovens participantes do projeto.

Em entrevista com Hozana Arruda³⁸, na época técnica de rádio do Cuca Barra, o surgimento do Repórter Cuca ganhou como data o ano de 2013, época em que, pelo relato compartilhado, a rádio já possuía uma organização de programas há, pelo menos, um ano, mas os profissionais sentiam falta de um viés da linguagem e abordagem jornalística. Assim, foram iniciadas formações e turmas que discutiam as linguagens jornalísticas, técnicas e práticas, edição, assim como textos sobre a leitura crítica da mídia e sobre comunicação popular. Segundo ela, ao longo da existência do Repórter Cuca no equipamento da Barra, um dos maiores obstáculos foi a falta de ajuda de custo para jovens comunicadores, uma vez que as realidades dos jovens são distintas. Para a profissional, as maiores perdas para o caráter de continuidade do projeto foram decorrentes da falta de dinheiro para passagem, por exemplo, assim como ausência de um lanche para os períodos que os alunos ficavam nas formações, reuniões de pauta etc.

O contexto ao longo da nossa presença em campo, por exemplo, foi apontado como difícil para compor atividades do projeto pela não continuidade dos jovens, motivados, principalmente pelo envolvimento com outros projetos (no próprio Cuca e pessoais) ou por não terem condições de frequentar o equipamento com periodicidade. Assim, ao longo do tempo, os repórteres que atuavam de alguma forma nas atividades do Repórter Cuca o faziam por interesse na temática, na realização de coberturas com equipamentos como máquinas fotográficas e de vídeo, na ampliação do conhecimento, como formação complementar aos cursos já realizados. A partir de 2017, no entanto, os jovens selecionados passaram a receber uma bolsa para ajuda de custos e, assim, uma efetivação de periodicidade fixa dentro do equipamento.

³⁸Entrevista realizada no dia 27 de junho de 2016 no Cuca Barra.

O Repórter Cuca possui um perfil no Facebook³⁹, criado pelos próprios jovens que faziam e ainda fazem parte do projeto e único que continuou ativo durante o período eleitoral (por não ser oficial da Rede), onde são postadas matérias e coberturas realizadas pela equipe, resultados de oficinas e cursos e, principalmente, divulgação de eventos da Rede. A página se torna, assim, um importante ponto de reunião de materiais produzidos, uma vez que, como apontado anteriormente, não existe um canal oficial para a organização dos produtos da comunicação da Rede Cuca.

3.2.2 Rádio Cuca

A qualquer momento que se chegue a um dos equipamentos da Rede, músicas, spots e programas estão sendo transmitidos pelas caixas de som da Rádio Cuca. As músicas podem ser pedidas na sala da Rádio e os programas são aqueles produzidos pelos jovens envolvidos – de forma contínua ou pontual – na Rádio. Segundo Hozana Arruda, em 2012, a rádio existia apenas como espaço físico, o que foi sendo modificado com jovens oriundos de oficinas de sonoplastia e interessados na produção de programas, como o Natividades e o Deu a louca no Cuca. Ainda sobre a presença dos programas e, principalmente, músicas nos equipamentos, caso a escuta não ocorra dentro de um dos Cucas não é possível acessar a produção em algum ambiente virtual. Alguns programas são disponibilizados em páginas pessoais de colaboradores, mas sem uma sistematização oficial das produções durante o período em que acompanhamos tais atividades.

Nesse contexto, programas foram sendo criados, passando de ‘mão em mão’ para jovens que chegavam ou que tinham mais disponibilidade, além de ideias que não ganhavam continuidade. Entendemos assim que muitos dos jovens atuam na Rádio, principalmente, por meio das Maratonas de Rádio, em que editais são lançados e seleções são realizadas para formação de turma. A Maratona tem, segundo notícia⁴⁰ no site da Prefeitura, objetivo de “formar e capacitar comunicadores de rádio para criação e produção de conteúdos radiofônicos socioeducativos e engajá-los na gestão de uma radioescola” por meio de uma formação de, no mínimo, 100 horas/aula (no caso do edital da III Maratona do Cuca Barra) dividida em conteúdos práticos e teóricos. Neste edital, estavam previstos a consultoria de projetos individuais para aprimoramento ao longo dos meses de formação para os 15 selecionados e, ao fim, a execução dos programas na Rádio Cuca. Um ponto que diferencia o

³⁹Disponível em <https://www.facebook.com/reportercuca/?fref=ts>

⁴⁰Disponível em: <http://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/juventude/prefeitura-seleciona-jovens-para-iii-maratona-de-radio> . Acesso em 10 de dezembro de 2015.

projeto de outros da área da Comunicação é a ajuda de custo de R\$ 300 para os selecionados, pagos somente ao fim do projeto e após um acompanhamento de presença e avaliação do professor. Em maio de 2016, por exemplo, nove programas pilotos produzidos pelos jovens integrantes da III Maratona foram veiculados na rádio do Cuca Barra, sendo eles: Sinestesia, Tô Ligado, Juventude In Foco, Reggae a Cuca, Balaio Cult, Política em Pauta, Na Cuca do Jovem, Timeline e Memória Oral.

Uma peculiaridade das produções da Rádio do Cuca Barra durante parte do período em que estivemos no equipamento era a participação de forma contínua de crianças, que eram acompanhadas pela técnica e facilitadora da Rádio na época. Por e com elas, era produzido o Só na Paz, que abordava temas vários como o ECA, trabalho infantil, violência etc. Inicialmente, como apontou a técnica de rádio do Cuca Barra, houve um projeto Repórter Kids, com linguagem e processos que dialogassem com crianças cuja demanda era latente no cotidiano: grupos que passavam o dia no Cuca sem atividades por não se encaixarem no perfil de 15 a 29 anos que norteia a política pública. Com o tempo, as crianças migraram para outras atividades – até pela idade – e, naquele momento, o programa Só na Paz era o que acolhia poucas crianças de 9 a 14 anos.

3.2.2 Conexões Periféricas

O recorte deste percurso de pesquisa chegou ao grupo da segunda temporada do programa de TV Conexões Periféricas, jovens que se tornaram nossos interlocutores e processos dos quais participamos ao longo dos meses de execução. Buscaremos detalhar tais atividades e implicações aqui e nos demais capítulos.

O Conexões Periféricas é projeto resultado da parceria entre a Prefeitura de Fortaleza, por meio da Rede Cuca, e a TV Ceará (TVC), em que um programa de televisão é produzido pelos jovens da Rede e exibido semanalmente pela TVC, TV pública do Ceará. Segundo site da TVC⁴¹, o projeto começou a ser planejado em junho de 2015 e “conta com a supervisão dos coordenadores e professores dos equipamentos municipais da Barra do Ceará, do Mondubim e do Jangurussu” em atividades de formação e produção em audiovisual. A definição complementa que o programa “apresenta as culturas juvenis das periferias de Fortaleza de uma forma bastante singular”. A produção de 30 minutos era exibida aos sábados, às 14h30min, com reprise às quintas-feiras, 20h30min.

⁴¹Disponível

em: http://www.tvceara.ce.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=43432&Itemid=11&cssfile=principal.css Acesso em 25 de junho de 2016.

Os jovens, selecionados por meio de edital, participariam de atividades de formação, prática de produção do programa e gravação de conteúdo em uma abordagem que contemplaria 12 horas semanais. O projeto realizou uma temporada no segundo semestre de 2015, uma segunda temporada no segundo trimestre de 2016 e a seleção para a terceira iniciada no segundo trimestre de 2017. Assim, o Conexões Periféricas é apontado como um projeto que proporciona “a vivência do processo de produção televisiva em suas diversas etapas, a partir da elaboração de um programa de televisão, passando pela sua gravação até a sua finalização” no site da TVC.

A cada semana, o episódio de um Cuca diferente é exibido, com temáticas escolhidas e executadas (criação de pauta, contato com fontes, produção de roteiro, pesquisa e apresentação) pelo grupo de jovens comunicadores selecionado pelo edital. Entre as temáticas observadas em episódios da primeira e da segunda temporada estão negritude, universo LGBTTT⁴², feminismo, hip hop, trabalho, acessibilidade, alimentação, cidades educadoras.

3.3 Conhecer o Cuca e ficar

O envolvimento e participação com a Rede Cuca foi um ponto de grande variação dentro do grupo interlocutor. Como observado em outros momentos no campo, a participação de uma forma geral em cursos, aulas, eventos e atividades está relacionada a diversos fatores, como tempo, necessidade de se inserir no mercado de trabalho, relação com os territórios (poder ou não ir até a região em que o equipamento está instalado), condições financeiras de deslocamento e, em muitos casos que não chegam até os Cucas, o desconhecimento sobre as atividades e sobre a própria existência de tal Rede destinada aos jovens da cidade. Entre nossos interlocutores, três grupos principais se formaram: aqueles que já haviam tido experiências pontuais na Rede Cuca, os que acumulavam um percurso de alguns anos participando de propostas variadas do equipamento público antes da participação no Conexões Periféricas e os que tiveram o primeiro contato por meio da seleção para este projeto.

Em retrospectiva, o impacto da construção do equipamento na Barra do Ceará é apontado de diferentes formas pelos jovens, relacionado, principalmente ao local em que moravam no momento, se mais próximos e, por isso, sem poder passar incólume às intervenções em uma área do bairro, ou mais distantes, sabendo de tal obra e promessa de equipamento por meio de outras pessoas.

⁴²A sigla LGBTTT representa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Em alguns cenários, a sigla está sendo substituída por LGBT.

Assim, quando fizeram o Cuca, todo mundo sabia né, que tava sendo construído o Cuca. Era a notícia da época da região. Eu já fiquei alerta, aí quando abriu eu vim, procurei saber dos cursos.

Eu vim, fiz teatro, depois consegui esse emprego e não fiz mais esse curso.

(Voltei) Foi no ano passado, no Conexões.

Eu cheguei a vir aqui algumas vezes, só olhei, mas não cheguei a fazer nenhum curso. Questão da rotina mesmo, não dava.

(Raoni)

Coincidentemente, quando eu vim pra cá (morar em uma região próxima), me aproximei do Cuca, que foi em 2009, né, aí eu conheci o Cuca e foi realmente uma mão na roda, que sempre quis trabalhar com comunicação e com o Cuca eu tive a oportunidade de trabalhar com a produção né. (Litoral)

Entre os jovens que chegaram ao equipamento somente para a seleção e posterior participação no Conexões, o conhecimento sobre a Rede era superficial e a aproximação aconteceu por meio da busca de atividades complementares para a faculdade ou como experiência similar a um estágio na área da comunicação.

Como eu já estou no 7º semestre da faculdade e eu gostaria muito de trabalhar nessa área de TV, aí eu vi a oportunidade no edital no Facebook do Cuca, que eu fui indicado justamente por uma pessoa que já fazia curso aqui. Vi o edital, me inscrevi, passei e, até então, eu não conhecia o Cuca, conhecia por nome porque ficava na cidade, né, mas eu não tinha um conhecimento aprofundado de cursos, do que o Cuca fazia. Eu, particularmente, achava que alguns cursos daqui de fotografia voltada para a comunicação eram pagos e que não é, são totalmente gratuitos, né. (Poncho)

[...] chegou um tempo que eu precisava fazer cursos, as minhas horas complementar, e querendo ou não, muito difícil pra gente conseguir estágio, muito difícil mesmo, aí o povo dizia que tinha curso na internet pra gente fazer e tal. Eu descobri o Cuca pelo Facebook, vi lá um negócio que ia ter, Conexões Periféricas, aí li todo o edital, não tinha nada específico, só tinha que era da comunicação, ‘ah, eu sou da comunicação, então eu posso’. Aí eu pesquisei bem direitinho. Eu tinha um namorado na época [...], aí eu chamei ele pra gente tentar fazer a seleção juntos, aí ele disse que eu não deveria ir porque era muito perigoso, era muito perigoso e na minha mente, eu ‘meu deus, deve ser cheio de pirangueiro, cheio de vetinho⁴³ e tal’. Eu achava que não era, mas... [...] Peguei o ônibus, descobri como era, pesquisei tudo, vim sozinha com a cara e a coragem, já morrendo de medo. Pronto, Fiz a seleção e não sei como passei, fiquei muito contente quando saiu o resultado. (Ana B)

⁴³Pirangueiro e vetinho (ou vetim) são termos usados comumente para identificar jovens sob o estereótipo de serem envolvidos com pequenos delitos ou de serem oriundos das periferias e, por isso, apresentarem roupas, trejeitos, gostos e hábitos relacionados aos estereótipos construídos sobre os jovens periféricos.

A falta de conhecimento sobre a Rede Cuca e sua forma de atuação pelos jovens interlocutores e de tantos outros que tivemos contato ao longo da observação de campo, apesar dos livretos de programação distribuídos em diferentes equipamentos públicos, postagens em redes sociais, anúncios em canais da Prefeitura e em mídias como TVs, jornais e rádios, reforça (guardando as devidas proporções) o que educadores e profissionais das áreas adjacentes aos Cucas apontavam reiteradamente nos primeiros contatos com a Rede: a não inserção dos equipamentos no cotidiano de muitas pessoas, desde contextos de comunidades próximas até de bairros mais distantes.

Assim, jovens universitários usuários frequentes de redes sociais não tinham informações sobre os equipamentos, situação semelhante às cenas observadas em que pais, mães e jovens pediam informações básicas sobre a Rede antes mesmo de entrar nos portões dos equipamentos. Entendendo que, a partir do site da Prefeitura de Fortaleza, a Rede é apresentada como “equipamentos atendem jovens de 15 a 29 anos, residentes em áreas de alta vulnerabilidade social” e “localizados em territórios estratégicos”, os caminhos de se fazer presente e acessível caminham para se consolidar e apresentam desafios. Para uma das interlocutoras, a efetivação do alcance dos equipamentos ainda é uma falha da Rede.

Dos três Cucas a Barra é o mais distante, porque o Mondubim e o Jangurussu são um do lado do outro, a Barra não, é num extremo e foi o primeiro a ser fundado. Claro que já tem um público consolidado, já tem um pessoal mais fiel, mas mesmo assim, a quantidade de bairro que tem daqui pra lá pra ser atendido. Acho que essa é uma das falhas do Cuca, esse nível de alcance. Claro que a gente tenta, né, e os outros meios, a TV, internet, mas não é só isso. [...] Assim como eu vejo o Cuca. O Cuca é um equipamento muito grande, mas que atende aqui, entendeu, eu acho que poderiam ser feitos grupos que fossem em cada comunidade, quando passasse na comunidade, conhecesse a comunidade, conversasse com os moradores, ou então fizesse em um desses campos um evento. (Patrícia)

A jovem cita uma estratégia (o Cuca ir até as comunidades) que fazia parte de forma mais contundente da rotina do equipamento no início do nosso percurso em campo por meio do Cuca na Comunidade, como citado neste capítulo, mas que, passou a ser mais pontual.

O desconhecimento de alguns dos jovens até o momento de se inscreverem para participar do projeto que aqui acompanhamos se encontrou com outras experiências: jovens que, a partir da experiência no curso superior de Comunicação, buscaram a Rede para formações, projetos e cursos anteriores ao Conexões Periféricas na área de atuação.

Aí eu entrei no Cuca, né, entrei no Cuca porque lá na minha área, a gente não conhecia, não sabia da existência do Cuca, aí eu já no começo da

faculdade, não sabia que aqui a comunicação também era tão presente, né, tinha esses cursos e tal, fiquei sabendo por algumas pessoas, aí ‘não, vou lá no Cuca fazer esporte’, porque é só o que você vê, predomina aqui, aí eu procurei esporte, mas quando eu cheguei aqui foi outra coisa, comecei no esporte, tudo bem, comecei esporte, mas aí depois veio a Maratona de Rádio, veio os cursos de fotografia, aí eu fui começando a me descobrir cada vez mais, né. Depois da Maratona de Rádio, eu peguei e fiquei, nunca mais saí, impregna em você, aí eu peguei e fiquei, comecei a ser repórter Cuca. (Patrícia)

A ideia de predominância da área esportiva também é uma constante no cotidiano do Cuca, apesar das demais áreas e cursos ofertados. As práticas esportivas são uma importante porta de entrada para muitos dos jovens frequentadores e participantes da Rede, assim como uma grande vitrine sobre a atuação e os resultados dos equipamentos. Para as experiências compartilhadas com os jovens participantes do projeto acompanhado, somente uma pessoa chegou ao Cuca por meio das práticas esportivas, continuando na área de formação acadêmica (Comunicação) para o ganho de experiência.

Alguns colegas meus já faziam curso no Cuca, de luta né, só que eu nunca me interessei, porque achei que por ser da Prefeitura não prestava ou tinha aquela desordem, não ia pra frente. Porque eu vejo muitos projetos de prefeitura ou governo que não adianta, não vai pra frente, começa, mas não termina. Aí eu fiquei sabendo do Cuca, já sabia, mas não frequentava, não sabia o que realmente tinha, se tinha alguma coisa da comunicação. (Eduardo)

[...] Sempre passei por aqui, mas não sabia que isso aqui era o Cuca. Tá entendendo? Sempre passei por esses equipamentos, mas nunca imaginei que era o Cuca, não sabia o que era. Eu até só tinha em mente que só existia o Cuca da Barra, não sabia que existia esses outros dois. Aí eu fiz o curso e continuei lá. Aí comecei, fui fazendo... Conheci o Cuca em fevereiro desse ano. Fiz o curso de podcast, fiz a maratona de rádio, produzi e apresentei um programa lá. De falar da juventude, algumas coisas, a variedade de tribos, essas coisas. (Eduardo)

Enquanto, como comentado anteriormente, para muitas pessoas existiu e persiste a descrença de que tais equipamentos eram públicos e poderiam ser acessados de forma gratuita e, na maioria das vezes, desburocratizada no que concerne esperas, documentações, encaminhamentos, para outras, a desconfiança sobre a qualidade recai, justamente por ser algo público. Falas de pais e responsáveis ouvidas diretamente no campo ou relatadas por jovens era de que o fato de ser aberto e público estaria diretamente relacionado à falta de qualidade e/ou continuidade ou frequência por pessoas “marginais”, os jovens marginais. A fala de um dos jovens sobre a relação do pai com o Cuca aponta para tais vinculações às imagens dos

equipamentos e das juventudes que os constroem, ocupam e frequentam. Segundo Eduardo, “meu pai às vezes chegava lá (Cuca) e queria sair logo, porque tinha muito medo né. Achava que a galera ia assaltar, coisa assim. Porque ele tem uma mente muito fechada. Porque ele não, ele não se propõe a abrir essa mente”.

Dentro do grupo acompanhado, a experiência de maior tempo e, podemos apontar, profundidade com a Rede e, especificamente, com o Cuca Barra aconteceu justamente com os dois jovens que não estavam cursando ensino superior e tinham atuações em diversas áreas para além da comunicação. Entre eles, o ir e vir ao equipamento datava de alguns anos, acompanhando assim diferentes fases das atividades realizadas, dos profissionais que atuavam, das formas de relacionamento entre jovens, gestões, políticas, problemas e caminhos escolhidos dentro do equipamento.

Passava em frente, mas não entrava, não. E aí o amigo me falou e eu ‘não, massa, vai dar certo, eu vou’ e nunca dava, nunca ia. E aí depois que vim, achei incrível, as pessoas que trabalhavam no espaço, os educadores. Os processos de formação eram muito interessantes e muito ricos, tinha uma carga horária muito boa e bons profissionais estavam sendo trazidos para dar as aulas, né. E aí de 2011 pra cá eu tenho frequentado, feito cursos dentro do universo da fotografia, do audiovisual, da comunicação popular também, né, envolvido com atividades e projetos ambientais também aqui com o espaço. E isso também me ajudou muito a ir para outros territórios e experimentar outros cursos, outras formações em outros bairros, outros lugares também, que também foi muito bom pra mim. (Pedro)

A percepção da experiência como motivadora para a ida a outros espaços, bairros e territórios na cidade relatada pelo nosso interlocutor nos remete ao trabalho de Lima (2014, p. 160) acerca dos projetos culturais para jovens em periferias de Fortaleza, em que o pesquisador aponta que “na medida em que os ‘projetos chamam outros’, os jovens ampliam sua mobilidade espacial, que é, também, uma ‘mobilidade simbólica’”, constituindo redes e conexões que os fazem transitar pela cidade. “Constituem, assim, redes de sociabilidade e vínculos de amizade com jovens moradores de outros bairros. Ampliam não apenas os seus horizontes territoriais, mas seus itinerários simbólicos, tomando a cidade para si”, aponta Lima (2014, p. 161).

Assim, vamos percebendo que a relação das experiências e perspectivas pessoais com uma ideia e uma concretude de equipamento público voltado para as juventudes constituiu fator importante nas trajetórias dos jovens que, como sinalizamos, participam e atuam no Cuca de forma continuada há alguns anos. E tais vivências podem também ter participação

nos atravessamentos dos territórios, descobertas do habitar e intervir, das potências da criação e do encontro em espaços de sociabilidade que se formam no caminhar.

E aí, de cara, quando cheguei super me identifiquei com o espaço, assim, fiquei na dúvida entre fotojornalismo ou audiovisual e aí, eu ‘não, vou fazer audiovisual primeiro’, que também era uma coisa que eu me interessava muito, questão de cinema e aí comecei a fazer. E aí foi num processo de muita afloração, de me conhecer mais, de conhecer os outros fluxos da cidade, conhecer outras pessoas, perceber as coisas de uma nova ótica, de um novo olhar. E isso foi me mexendo muito. E aí fui tendo ainda mais contato com a Barra, ainda, porque antes era um contato eu acho que superficial, mas sempre gostei de vir pra cá pra ficar vendo o rio, dar uma volta, tomar um banho de mar, mas era com menos frequência do que é desde que comecei a frequentar o Cuca, né. (Pedro)

A experiência mais longa (de cinco a seis anos) dentro do Cuca por meio de diversos cursos, atividades e vivências construiu, no nosso entendimento, um vínculo que vai além das questões técnicas sobre comunicação, mas um vínculo com pautas próprias que dialogavam com outros jovens, potencializando o atravessamento territorial na cidade, a construção de fluxos de produção, atuação e experiência. Vínculo que tinha no Cuca um terreno de educadores e outros jovens que partilhavam os entendimentos de políticas públicas, de reivindicações sobre o equipamento que ali se construía por meio dos passos dados pelos que conseguiam ultrapassar os muros do desconhecimento e até mesmo da descrença de que tal espaço seria para as juventudes. Entendemos assim, que os percursos desses jovens interlocutores com o Cuca e com a cidade, com os profissionais e com a Barra do Ceará, potencializam as experiências juvenis dos espaços e criam trilhas de entendimentos sobre os interesses, as ações, as construções individuais e coletivas ao longo dos anos.

As experiências dos jovens na cidade foram observadas inicialmente como dentro da região onde moravam e/ou onde o Cuca está atuando, seja em coletivos, grupos de teatro, eventos culturais, ações ambientais, intervenções comunitárias. No entanto, com o tempo em campo, as observações e pesquisas sobre as atividades dos diversos coletivos jovens da cidade e as entrevistas realizadas, pudemos entender que tais experiências e fluxos dialogavam com muitos outros jovens por meio das pautas que os aproximavam (cultura, meio ambiente, política pública, comunicação, violência, preconceito etc.), dos caminhos e obstáculos enfrentados – que muitas vezes se confundiam no cotidiano (investimento financeiro, editais, estrutura, apoio do Poder Público ou da comunidade, violência etc.) e das marcas que os territórios habitados partilhavam. Assim, vislumbramos coletivos do Pirambu em ações e parcerias com coletivos do Serviluz, diálogos entre Barra do Ceará e Jangurussu, Bom Jardim

e Poço da Draga. Nestes atos, normalmente pontuais, uma ideia de periferia era trazida para os discursos, as produções de imagens, de convites, os apoios por meio de publicações nas páginas virtuais dos coletivos, as ações chamadas para que ‘a periferia ocupasse’ tal espaço, lugar, fala.

A forma como as ideias e discursos acerca das periferias permeavam tais espaços, as falas, ações e fluxos dos jovens foi um ponto intenso de questionamentos ao longo dos atravessamentos e encontros. Entender, assim, quais eram as periferias – ou a periferia, como parecia em muitas das falas, da unidade – que os jovens criavam, vivenciavam nos motivou a trilhar o caminho com os interlocutores, sejam os pesquisadores de diversas áreas que buscam o conceito de periferia e sua complexidade, sejam os jovens que partilhavam experiências, entendimentos, discursos construídos e observados no cotidiano na cidade. A tentativa, assim, era de seguir as pistas acerca das periferias nas narrativas dos jovens.

Como buscaremos abordar no próximo capítulo, entendemos a vastidão do conceito e da posição simbólica da ideia de periferia que vai além da questão geográfica unicamente, assim como uma “geografia de vínculos e de contatos, com extensões múltiplas e diversas” (ORTIZ, VIEYRA, OROZCO, 2015, p. 67, tradução nossa) que constitui as realidades da vida cotidiana das pessoas, entrelaçando assim os fluxos das juventudes que habitam, atuam e constroem as periferias de Fortaleza. E que, como relatado há pouco, além dos obstáculos e potencialidades que aproximam coletivos e jovens de uma maneira geral, também os estereótipos o podem fazer, uma vez que, como Feltran (2010) aponta, estes operam nos discursos e práticas e se tornam fontes influentes nas definições de diferenças, dinâmicas de conflitos e de sociabilidades.

4. AS PERIFERIAS: AS TRILHAS DOS TERRITÓRIOS

Num contexto em que as narrativas sobre nossas experiências, vivências, locais e relações ganham caminhos diversificados e capilaridades mais densas por meio das formas de comunicação e expressão que são reinventadas para os encontros com as demandas de quem narra, este trabalho tenta empreender a busca pelas periferias presentes nas narrativas compartilhadas pelos jovens participantes de um dos espaços de comunicação e criação do Cuca Barra. Dessa forma, pretende atravessar as relações dos jovens com o equipamento, os territórios e, especialmente, com o viver, ser e agir na periferia.

O presente trabalho, iniciado no primeiro semestre de 2015, dialoga com os caminhos construídos ainda na graduação, quando trabalhos sobre infância e juventude fizeram parte da trajetória em projetos de pesquisa e extensão, assim como as inquietações enquanto repórter, período em que a cidade ampliou as limitações antes vivenciadas pelos percursos cotidianos. Assim, as histórias e encontros se tornaram diários e o desejo de mergulhar na Fortaleza de reconstruções e possibilidades propulsionou passos de retorno ao ambiente acadêmico.

Ao acompanhar os diversos acontecimentos que envolviam os jovens da cidade, ler os Mapas e pesquisas que ressaltavam os índices de violência da capital cearense, as escolas sem aulas devido às ações violentas, crises nos sistemas de proteção e promoção dos direitos das crianças e adolescentes, o olhar sempre pousava em um cenário de extrema desesperança pelas trajetórias das juventudes que partilhavam de uma cidade macro comigo.

E, ao descobrir as mobilizações de movimentos e coletivos juvenis, encontrar pistas dos encontros culturais entre juventudes, me deparar com ações de comunicação, de arte, da relação ensino-aprendizagem vivenciadas e propostas por jovens, saber da busca pela promoção e respeito ao acesso às políticas públicas, das ferramentas partilhadas para potencializar as formas de intervir no bairro, na escola, na cidade – seja por meio de trabalhos acadêmicos, matérias jornalísticas (especialmente, aquelas das iniciativas alternativas de comunicação), páginas em redes sociais ou perfis virtuais, o olhar era direcionado para as possibilidades de intervenções e reconfiguração das relações entre as juventudes e a cidade, os territórios, as fronteiras simbólicas.

E, na maioria dessas aproximações ao longo dos anos com a temática das juventudes, a periferia aparecia como entrelaçada aos pontos negativos dos problemas que envolvem as vidas dos jovens e como ‘ponto de superação’ nos cenários de reconfiguração da relação com o território e com as possibilidades de ser jovem. No caminhar, as juventudes e as periferias, as juventudes e a cidade se entrelaçaram de variadas, potentes e diferentes formas.

4.1 Narrativas sobre a cidade

Ao pensarmos nas formas como organizamos os acontecimentos das nossas vidas, entendemos, como Motta (2013) explicita, que construímos o mundo ao observá-lo, percebê-lo (aqui como ato de interpretar) e descrevê-lo. E que “nossa maneira de descrever e de contar o mundo físico e humano revela sempre percepções particulares destes mundos, formas particulares de perceber e de contá-los” (MOTTA, 2013, p. 84).

E, em diálogo com Sibilia (2008, p. 49), apontamos que, “cada vez mais, nossas narrativas vitais ganham contornos audiovisuais”, uma vez que as narrativas existenciais não mais seguem modelos de outrora. Mesmo entendendo as lacunas de acesso às tecnologias por diversos setores da população, especialmente quando apontamos para as periferias urbanas e suas diversas nuances, o cenário de acesso à internet por meio de smartphones por mais de 72 milhões de brasileiros e usado, principalmente, para redes sociais e troca de mensagens (dados do segundo trimestre de 2015)⁴⁴, ressalta como as formas de comunicação interpessoal vêm ganhando novas dinâmicas.

Como já comentado neste trabalho, os usos dos espaços dos equipamentos da Rede Cuca para acesso à internet é constante, com grupos de jovens usando os smartphones nas áreas de convivência e a rotatividade nos computadores disponibilizados na biblioteca. Em alguns projetos, como o Memórias no Morro de Santiago, o uso dos smartphones pelos jovens das comunidades próximas aos equipamentos e a apropriação das funções de fazer fotos com os aparelhos foram apontados⁴⁵ como abertura para a aproximação e formação de turmas para cursos de fotografia e projetos audiovisuais, por exemplo.

Ao tratar de produtos audiovisuais produzidos e focados nas narrativas das periferias brasileiras, Daniela Zanetti (2011, p. 14) explicita que o “cinema de periferia revela uma tomada de posição de sujeitos (coletivos e individuais) ao assumirem, por meio da linguagem audiovisual, um lugar de fala que lhes pertence”. A autora se refere tanto ao lugar geográfico, ao território, como ao lugar simbólico, “o ‘eu’ enunciador”. E, nas contextualizações ao seu trabalho, a pesquisadora não omite as intervenções institucionais de ONGs, educadores, empresas apoiadoras, mas aponta para o fato de tais “agentes também constituírem o campo do cinema de periferia” e, por isso, precisarem ter seus papéis problematizados nesse processo.

⁴⁴Disponível em: <http://www.nielsen.com/br/pt/press-room/2015/Brasileiros-com-internet-no-smartphone-ja-sao-mais-de-70-milhoes.html>

⁴⁵Disponível em: <http://www.fortaleza.ce.gov.br/juventude/programacao-mensal-completa-0>

Como afirmam Shohat e Stam (2006), a questão crucial em torno dos estereótipos e das distorções diz respeito ao fato de que grupos historicamente marginalizados normalmente não têm controle sobre sua própria representação. Se esse outro “periférico” não pode se auto-representar – e falar em nome de si mesmo – restam somente as representações construídas em torno deles pelos “outros”, e difundidas pelos meios de comunicação de um modo geral. (ZANETTI, 2008, p. 8)

Assim sendo, lembramos como as imagens com que se convive ao longo do processo de consumo informacional e midiático integram o imaginário, negociando processos de sentidos, atravessando modos de ver, comunicar, agir, “enfim, os modos de existir e conviver na contemporaneidade” (GORCZEWSKI; SOARES, 2014, p. 17).

E, ao falarmos das produções que tomam espaço nas periferias – e em equipamentos que estão “localizados em territórios estratégicos” e “atendem jovens residentes em áreas de alta vulnerabilidade social”, como são definidos os Cucas no site da Prefeitura de Fortaleza⁴⁶, temos que ressaltar – assim como feito sobre as juventudes – a diversidade dos usos e ações de quem se apropria do termo periferia, seja como espaço de habitar, atravessar, pesquisar, interagir. Entendendo assim que cada território apresentará especificidades e peculiaridades diversas, lembramos o que Ferrara (1993) pontua ao abordar o espaço de informação e o lugar informado, apontando que “espaço e informação são elementos interdependentes, visto não ser possível conceber, apreender um espaço senão através dos usos e hábitos decorrentes do modo de produção que os caracteriza” (1993, p. 151).

(...) ao tratar dos espaços periféricos aos grandes centros urbanos, não é possível apreendê-los globalmente como se entendêssemos que o adjetivo que os qualifica os torna necessariamente iguais. É urgente saber de que periferia se trata e como se processam usos e hábitos que a singularizam e a fragmentam (FERRARA, 1993, p. 153).

E, entendendo, como aponta Vieira (2012, p. 55), que “as cidades de hoje, ao mesmo tempo que exprimem essa contraditória realidade de exclusão social, também são potentes máquinas produtoras de subjetividades individuais e coletivas”, buscamos essas contradições e potências de sentidos nos encontros entre territórios, jovens, comunicação, cidade, afetos. Rolnik (1995, p. 15), ao pensar a cidade, faz uma relação entre “a possibilidade de empilhar tijolos” e “agrupar letras, formando palavras para representar sons e ideias” apontando que “construir cidades significa também uma forma de escrita”. Para Rolnik, “na história, os dois

⁴⁶Disponível em <http://www.fortaleza.ce.gov.br/juventude/rede-cuca> Acesso em 22 de março de 2015.

fenômenos – escrita e cidade – ocorrem quase que simultaneamente, impulsionados pela necessidade de memorização, medida e gestão do trabalho coletivo” (1995, p. 16).

Ainda nas possibilidades das relações entre sujeitos, subjetividades e cidades, Oliveira (2015, p. 23), ao abordar a questão da memória, comenta que “o sentimento que liga os sujeitos aos lugares tem potência para gerar afetos das mais antagônicas naturezas” e, sendo as cidades depositárias de variadas emoções, os “fluxos, acionantes de multisensorialidades, e seus rastros, gatilhos de narrativas, agenciam sensações de desenraizamento e de pertencimento”.

Na nossa busca pelos intermeios da cidade, das juventudes e das experiências, somos lembrados por Bosi (2003, p. 75) ao apontar que “a cidade, como a história de vida, é sempre a possibilidade desses trajetos que são nossos percursos, destino, trajetória da alma”. E, observando e sendo atingida pelas potencialidades das movimentações e mobilizações dos corpos, interesses, produções juvenis na relação, no diálogo com a cidade e suas diversas facetas, o olhar também pousa sobre as relações com as diversas tecnologias passíveis de invenção. Entendemos assim que ser jovem nos contextos urbanos é um potencial de experiências sobre a urbe, com as relações que se estabelecem por meio dos espaços ocupados, a construção das trajetórias diante dos percursos vários atravessados pelas tecnologias, pelos aspectos sociais, culturais, étnicos, econômicos, uma vez que “são muitas as formas de viver e habitar uma cidade. São também muitos os modos de uma cidade se apresentar a cada um de nós” (GORCZEVSKI; SOARES, 2014, p. 18).

E, com o acesso às diversas tecnologias que vêm surgindo e ganhando capilaridade nos últimos anos, o encontro entre essas características várias do mundo e a possibilidade de reconstrução de questões das sociabilidades e comunicação, por exemplo, podem problematizar e criar situações potencialmente criativas para as juventudes. Nesse aspecto, Lima (2011), ao pontuar algumas questões das juventudes ao se inserirem nas relações do novo-velho consumo, indica:

A periferia urbana, ao inserir-se no consumo das novas tecnologias midiáticas, busca falar de si mesma e de seus modos de viver numa dimensão de visibilidade ampliada em conexão com um mundo exterior tão distante e ao mesmo tempo tão perto, dispondo da liberdade de reinventar-se e de mostrar a vida cotidiana das periferias para além da miséria e dos problemas decorrentes do tráfico de drogas, sem o policiamento dos olhares acadêmicos ou jornalísticos que tão usualmente veiculam o imaginário da violência urbana, construído fora das comunidades pobres, sem o devido respeito ao ponto de vista dos moradores das periferias da vida. (LIMA, 2011, p. 106)

Na relação com a produção de conteúdo de comunicação – não mais somente como público, ouvinte, espectador, mas produtor – há a possibilidade de “fazer vir à tona muitos fios da trama social que permanecem sem visibilidade nos grandes veículos de comunicação” (MATOSINHOS; MENDONÇA, 2007, p. 124), invisibilidade relacionada a motivos diversos de caráter externo e interno ao fazer comunicacional e social desses e nesses espaços. Tais possibilidades encontram terreno fértil de crescimento nas potencialidades narrativas levadas adiante pelas juventudes.

Assim, a comunicação, seja ela oral, escrita, audiovisual é um dos caminhos de compartilhamento da cidade vivenciada, dos horizontes observados, das marcas deixadas e sentidas, do cotidiano citadino, comunitário, pessoal. E as juventudes já compartilham suas emoções, ideias, posições, apropriações por meio da cultura, dos seus corpos, das suas expressões de arte.

No episódio do programa Conexões Periféricas sobre a cultura Hip Hop⁴⁷, o artista visual Emol responde dúvidas sobre o graffiti no quadro Papo Selfie. Após alguns questionamentos sobre arte urbana, pichação, graffiti e espaço público, surge uma questão na tela: “E como a sociedade enxerga o graffiti?”. A resposta do artista convidado aponta para relações possíveis (ou aspiradas) na ir e vir entre as expressões artísticas dos jovens, as resistências e criminalizações enfrentadas no cotidiano daqueles que ocupam a cidade.

Bem, eu sou a sociedade, você é a sociedade, a nossa visão de mundo é uma visão de indivíduos dentro da sociedade, então não dá pra dizer que há uma visão única, essa visão uníssona, esse olhar raso que tem sobre as questões em geral e se diz como opinião pública, se diz como opinião da sociedade, na verdade, é fruto de um bolinho podre que domina meio de comunicação de massa e que direciona o pensamento da maioria das pessoas. E aí não dá pra assumir isso, a gente legitimar isso como a visão da sociedade. Na verdade, isso nem opinião pública é, isso é ideia de papagaio, repetição. (Trechos do quadro Papo Selfie, do episódio Hip Hop, exibido no dia 2 de julho de 2016)

A cidade pulsa da expressão das juventudes, seja nos muros, nas praças, nas ruas, no território virtual, nos espaços abertos das escolas, nas relações sociais, fraternais, familiares, de competição, cooperação e afeto. Entre nossos interlocutores, a realização de eventos culturais, de intervenções urbanas, de produtos audiovisuais, de espaços virtuais como canais

⁴⁷O episódio não está disponível em nenhuma plataforma ou canal oficial da Rede Cuca ou TVC. Compartilhamos assim, trecho existente no canal do próprio artista participante do episódio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KrFhPQQeG9Y>

do YouTube, por exemplo, faziam parte de suas vivências, rotinas, desejos, seja em um passado recente, no presente da convivência ou nos planos para o exercício do comunicar.

No episódio do programa Conexões Periféricas que aborda o tema Barra do Ceará⁴⁸, o quadro Tribos apresenta uma iniciativa de um grupo de jovens que realiza um evento de reggae, o Quarta Roots. Com narração em off, enquanto casais dançam reggae no calçadão da orla da Barra do Ceará, o apresentador, Bruno DLX, aponta a ação como uma “iniciativa de ocupar os espaços do bairro com arte”. Em entrevista, um dos realizadores do evento, Valber Firmino, comenta outro projeto do qual faz parte, o Barra em Foco, uma página no Facebook que “alimenta a positividade da Barra”.

O que é que a gente faz? Falando mal da Barra tem muita gente. Então o que a gente faz? A gente fala só o bom. A gente fala só o bom porque tem muito, galera, tem muita coisa boa na Barra do Ceará, não é só violência não. Violência existe em todo canto do mundo, na Barra do Ceará também tem, mas não é só violência que tem aqui, aqui tem trabalhador, aqui tem mãe de família, tem criança que vai pra escola, tem todo tipo de gente, não é só violência que tem aqui, não é só crime que tem aqui não. Toda Fortaleza tem crime, aqui não é diferente, mas aqui a gente não tem só crime, a gente tem coisa boa. E muito. Muito mais do que crime. (Valber Firmino)

Eu, particularmente, tô muito feliz de tá participando dessa iniciativa, de ter o processo do Conexões Periféricas, Valber, porque realmente a televisão pra periferia só faz o sensacionalismo negativo. E tendo esse programa como o Conexões Periféricas, tendo esse momento pra gente vir conhecer, iniciativa jovem, galera, realmente é muito importante pra mim, de tá propagando isso, e com certeza pra vocês que estão tendo a oportunidade de mostrar o que é que a Barra tem de bom. (Bruno DLX)
(Trechos do quadro Tribos, do episódio Barra do Ceará, exibido no dia 24 de setembro de 2016)

Neste breve exemplo, podemos vislumbrar o encontro de um movimento em que jovens em coletivos ou iniciativas individuais constroem formas de partilhar os discursos que querem sobre os territórios que habitam, atravessam e criam e os caminhos que, em um programa de TV com braços institucionais, acolhem, de diferentes formas, narrativas que dialogam com inquietudes, experiências, caminhos trilhados na cidade, nos bairros, nos eventos pelos jovens participantes, produtores.

As possibilidades para que os jovens tenham canais vários de comunicação perpassam ações de projetos, ONGs, instituições públicas, iniciativas pessoais e coletivos que tomam impulso no acesso às redes sociais e às ferramentas de produção (celulares, programas de edição, câmeras, aplicativos etc.). A ideia de ouvir o jovem, dispor em suas mãos a produção

⁴⁸Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IRDBzBwHjWg>

de informação é estratégia de escuta, de abertura, de compreensão, de empoderamento. Esses discursos oferecem pistas sobre a cidade, sobre a relação das juventudes com a cidade, consigo próprios, com seus pares e ‘ímpares’.

4.2 Onde estão as periferias?

Na caminhada que ainda firmava passos na pesquisa, a inquietação sobre as narrativas construídas pelos jovens participantes de oficinas, cursos, projetos da Rede Cuca foi se adensando em pontos que atravessavam a rotina, como a evasão, a institucionalização de alguns projetos de comunicação (com realizações focadas na programação do próprio equipamento), o envolvimento de crianças nas rotinas dos Cucas, frequentando, construindo relações de amizade, cuidado e se envolvendo – e criando demandas– em ações variadas. Além disso, muitas foram as oportunidades de ouvir os relatos dos jovens sobre os preconceitos sofridos, as violências, assim como observar os movimentos para a produção cultural, a organização política e social por meio de coletivos, fóruns, grupos marcando presença nas vivências compartilhadas. Assim, muitas das conversas, movimentos, organizações tinham a marca de ser ‘da periferia’, seja nos nomes escolhidos, nas identificações geradas, nas geografias referenciadas, nas delimitações apresentadas. A inquietação de entender mais, de ouvir mais sobre as periferias por eles narradas foi um ponto de recorte neste trabalho.

O episódio do programa Conexões Periféricas que aborda as histórias e fluxos da Barra do Ceará⁴⁹, bairro que acolhe o Cuca Barra, o primeiro equipamento da Rede em Fortaleza, o quadro Narrativas Anônimas apresenta duas pessoas que conhecem e acompanham o rio Ceará, os pescadores Pedro, que já guarda história de longa data com o rio e o jovem Denisson. Entre relatos que versam, principalmente, sobre os impactos ambientais que a região sofre, os convidados, conversando em um barco no meio do rio Ceará, o mesmo que é possível observar do Cuca Barra, indicam pontos sobre as questões urbanas que marcam o cotidiano.

Nós mora no centro da cidade e nós não tem saneamento, você imagina quem mora lá pertinho, onde é o banheiro deles, né. Mora bem pertinho do mangue, não tem condições de fazer um banheiro adequado, aí vai cada vez mais poluindo o nosso rio. (Pedro)

⁴⁹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2pjE7d0Quus> e <https://www.youtube.com/watch?v=LiITAx13820>

Os ônibus aí é direto de turismo, mas não param na nossa praia. Os cara que vai já tem as barracas certas pra levar, o cara que vai no ônibus, o guia, aí diz que aí só é favela, mas nós temos uma das melhores praias da Barra do Ceará, que chama essa aqui do Parque Leblon. Você tem duas opções de banho, o mar e o rio. (Pedro)

Antigamente, aqui existia muito roubo, agora não tá tendo roubo, mas os pessoal que vinha antigamente e via aqueles roubos e tal pensa que é a mesma coisa e não vão parar e eu dou razão a eles, né, má? Porque ninguém tá aqui vivendo o dia a dia como a gente vive. De primeira, até a gente mesmo pra sair da porta de casa era assaltado. Os turistas vê isso, por isso que dizem que é favela e tal. (Denisson)

Eu passo por pessoas, má, que não mora aqui nesse bairro, né, mas passa aqui de carro e diz ‘ei, aqui onde tu mora é bom e tal, mas é muito perigoso. Ó aí uma paisagem dessa aqui, devia mudar’. Aí eu, ‘ei, má, você pode entrar aqui, do jeito que a gente tá aqui, com celular, câmera, ninguém mexeu com a gente’, mas quem não conhece pensa que vai ser assaltado, que nem antigamente. (Denisson)

(Trechos do quadro Narrativas Anônimas, do episódio Barra do Ceará, exibido no dia 24 de setembro de 2016)

Zanetti (2010) explicita relações do cinema de periferia ao analisar filmes e festivais de cinema, discutindo narrativas, visibilidade e reconhecimento social. A pesquisa analisa através do audiovisual o reconhecimento social da periferia por meio da forma como os representantes a visibilizam. Utilizando a ideia de “lugar-conceito”, a pesquisadora aponta para a não-delimitação dos territórios das periferias e do centro, uma vez que o que interessaria naquele contexto de pesquisa é “a posição simbólica no campo social que a ideia de periferia institui”, compreendendo, no entanto, que a matéria prima de tal campo simbólico são “os fatos do cotidiano vivenciados no contexto real” (2010, pág. 12).

Apontamos como interessante para o nosso percurso a ideia de posição simbólica da periferia por entendermos a vastidão de usos e relações instituídas nos discursos e ações quando tratamos das periferias, seja nas conversas cotidianas, nas matérias jornalísticas, trabalhos acadêmicos e produções culturais. Como Zanetti (2010) aponta, o lugar-conceito da periferia passou a ser um ícone da grande mídia no Brasil a partir dos anos 90 e, a partir da década seguinte, ocupou o protagonismo em diversas produções, gerando também fluxos de produções das e nas periferias acerca das vivências desse lugar-conceito. Buscamos assim, uma contextualização do lugar periferia (e sua complexidade) e a relação com a comunicação até chegarmos ao contato com as produções dos jovens da Rede Cuca.

Entendemos os vastos usos do termo periferia, mas, como apontam Hiernaux e Lindón (2004, p. 102, tradução nossa), não queremos tomar a decisão de adotar o termo “periferia”

achando que é algo “evidente, monolítico e que se refere a um objeto simples e unidimensional”.

Antes de adentrarmos nos diálogos acerca das periferias e dos termos relacionados nos estudos urbanos, realizamos uma breve aproximação com um termo usado largamente no Brasil: a favela. Tal encontro acontece por entendermos que a presença da palavra favela em nosso cotidiano de vivências, nas falas dos jovens, educadores e pessoas que foram interlocutoras ao longo desse processo, aponta para a necessidade de compreender seus caminhos e, assim, poder apontar para seus usos e seus entrelaçamentos com as experiências e narrativas das juventudes sobre seus territórios.

Em diálogo com outros estudiosos do tema, Queiroz Filho (2011) aborda o surgimento das favelas no cenário do Rio de Janeiro, assim como a ligação do termo com um arbusto popularmente conhecido como faveleira ou favela, presente em diversos estados nordestinos. Tal encontro teve relação com a Guerra de Canudos⁵⁰, uma vez que deu nome a uma “encosta do arraial de Belo Monte de Canudos, o Alto da Favela” (2011, p. 37), área em que ocorreram combates no fim do século XIX. Com o fim de Canudos, a partida de sobreviventes para o Rio de Janeiro e suas instalações no Morro da Providência, o nome favela foi levado para a cidade, indica o pesquisador. Por ora, nos deteremos ao que ele aponta como ‘a semente’ das favelas: os cortiços, habitações do século XIX que “abrigavam grande número de habitantes” e “foram associadas à insalubridade e propagação de endemias, como febre amarela e cólera, à promiscuidade e à violência” (2011, p. 34). Com a demolição dos cortiços em uma medida higienista de ‘reforma da cidade’ por parte do poder público, o problema habitacional continuado e adensado migrou para uma ocupação dos morros naquela cidade. Assim, sem opções, a população pobre buscou alternativas: “sobe os morros ou ocupa as áreas de mangues e alagados, pouco valorizados pelo mercado fundiário incipiente, gerando o ‘problema’ das favelas” (CARDOSO, 2008, p. 29). Nesta palavra comum nos discursos no campo e nas leituras cotidianas, o atravessamento do acesso restrito aos direitos mais básicos já está presente e pulsante.

Em Fortaleza, cidade dos nossos andares, afetos e inquietações, a relação entre território, moradia, direitos e questões econômicas possui, como todas as outras, peculiaridades. Lara Vieira (2012, p. 36), em pesquisa sobre as Vidas Nômades na capital cearense, aponta que o nomadismo nas cidades e a “construção de suas moradias em áreas inapropriadas estão nas raízes de nossa formação urbana”. Sobre o assunto, ela aponta a

⁵⁰Conflito entre tropas do Exército e grupo liderado por Antônio Conselheiro ocorrido nos anos de 1896 e 1897 no sertão do estado da Bahia.

narrativa de Silva (1992^{apud} VIEIRA, 2012), que delineava que a “localização das favelas não segue uma regra de espacialidade que poderia se estabelecer observando as condições do terreno”, lembrando que em algumas cidades, elas se localizam em “áreas sujeitas à inundação, nas dunas ou morros, com muita dificuldade de acesso”. Ele aponta que, em Fortaleza, acontece o que é dominante em outras cidades, como os casos acima citados, mas também “é comum a localização de favelas em áreas ‘nobres’ e mesmo alhures, sem tais dificuldades de acesso” (1992, p. 64-65). Vieira complementa indicando também as moradias construídas em áreas que apresentam outras dificuldades relacionadas às construções urbanas, caso daquelas que estão próximas das linhas férreas. Muitas das habitações em cenários como estes (linhas férreas, áreas consideradas nobres) passaram por processo de precarização e remoção de parte das famílias ali habitantes para realização de grandes obras de mobilidade, entre outros argumentos, o de preparação da cidade para ser sede de jogos da Copa do Mundo de 2014 em Fortaleza e outras capitais brasileiras.

Ao abordar a temática da periferia nos estudos urbanos, os pesquisadores Hiernaux e Lindón (2004) realizam um panorama sobre a relação entre a palavra periferia e o fenômeno na América Latina, analisando as mudanças com o tempo e os novos componentes que fazem parte dos estudos urbanos. Assim, os autores questionam: “será a periferia um espaço sem qualidade, plano, sem rugosidades? Ou por acaso não será que o conceito de periferia que temos construído omite as rugosidades que necessariamente leva consigo?” (p. 112, tradução nossa).

Mesmo entendendo as diversidades entre países latino-americanos e, mesmo, entre cidades e realidades brasileiras, achamos interessante o percurso dos autores ao recuperarem a historicidade dos termos, apontando, por exemplo, a associação entre as palavras periferia, subúrbio e arrabalde. Para os autores, a associação entre os termos não acontece por relação etimológica, mas deriva do objeto denotado, tendo semelhanças e distinções que dialogam com a historicidade. Assim, seus estudos apontam que as três vozes fazem referência à zona de expansão da cidade, com as características mais comuns à relativa juventude das construções, às formas de ocupação do solo e à descontinuidade dessa ocupação.

Na América Latina, o termo arrabalde (*arrabal* em espanhol) teria forte herança europeia com uso até os séculos XIX e XX. Já o termo subúrbio viria de influência americana com uso no século XX. E, a partir dos anos 70, o termo periferia, que teria uma marca latino-americana mais forte, apontam Hiernaux e Lindón (2004), passaria a ser usado com mais amplitude. Com o entendimento de que o arrabalde seria o que estava fora e o subúrbio o que estava próximo, os estudos urbanos reduziram o conceito para a visão geométrica de periferia,

enquanto circunferência, contorno de um círculo. Para além do aspecto geométrico, o arrabalde remeteria aos bairros perigosos, externos à cidade, com funcionamento fora da ‘normalidade’.

Mesmo com o desuso da palavra, a substituta já trazia intacto o sentido da precedente, por mais que a mudança decorresse de um processo de relativa aproximação, uma vez que o subúrbio estaria próximo, não mais fora da cidade, sustentando assim o direito à cidade. Assim, o subúrbio, enquanto fenómeno acelerado pelos processos económicos, é envolvido, segundo os investigadores, em fortes conotações culturais que reuniam o acesso às atividades económicas da cidade, mas fora das inseguranças do centro, vendendo uma ideia de comungar com um estilo de vida mais próximo da natureza, com mais espaço para as famílias viverem. Continuando na trilha dos estudos urbanos, os investigadores apontam para a década de 60 e a nova leitura do espaço mundial construída pela teoria social latino-americana com a dualidade entre o centro-periferia, que passou dos países para as cidades ficando assim o subúrbio sendo chamado por periferia nos países latino-americanos.

La dicotomía centro/periferia remite a un mundo ordenado diferencialmente por el capitalismo, donde el centro y la periferia son las dos componentes de un orden social sustentado en una evidente desigualdad, tanto económica como social, política y territorial. (Hiernaux e Lindón, 2004, p. 111)⁵¹

Assim, aponta-se para o encontro de duas heranças para o uso do termo, da palavra, da voz periferia: o viés geométrico e a teoria social latino-americana dos anos 70, com o forte componente dicotômico com viés económico, centro e periferia, dominantes e dominados, pobres e ricos. A periferia seria o local de morada daqueles que não cabiam no centro.

La voz ‘periferia’ de alguna manera intenta recoger la complejidad que va adquiriendo la realidad nombrada. Es importante subrayar que este fortalecimiento de la voz ocurre sin cuestionar sus bases geométricas y dualistas. En esencia, esas dimensiones con las que se va engrosando la voz ‘periferia’ son la referencia a la miseria, a la informalidad, la condición de área “dormitorio” y la irregularidad del suelo y la vivienda. En realidad, la miseria (tanto material como social) ya había estado en el sentido original de la palabra ‘arrabal’. Aunque, luego, con la esperanza ligada al suburbio se dejó de lado. Pero la voz ‘periferia’ —a la luz de los procesos y el pensamiento de la década de 1960— la retoma. (Hiernaux e Lindón, 2004, p. 112-113)⁵²

⁵¹“A dicotomia centro/periferia remete a um mundo ordenado diferencialmente pelo capitalismo, onde o centro e a periferia são os dois componentes de uma ordem social sustentada em uma evidente desigualdade, tanto económica como social, política e territorial”. (Hiernaux e Lindón, 2004, p. 111, tradução nossa)

⁵²“A voz ‘periferia’ de alguma maneira tenta ordenar a complexidade que vai adquirindo a realidade nomeada. É importante sublinhar que este fortalecimento da voz ocorre sem questionar suas bases geométricas e dualistas.

Assim, se desde o uso do termo arrabalde já existia um entendimento de falta de qualidade, com os processos sociais, econômicos e políticos das novas contextualizações, a periferia passa a ser vista como espaço de miséria, de distância, de precariedade, fazendo parte do vocabulário rotineiro, da imprensa, dos discursos políticos, dos trabalhos acadêmicos e até da autodefinição dos habitantes (Hiernaux e Lindón, 2004). “Finalmente, operou a reflexividade no sentido etnometodológico: ao dizer ou nomear a periferia de certa maneira, terminou-se constituindo-a dessa forma” (2004, p. 113, tradução nossa).

Lembramos, neste contexto, da fala de uma jovem participante de um grupo de teatro do Cuca em um dos episódios do programa Conexões Periféricas que aborda Educação Alternativa, em que as vivências sobre o centro e a periferia se mostram no que falta e nas reflexões possibilitadas pelo olhar crítico.

A cidade é dividida entre os que tem poder aquisitivo e aqueles que não têm, entre o centro e a periferia. E isso deveria pelo menos fazer com que as pessoas tivessem um pouco mais de reflexão sobre porque eu tenho aquela linha de ônibus e porque eu não consigo na minha periferia chegar até o centro da cidade, chegar até alguns espaços culturais, né? Então a cidade deveria promover mais reflexão, mais criticidade às pessoas. (Mayara) (Trechos do quadro Tribos, do episódio Cidades Educadoras, exibido no dia 13 de agosto de 2016)

Problematizando ainda os termos repetidos à exaustão sobre a periferia – quando se focaliza, especialmente, o aspecto econômico – como cidade-dormitório, área-dormitório, periferia-dormitório, Hiernaux e Lindón (2004) ressaltam que tais territórios não ficam vazios com a saída dos trabalhadores (ao longo da história com o entendimento dos homens como provedores) que rumam ao Centro da cidade e que tais conceitos corroboraram para a invisibilidade de mulheres, crianças e jovens. Assim, apontam os demais processos que acontecem na periferia, como “a constituição de identidades juvenis relacionadas, entre outras coisas, com a sua territorialidade” (2004, p. 114, tradução nossa), justamente por esse território não estar vazio.

Reiterando a ideia de Horacio Capel (2001 *apud* HIERNAUX; LINDÓN, 2004, p. 118, tradução nossa) de que a periferia é um “espaço da heterogeneidade, no qual coincidem diversos atores sociais com objetivos diversos, com estratégias variadas e, por isso mesmo,

Em essência, essas dimensões com as que se vai engrossando a voz 'periferia' são a referência a miséria, a informalidade, a condição de área de "dormitório" e a irregularidade do solo e da moradia. Na realidade, a miséria (tanto material como social) já havia estado no sentido original da palavra 'arrabal'. Assim, logo, a esperança ligada ao subúrbio foi deixada de lado. Mas a voz 'periferia' - à luz dos processos e do pensamento da década de 60 - a retoma”. (Hiernaux e Lindón, 2004, p. 112-113, tradução nossa)

não é um território livre de conflito”, aponta-se para a heterogeneidade social e cultural como espaços férteis para o conflito – com todos os obstáculos e potencialidades que tal contexto permite. E essa heterogeneidade das periferias vai se aprofundando e ganhando diversos matizes quando ocorre em paralelo um processo em que os centros das grandes cidades perdem funções e a presença da burguesia, acontecendo em muitas cidades o que se pode chamar de ‘expansão à la americana’, em que a cidade se estende na busca do espaço, da ‘vida mais calma’ tão vendida simbolicamente. Assim, as classes médias também ocupam parcelas de zonas periféricas – complexificando ainda mais os usos das periferias. Na realidade brasileira, podemos lembrar o surgimento, crescimento e valorização dos condomínios, as cidades de muros que ocupam cada vez mais espaços longe do centro da cidade, seja o centro geográfico, seja o centro simbólico.

Em sua tese de doutorado sobre a produção de vida na periferia, Braga (2013) dialoga com conceitos de outros autores, como Santos, no entendimento de que as periferias passam a ser também um lócus “da ‘autosegregação’ de classes abastadas em ‘fuga’ do núcleo metropolitano”. Dessa forma, haveria uma transformação e um processo dualizante das periferias tradicionais com o encontro da “periferia pobre” e da “nova periferia rica” (BRAGA, 2013).

Mesmo não aprofundando esse aspecto da vivência em campo, lembramos de experiências várias nos Cucas e com seus ocupantes em que o entendimento da dualidade das periferias e dos atravessamentos dessas diferenças nos usos dos jovens foi de alguma forma abordado. Em um trecho da entrevista realizada com a Educadora⁵³ sobre os processos de aproximação do Morro de Santiago e o projeto Memórias, uma ideia de diferenciação entre os acessos, interesses e perfis foi compartilhada. Ao comentar o público de uma das edições do Memórias no Cuca Barra, a Educadora comentou que “os jovens que iam participar eram jovens da comunidade, mas aqueles jovens que a gente sabe que tem o perfil elite da pobreza”. No momento, a interlocutora apontou que tais jovens seriam os que “tô na linha de pobreza, sou beneficiário do Bolsa Família e tenho uma família que me apoia e tenho o Cuca”. Para ela, seriam pessoas “que estão nessas condições, mas têm clareza das oportunidades que têm”.

Relacionando tais apontamentos para a discussão acerca das favelas em Fortaleza, lembramos das experiências e indicações de Vieira (2012) em seu trabalho que envolveu territórios como as Goiabeiras, a Praia do Futuro, o Cristo Redentor e o conjunto habitacional

⁵³Entrevista realizada no dia 18 de abril de 2016 na residência da Educadora.

Maravilha. Para a pesquisadora, enquanto o senso comum iguala – no sentido de terem características similares – os habitantes das favelas, os moradores “criam suas próprias categorias e critérios de classificação”, distinguindo-se, por exemplo, pelo “espaço ocupado, pela qualidade da casa, pela ocupação profissional” (2012, p. 63).

Com tema No centro da cultura, a edição 26 da revista Continuum Itaú Cultural, em 2010, reuniu pesquisadores e profissionais de diferentes áreas em entrevistas e análises sobre a periferia: o que é, os problemas, o estigma da exclusão, a força política. Entre os entrevistados, a urbanista Raquel Rolnik (2010) apontava que o conceito surgiu de um modelo de desenvolvimento que privou as pessoas com menor renda das condições básicas e do direito efetivo à cidade, marca que também migrou da ideia geográfica de áreas distantes do Centro – como já comentado. A pesquisadora, que foi relatora especial da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o direito à moradia, ressalta que a periferia “é marcada muito mais pela precariedade e pela falta de assistência e de recursos do que pela localização” (2010, p. 34), apontando a existência de condomínios de alta renda em áreas periféricas e periferias em áreas nobres.

Em consonância, a doutora em antropologia social e pesquisadora sobre produção audiovisual na periferia, Rose Satiko (2010), aponta na mesma revista a dificuldade em uma definição única, levando em consideração a dificuldade em pensar um lugar único. Assim, Satiko complementa que a periferia não é, necessariamente, um lugar isolado, mas territórios delimitados, “com acesso restrito e precário aos direitos humanos básicos” (2010, p. 33).

Tais análises contribuem para o que Hiernaux e Lindón (2004) defendem ao apontarem o espaço da periferia como complexo e heterogêneo. Tal cenário é corroborado com os usos da palavra periferia com um conteúdo restrito, apontando que o termo carrega sedimentos das palavras que a precederam (tanto do que se referia como local dos perigosos e sem moral com arrabalde, como a ilusão de vida perto da natureza e mais tranquila, com subúrbio), assim como o uso de periferia nos ‘primeiros tempos’, em que a ideia de território de pobres, dominados e subordinados era atravessante. Assim, no processo de significação, os autores apontam que os sedimentos que se integram nem sempre levam consigo coerência e lógica, carregando e correspondendo a distintas épocas e com historicidades diferentes.

Paradójicamente, la conjunción de todos ellos no produce una voz compleja, sino que profundiza la reducción semántica. La voz ‘periferia’ lleva muchos sedimentos, pero todos ellos la reducen, la modelizan y, en consecuencia, la

aleján del fenómeno periferia que ya no aspira a denotar, pero que casi tampoco puede connotar. (Hiernaux e Lindón, 2004, p. 120)⁵⁴

Ao comentar sobre as transformações das periferias urbanas e, especificamente, daqueles que ‘colonizaram’ as margens da cidade de São Paulo, Feltran (2010, p. 570-571) aponta como possibilidades de abordagem sobre o tema – com o viés etnográfico – que a significação de periferia no senso comum e nos debates, assim como os estereótipos envolvidos, precisam ser considerados por operar de forma importante “nos discursos e práticas” de quem habita esses territórios, entendendo que os estereótipos também se tornam “matrizes discursivas influentes na marcação de diferença, nas dinâmicas locais de conflito e sociabilidade”.

Ao falar das periferias de São Paulo que pesquisa, ele atravessa as transformações que as populações viveram nas últimas décadas, como a diminuição da migração que, naquela cidade, era um fator importante de composição da população das periferias, apontando assim para grupos que estavam entre o urbano e o rural, em que as últimas gerações são de pessoas nascidas e criadas na periferia, apontando para uma mudança nas relações com a cidade. Feltran (2010, p. 589) indica, assim, que o cenário urbano se modificou e as falas que marcam a ideia do “quando eu cheguei aqui...” formaram uma narrativa “recorrente e necessária”, pois as novas gerações já não reconhecem o território dessas narrativas como próprio, uma vez que vivem num “território urbano consolidado”.

No território pesquisado por ele – Sapopemba – a configuração heterogênea atravessada pelas transformações das últimas décadas marcou os cotidianos por meio das categorias de nomeação.

[...] há o pessoal que se considera de “classe média” (chamados de “playboys” por quem não se considera assim); há os moradores das “casas”, do “bairro”, mais próximos das avenidas que das favelas; há o pessoal que vive nos “conjuntos” habitacionais, produzidos por políticas públicas; e finalmente há o “pessoal da favela”. (FELTRAN, 2010, p. 589)

Mesmo entendendo as diferenças históricas e contextuais dos territórios, cidades e estados, reconhecemos tais categorias de nomeação como presentes no campo vivido nesta pesquisa, levando em consideração os apontamentos de muitos dos interlocutores sobre as

⁵⁴“Paradoxalmente, a conjunção de todos eles não produz uma voz complexa, mas aprofunda a redução semântica. A voz ‘periferia’ leva muitos sedimentos, mas todos eles a reduzem, a modelam e, em consequência, a afastam do fenômeno periferia que já não aspira a denotar, mas que quase não pode conotar”. (Hiernaux e Lindón, 2004, p. 120, tradução nossa)

diferenças entre os jovens e famílias que eram ‘atendidos’ pela Rede Cuca ou que frequentavam o espaço, como já citado neste trabalho.

Em diálogo com as reflexões aqui pontuadas ao longo deste tópico, trazemos conceitos e indicações proveniente do Seminário Internacional das Periferias, realizado por meio da Rede de Desenvolvimento da Maré (RJ) em março de 2017, reunindo organizações, movimentos e coletivos em um momento de reflexão sobre as periferias do mundo e o mundo contemporâneo. O evento resultou na Carta da Maré⁵⁵, um manifesto que aborda as dinâmicas periféricas, desafios e potências diante das estigmatizações e representações.

A Carta aponta que o mundo social que é dominado por representações das periferias e de seus moradores se baseia em estigmas que "impedem uma apreensão global e complexa sobre as realidades sociais, econômicas, políticas, ambientais e culturais desses territórios". Assim, as representações estereotipadas contribuiriam para "processos de expropriação material e apropriação simbólica que fragilizam estratégias coletivas construídas pelos grupos dos territórios periféricos para exercerem seu direito à cidade". A partir de noções de ausência, carência e homogeneidade a percepção das periferias se torna reducionista, tomando como base tudo o que a periferia não é quando comparada a um modelo idealizado de cidade – construída por "padrões culturais e educativos colonizadores".

Nessa compreensão, as periferias são concebidas como espaços precarizados, com sujeitos/populações que têm a sua historicidade negada, seus territórios não reconhecidos como legítimos e seus moradores e moradoras, não raramente, tratados de forma exotizada (a não civilização, por excelência). (OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2017)

Entendendo a pluralidade e as dinâmicas, os proponentes da Carta da Maré apontam a integração de cada periferia que compõe o tecido urbano. "Periferias são elementos centrais da cidade, lhe dão identidade, sentido e humanidade".

Deste modo, a definição de periferias não deve ser construída em torno do que elas não possuíam em relação ao modelo dominante na dinâmica socioterritorial ou da distância física em relação a um centro hegemônico. Elas devem ser reconhecidas pelo conjunto de práticas cotidianas que materializam uma organização genuína do tecido social com suas potências inventivas, formas diferenciadas de ocupação do espaço e arranjos comunicativos contra-hegemônicos e próprios de cada território. (OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2017)

⁵⁵Carta da Maré. Disponível em: <http://of.org.br/noticias-analises/carta-da-mare-rio-de-janeiro-manifesto-das-periferias-as-periferias-e-seu-lugar-na-cidade/> Acesso em 29 de março de 2017.

A Carta ainda cita desafios enfrentados pelos moradores das periferias, assim como um conjunto de potências. Entre os desafios elencados, os índices de subemprego, as situações de violência em espaços públicos, os processos de degradação e expropriação ambiental, assim como a alta incidência de violência letal contra os jovens e o fator étnico-racial envolvido. Entre as potências que os proponentes da Carta apontam estão a inventividade, o protagonismo feminino, a sociabilidade e solidariedade, o elevado grau de autorregulação do espaço público pelos moradores, a presença de modelos coletivos e participativos, territórios de invenção de conhecimento, assim como a "multiplicidade de formas, meios e modos culturais, artísticos e performáticos que inventam, renovam e atualizam as narrativas estéticas urbanas".

Reflexões e apontamentos que reverberam as vivências, experiências e indicações do campo, das conversas informais, do caminho inicial de entendimento das periferias. Ainda refletindo sobre a Carta da Maré e o campo de ações ali organizado, entendemos, como o manifesto aponta, que “compreender a cidade em sua pluralidade é reconhecer a especificidade de cada território”, afirmando a condição cidadã de todas as moradoras e moradores. Entendendo que tal movimento só é possível a partir do reconhecimento de que são eles os principais “grupos aptos a narrarem suas práticas sociais e culturais, símbolos de resistência e reinvenção, formas concretas de afirmação e invenção de direitos, que necessitam ser amplamente garantidos na forma de políticas públicas”.

4.3 Encontro de jovens e periferias

Por meio da experiência em campo, tentamos seguir as pistas com as quais entendemos que os jovens interlocutores apontavam para as periferias que vivenciavam, organizavam e criavam em seus cotidianos. O impulso em busca das periferias surgiu por meio dos fluxos que iam construindo, no nosso ponto de vista, uma possibilidade de entendimento sobre quais eram esses territórios (simbólicos ou não?) que formavam as periferias presentes nas conversas, nas falas, nas organizações, nos eventos.

Ao olharmos a diversidade territorial, de encontros, produções e desencontros das juventudes nos deparamos com pessoas que se aproximam e se distanciam em danças circulares, subjetivas e repletas de referências. Os entendimentos e partilhas das periferias como fluxos, como algo fluido, se fizeram presentes nas entrevistas-conversas em um apontamento que dialoga com as vivências pessoais dos jovens nos territórios habitados e atravessados. Os vínculos com as pessoas, espaços e ideias marcavam as indicações dos

jovens sobre as periferias e sobre si mesmos, numa construção sutil de troca e reconhecimentos das subjetividades ali postas no processo.

Os sete jovens interlocutores do recorte realizado neste trabalho têm entre 21 e 28 anos, sendo cinco homens e duas mulheres. Como apontado no primeiro capítulo deste trabalho, eram moradores dos bairros Barra do Ceará, Demócrito Rocha, Floresta, Monte Castelo, Bonsucesso e do Icaraiá (praia da cidade de Caucaia, parte da Região Metropolitana de Fortaleza). As vivências de cidade puderam ser partilhadas por meio das entrevistas e, de forma rica, com a atenção e trocas continuadas durante os meses em que os encontros eram semanais para a produção do programa Conexões Periféricas. E, a partir dessas partilhas, as significações acerca das periferias – delineadas por outros e por eles mesmos – puderam ganhar contornos no nosso percurso.

Como Braga (2013, p. 145) pontuou, em diálogo profícuo com José Machado Pais, “viver na periferia é mais que pertencer a um território; são as vivências sociais que dele decorrem que convertem o viver juvenil na periferia em algo significativo”. Os entendimentos e viveres vários acerca de periferias, favelas, comunidades, poder público e estereótipos perfazem as experiências dos jovens e, por eles, são articulados de diversas e potentes formas em seus movimentos e invenções no que se refere às identidades, às relações com os espaços considerados seus e dos outros.

Assim, eu moro na periferia. E lá onde eu moro é conhecido como uma área de risco, sempre foi. Agora tá bem pior, porque o tráfico tomou conta lá da área. [...] Porque lá onde eu moro, quase ninguém tem o Ensino Médio, os jovens de 12 anos já pararam de estudar, entendeu, e eles são utilizados pelos traficantes como aviõezinhos, laranjas, como a gente vê normalmente na periferia, né. (Patrícia)

Penso em periferia e penso em favela... Assim, meu bairro ele é bem tranquilo. Ele não é tão periférico, mas também não é uma Aldeota da vida, mas eu moro num beco, numa rua que é muito estreita que é considerada como um beco da Prefeitura. E, quando eu ouvi que a oportunidade era aqui no Cuca da Barra, eu tive um pouco de receio de vir por conta que é dentro, no meio da periferia que é muito forte, que é o Pirambu, a favela da Barra, eu não conhecia muito dessas favelas, mas eu tinha um pouco de medo por conta do que eu via na televisão. (Poncho)

Ao relatarem e contextualizarem os locais em que vivem, os interlocutores trazem para a nossa partilha as vivências nos territórios, assim como os padrões de moradia a que estão ligados. Ao falar sobre o tráfico e o envolvimento de adolescentes e apontar que o que vê é o que se vê “normalmente na periferia”, a interlocutora constrói conosco uma ideia de periferia

que perpassa sua rotina. Assim como, ao estabelecer que o bairro em que mora é “tranquilo”, complementar que ele não é “tão periférico”, apesar de não ser “uma Aldeota”⁵⁶ e contextualizar a rua em que mora em um cenário que é considerado pelo poder público como um beco, uma rua estreita, o interlocutor referencia diversas possibilidades de entendimentos de periferia que viemos articulando com autores de diferentes áreas nos tópicos deste capítulo.

As distâncias, a existência ou não de projetos sociais, as intervenções urbanísticas que impactam na vida de quem habita muitos dos bairros da cidade, as lacunas de áreas de lazer também fazem parte das indicações dos interlocutores sobre os territórios que vivem e as formas como os vivem.

Quando se fala no meu bairro, pouca gente conhece, só realmente quem mora próximo dali, é tanto que não tem praças, não tem lugares que ‘entretam’ os jovens ou as crianças. Tem poucos projetos sociais, as pessoas não se mobilizam para ter, como tem aqui no Mondubim, como tem na Barra. (Eduardo)

[...] Meu bairro, hoje em dia, eu nunca fui assaltado lá, nunca fui. E como tá tendo a construção de uma avenida lá, muitas pessoas foram indenizadas, a questão de assalto, de criminalidade lá parou, não tem mais. Fica mais a questão do tráfico mesmo, né, fica mais a questão do tráfico de drogas mesmo. Lá perto do meu bairro tem até uma frase que se você roubar dentro do bairro você morre. É chato, porque esse papel de manter a segurança do bairro era pra ser da própria polícia. Aí você chega nessas comunidades e eles temem a polícia. Aí lá no meu bairro tá essa questão de quem tá fazendo a segurança é os próprios bandidos e não quem deveria ser. (Eduardo)

Perceber, por meio das partilhas com os jovens, as diversas maneiras com que é possível viver nas periferias e com as periferias ganhou uma amplitude com diferentes caminhos e experiências de um grupo de sete pessoas. Relacionados a isso, os diálogos estabelecidos com as produções de comunicação próprias e aquelas da mídia considerada tradicional – em uma direta oposição de lugar de fala quando o assunto é periferia nos discursos dos jovens e demais produtores de comunicação – vão se articulando quando organizadas as relações que tiveram com os territórios antes mesmo de os conhecer.

(Minha visão era) De perigoso, preconceito, de achar que era só gente... de menosprezar mesmo. Mas hoje eu vejo que, assim, pensando pelo lado... Eu penso muito, ‘meu deus, eu tenho muita sorte, apesar dos pesares’, pra gente ver que cada pessoa tem sua realidade de vida, de você morar em um local que... porque querendo ou não, as pessoas que tão na periferia são pessoas

⁵⁶Aldeota é, simbólica e historicamente, o bairro das elites de Fortaleza. Com IDH de 0,867 (dado de estudo realizado pela Secretaria do Desenvolvimento Econômico (SDE) de Fortaleza, em 2014), o bairro é o segundo com maior IDH, sendo o primeiro, o bairro vizinho, Meireles. Com setor comercial e residencial intenso, é referência de territórios dos abastados, dos condomínios, centros comerciais e corredores gastronômicos.

de bem, mas também tem pessoas de mal e essas pessoas que são más, que fazem coisas erradas, elas levam os nomes mais fortes e acabam prejudicando essas pessoas. Mas tem muita gente do bem, gente batalhadora, muita gente que tá estudando pra ser a mesma coisa que eu, que no fundo a única diferença que a gente tem é só localização, porque de resto... (Ana B)

(...) eu tinha uma visão muito contrária, assim, até errada, posso te dizer, de periferia. Hoje em dia, eu sou periférica, total. (Ana B)

Os diferentes perfis dos jovens participantes das atividades da Rede e frequentadores dos equipamentos nos levam a uma diversidade de vivências de cidade e de construção de imagens e diálogos sobre as questões geográficas e simbólicas com as quais nos relacionamos ao longo do trabalho. Ao refletir sobre os motivos que a levaram a escolher a comunicação como curso superior e área de atuação, uma de nossas interlocutoras apontou que achava que a área permitiria “se abrir com as outras pessoas”, a vantagem de ser uma profissão dinâmica, assim como a expectativa da relação que construiu entre o jornalismo e a vivência pessoal.

Aí eu ‘não, é isso mesmo que eu quero’ (comunicação), até pra me ajudar na minha formação pessoal também, porque um jornalista é essencial na vida de um ser humano, é a pessoa que informa, que gera a opinião pública e **eu, enquanto moradora de periferia, me senti super responsável por isso, pra defender a minha área**, pra defender o meu ponto de vista, eu me vi realmente como uma líder, comecei a ver além. (Patrícia, grifo nosso).

Jovens estudantes de escolas públicas e particulares, estudantes de faculdades particulares por meio dos programas de financiamento do Governo Federal, estudantes de universidades públicas por meio de transferências de instituições particulares, moradores de áreas com diferentes perfis, inseridos em dinâmicas familiares variadas, jovens com acessos diferenciados aos bens de consumo, aos espaços culturais, ao dinheiro da passagem, jovens com diferentes escutas sobre suas vidas, seus planos e que, neste processo, foram interlocutores das questões que reverberavam no contexto partilhado.

[...] eu tava pensando, quando você fala periferia a galera pensa numa estrutura, né, numa construção ou num bairro periférico, numa parada mais... mas hoje eu percebo que é muito mais além do que isso. Sei lá, tá nas relações também das pessoas, tá na forma de ver esse território, na forma como você enxerga também. Sei lá, habitam várias periferias dentro de você, eu acho. (Pedro)

A experiência cultural e a ‘flutuação’ entre territórios também se colocava como parte das indicações dos demais interlocutores.

Não tem nem parede pra separar o que é e o que não é. É muito subjetivo, eu acho que periferia, na minha concepção é uma coisa que é popular, uma coisa que é cultural, questão mais de identidade, né, você tem que se identificar com aquilo, né. Porque tem gente que sai da periferia, mas a periferia não sai, né, porque tem os mesmos gostos, né, continua sendo periférico. Eu acho que é isso. (Litoral)

Os encontros entre os olhares, entendimentos e reflexões acerca das relações que se estabelecem no intermeio das produções coletivas foram colocadas como potenciais de fluxos de significação por alguns interlocutores, relacionando a diversidade de vivências à proposta do programa e da experiência.

Vivência de cada um, querendo ou não, interfere, porque, sei lá, tem gente que vive, um exemplo, tinha um menino que conheci, lá no Jangurussu, que participou do Conexões Periféricas, que ele mora na Aldeota. E ele veio participar do Conexões Periféricas. Teoricamente, ele não é de uma periferia, mas traz a vivência dele, o olhar dele do que é a periferia. E a outra pessoa que mora na periferia mesmo vai trazer o contraponto. E até na periferia mesmo, nos bairros considerados periféricos, tem diferenças. Por exemplo, ali no Vila Velha, ele é muito grande, ele começa bem ali no final, onde é que eu tô hein (apontando para os lados), começa bem ali no final da Barra, aqui perto dessa avenida que vai dar lá na Coronel Carvalho e termina lá onde chamam de Vila Velha 4. Só que dentro do Vila Velha tem uns lugares, que é mais perto da Mosalo Sena, perto ali chamado Conjunto dos Bancários, ali é praticamente uma elite, uma pequena elite. (Raoni)

Tais partilhas de olhares para as periferias, os territórios e as vivências enquanto jovens da cidade – e suas particularidades – impactaram os processos de produção, os encontros de comunicadores em busca de um produto que falasse das periferias e juventudes, como pretendemos abordar no último capítulo.

Por meio do percurso organizado e desenvolvido até aqui, passamos por questões que entendemos serem propulsoras do nosso olhar de pesquisadora em formação e do nosso caminhar neste projeto e que dialogam com a questão norteadora de como as periferias estão inseridas nas narrativas dos jovens comunicadores do Cuca Barra. As inquietações atravessavam, principalmente, quais eram as vivências de periferia que os jovens envolvidos em um projeto de comunicação de um equipamento público como o Cuca Barra tinham, especialmente quando esse projeto era indicado como uma apresentação das culturas juvenis das periferias. Ao acompanhar diversas situações em que os territórios se colocavam como semelhantes e tantos outros momentos em que as diferenças também se impunham, nos inquietava saber como o encontro entre jovens de diferentes territórios da cidade impactaria a

construção de um discurso sobre tais experiências enquanto jovens dentro de uma lógica de um programa de TV. Outras questões que, observadas desde o início dos encontros do campo, nos chamavam o olhar era a questão das relações institucionais dentro do equipamento público e dos projetos de comunicação ali desenvolvidos. Como comentado ao longo do trabalho, alguns dos projetos, como o Repórter Cuca, apresentavam um viés de abordagem focado nas questões internas da Rede Cuca, dos eventos, das programações, das pautas desenvolvidas através das ações do Poder Público. Em um programa de TV em parceria com uma emissora local, como seria a marca institucional, levando em consideração uma proposta que reunia os três equipamentos da Rede?

Essas relações entre territórios, comunicação, institucionalidade, diversidade de vivências, produção de sentidos, periferias e juventudes nos acompanharam e continuam a acompanhar neste projeto.

5 PASSOS DE ABORDAGEM METODOLÓGICA

Após compartilharmos parte do nosso campo de atravessamentos, nossos diálogos interdisciplinares e os caminhos na cidade e na Rede Cuca nas trilhas das juventudes e dos jovens que se constituíram interlocutores desta pesquisa, pretendemos apontar nossos passos de abordagem metodológica, aqueles que ensaiamos na busca de encaminhamentos das dúvidas que nos impulsionaram a iniciar esse percurso. Entendemos que esse percurso que aqui tentamos organizar foi sendo construído ao longo do caminhar no campo, nas leituras, nos encontros com interlocutores, mudanças de trilhas e de recortes. Neste cenário, também a abordagem metodológica foi sendo construída, acompanhando os passos do processo de pesquisa e os passos da organização desse processo neste texto dissertativo, em que viemos apontando as nossas opções metodológicas, nossos encontros com os interlocutores e o entendimento criados a partir destes espaços, assim como a nossa presença no campo.

Ao longo do nosso trajeto, os questionamentos foram sendo modificados e ganhando novas capilaridades, acompanhando os encontros que constroem perguntas, dúvidas e querereres. Buscamos, assim, seguir as trilhas que pudessem nos apontar para entendimentos de como os sete jovens comunicadores do Cuca Barra, produtores do programa de TV Conexões Periféricas, experienciavam as periferias e como narravam tais vivências no processo de produção de comunicação.

Essa busca nos confrontou com outras questões: as formas como a institucionalidade da Rede Cuca estava presente nos processos e como impactava a vivência dos jovens comunicadores; as possibilidades de construção de significados e trocas de experiências surgidas do encontro de jovens de diferentes perfis e territórios para, juntos, produzirem comunicação e partilhar questões acerca das vivências pessoais e coletivas. No caminhar, o olhar viciado em conceitos consumidos ao longo do caminho nos levou a questionamentos pessoais que reverberaram no pesquisar: a necessidade de perceber as narrativas das juventudes para além da dicotomia da ausência-potência que homogeniza as periferias e as produções que se constroem enquanto periféricas, apreendendo assim as potências dessas narrativas para a periferia como lugar-simbólico.

Neste trabalho, optamos por uma análise do processo de produção do programa e não do resultado final, ou seja, dos episódios, suas características, caminhos, temas, abordagens, recursos audiovisuais. Entendemos que o percurso empreendido não permitiria que a análise do programa de TV – e os dez episódios produzidos pelo grupo do Cuca Barra, interlocutor do nosso percurso – fosse realizada com o aprofundamento, detalhamento e bagagem teórica e

prática necessárias para um diálogo entre processo, produtos, discursos, vivências, narrativas e experiências dos jovens. Apesar de entendermos as lacunas de tal escolha para o trabalho, compreendemos que são questões que podem ser aprofundadas e maturadas em futuras incursões ao tema.

Entendemos, durante o percurso de busca, que a pesquisa participante foi um caminho essencial para o nosso mergulho no campo, na organização que, por meio da escrita, pudemos realizar a partir do que foi sendo observado, percebido, partilhado, colhido na cidade, na Rede Cuca e, mais especificamente, no Cuca Barra. Consideramos assim que o trabalho está construído sobre a observação participante e o diálogo com as pistas etnográficas. Entendendo a observação participante como estratégia nas escolhas e passos dados para a pesquisa por nós construída, buscamos compreender mais a questão da observação dialogando com os demais mergulhos dados no campo. Como aponta Angrosino (2009, p. 78), a observação “raramente envolve um ato isolado”. Assim, além da observação participante, acolhemos as entrevistas e conversas informais como pontos de encontro e busca para o nosso percurso de erros e acertos com métodos, metodologias e campo. Esperamos poder delinear algumas dessas questões ao longo do texto, forma que compreendemos necessária para os entendimentos dos caminhos, mudanças, dúvidas e erros de um percurso como o nosso.

A experiência com pesquisa sempre foi vivida como possibilidade de aproximação, de construção conjunta com interlocutores diversos por meio de fluxos de mobilizações e de busca por entendimentos. Na pesquisa participante, como aponta Brandão (2006, p. 11), buscando “sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes”, vagamos entre perguntas, objetivos, perspectivas de compartilhamento das construções que ultrapassassem as páginas e pudessem partilhar sentidos. Assim, encontros e compromissos com os fluxos dos diversos interlocutores foram sendo formados e vivenciados. Sujeitos todos nós atravessados pelas vivências de comunicação, de cidade, de equipamento público e políticas públicas das juventudes. Assim como discorrem Maraschin e Diehl (2015, p. 22), “a ação de pesquisa não é uma ação desinteressada”, estando inserida em uma variedade de contextos dos quais participamos de diferentes formas e posições.

Ao permitir que a atenção vagasse pelos territórios que faziam parte dos meus desejos de ação, a amplitude dos fluxos que atravessavam cada momento passou a formar um horizonte vasto. Nesses percursos, as informações que colhia e que iam construindo o mosaico de entendimentos acerca do visto, do que era buscado no afã de entender, não era o mesmo que me acontecia, me passava, me tocava, como aponta Bondía (2002) sobre a experiência. Tais passos se transformaram em idas e vindas, na maior parte das vezes

confusas, da pesquisadora em formação com informações coletadas e da pessoa afetada por experiências que usavam das palavras para apresentar potencialidades da ação e do encontro. A escuta, preciosa escuta, foi um aprendizado diário, assim como a recepção das mudanças, das vontades do outro, do que não é controlável pela necessidade daquela que era pesquisadora, mas que passa pelo incomensurável de quem se abre para experiências.

Na construção delicada – e repleta de intervenções das marcas e aspirações externas – do trabalho aqui partilhado houve muito a se fazer e refazer no que se refere aos caminhos metodológicos ensaiados. Ensaios iniciados com passos errados, com músicas alheias, com sapatilhas que não cabiam e destroçavam os pés. Erros repetidos diversas vezes no afã da dança diferente e com traços do que já havia sido visto e revisto.

A necessidade de conhecer o campo de pesquisa me levou para a cidade. Aquela que já morava, mas agora com o desejo de habitar, a invenção de si e do processo. Me expus com a atenção flutuante para a cidade, as fronteiras não delimitadas, os territórios não conhecidos. E, assim, muitas foram as idas e vindas para além do objetivo de conhecimento do campo, mas pelo entendimento de quais os fluxos que, enfim, haviam me levado até lá. As trilhas passaram por terminais, paradas, corredores e cadeiras de ônibus, ruas cujo nome não sei, quadras, shows e festivais de cultura, lançamentos de projetos, bibliotecas, corredores, salas de oficinas, anfiteatros, estúdios, lanchonetes, supermercados, casas, reuniões, campos de futebol. Estando, participando, observando, ouvindo, falando, entendendo mais dos outros e das relações que são possíveis de serem construídas nos espaços habitados que instigavam a curiosidade. Ponto em que, mais uma vez, recorremos a Maraschin e Diehl (2015, p. 24) na compreensão de que “pesquisar é uma forma particular de buscarmos uma explicação para aquilo que nos interroga”.

O entendimento de que a metodologia seria delineada a partir das vivências e observações com os espaços e as pessoas potencialmente interlocutoras das questões que nos impulsionavam demorou a se tornar prático e pulsante. Por meio das leituras e inquietações sobre quais eram os meus papéis em tais espaços e formas de incrementar o trabalho que vinha sendo construído na simplicidade do estar presente no compromisso, caminhei por tentativas frustradas de nos fazer (pesquisa e pesquisadora) entrar e caber em novos campos e métodos. O potencial de tais campos e a potência percebida no que vinha sendo acumulado ao longo do meses nos fez forçar tais encontros, mesmo quando o tempo e os cenários já constituídos apontavam para a continuação das trajetórias que foram se construindo, sendo observadas e creditadas ao longo dos meses de afetação.

Após percurso confuso, percebemos que a nossa trajetória metodológica passava, necessariamente, pelo entendimento da observação participante enquanto abordagem. Assim, caminhamos por trilhas que vêm sendo sedimentadas, experimentadas e ampliadas a cada nova tentativa da área, por meio da observação participante, descrição de momentos, inquietações e escutas organizadas em um diário de campo, que chamamos no nosso processo de caderno de bordo, assim como entrevistas com os interlocutores que formavam um grupo de jovens comunicadores.

Sabendo-se de alguns apontamentos sobre observação participante possíveis de serem interpretados da obra de Whyte (2005), entendemos a importância do tempo como negociador de entrada ou aceitação em um espaço. Aceitação não somente como a permissão de acompanhamento, mas a acolhida nos fluxos cotidianos tão significativos para o processo. Nos primeiros momentos que estive nos Cucas, caminhei pelos espaços, salas, corredores, anfiteatro, entornos. Chequei as programações diárias e me dirigi aos equipamentos para estar, participar, sentir os fluxos que ali aconteciam. Foram meses de conhecer e ser conhecida por educadores, profissionais, jovens, porteiros, motoristas de ônibus, participantes de oficinas, mobilizadores sociais. Antes de qualquer outro movimento que sinalizaria uma oficialização da presença, estive, como interessada em estar, me apresentando como comunicadora, pesquisadora, curiosa. Entendendo, com Certeau (1994), histórias que começam ao rés do chão.

Essas escolhas de estar com as pessoas e nos espaços se constituiu acompanhada de um comprometimento com as questões que foram chegando: os desafios enfrentados por territórios próximos, as mobilizações de educadores que buscavam apoio para ações que dialogavam com temas como política de juventude, violência, redução de danos, acesso à educação, divulgação de eventos culturais, visibilidade de atos. Todos esses envolvimento davam pulsão a minha vontade de estar, de participar. No entanto, a amplitude dos fluxos que atravessavam cada espaço e que me chamavam a atenção resultou em um longo processo para a construção das questões da pesquisa, que mudavam a cada novo encontro com as possibilidades, que abrangiam sempre mais.

Assim, foi a permissão – inicialmente desconfiada que isso abriria ainda mais as possibilidades e dificultaria o eu-pesquisadora de caminhar de acordo com o tempo e os objetivos do processo acadêmico que estava submetida – de deixar o olhar fluir pelas escutas, inquietações, marcas deixadas, falas compartilhadas, questionamentos recebidos e pensamentos que não encontravam ainda reverberação que permitiu o encontro com a diversidade dos jovens e das periferias ali presentes. Tal ponto permitiu que o olhar, dessa vez

mais objetivo, chegasse a um projeto, a um grupo que seria potente interlocutor, cujas narrativas eu pudesse partilhar para buscar.

Ao longo do caminho de estar e participar, entrei em contato com diversas falas institucionais e, especialmente, espontâneas de jovens sobre os territórios habitados. Eram conversas informais sobre ‘a comunidade que eu vivo’, ‘a quebrada que a gente mora’, ‘a favela de onde venho’, ‘a periferia que eu conheço’, ‘lá nas área’, ‘no buraco que ela se esconde’. Eram pistas que eu tentava buscar no repertório vivido por mim e que caíam, invariavelmente, em uma vala comum, um cenário homogêneo. Ao reunir a diversidade percebida das juventudes que estavam nos Cucas e as falas sobre os territórios que habitavam, se consolidou a inquietação de saber que periferias eram essas que os jovens presentes em um equipamento público localizado em um bairro da periferia de Fortaleza falavam e viviam, questionamentos trazidos, em alguns momentos, por jovens com os quais conversávamos sobre comunicação, cultura, direito à cidade, experiências pessoais. Dialogando com tais questões existia o discurso institucional que apontava e reafirmava a presença dos equipamentos nas periferias.

Lembrando a experiência da pesquisadora Alves (2003, p. 174) nas questões relativas à pesquisa antropológica nos bailes e seus caminhares sobre a observação participante, apontamos que “os trabalhos de construção de um objeto de pesquisa e de sua observação e registro são processos que se articulam” e exigem, assim, um exercício continuado de reflexão do pesquisador em formação.

Entendendo, conforme citado, a observação participante como caminho de busca percebido e construído no decorrer do processo, o fincar de raízes no cotidiano dos equipamentos foi fundamental para cada passo de vivência e escrita. Fazer-se presente para além dos espaços e momentos da área da comunicação permitiu que fosse vislumbrada a relações entre jovens de diferentes interesses dentro do equipamento, percebendo assim como percorriam os espaços de construção de sentidos com certa desenvoltura. Como aponta Angrosino (2009) sobre a observação na pesquisa ao abordar o envolvimento do observador lembrando a tipologia clássica de Gold, sobre os graus dos papéis adotados, entendemo-nos enquanto participante como observadora, uma vez que o autor dispõe que tal papel está mais “completamente integrado à vida do grupo e mais envolvidos com as pessoas” em que as “atividades de pesquisa ainda são reconhecidas” (2009, p. 75).

Além de acompanhar atividades espaçadas e pontuais da área de comunicação do Cuca, como oficinas, cursos, lançamento de jornais, exibição de programas de rádio e de produtos audiovisuais, realizei incursões maiores, por meio de entrevistas em profundidade,

por exemplo, de projetos específicos, como o Memórias, na edição em que foi construído documentário sobre o Morro de Santiago, território próximo ao Cuca Barra. O envolvimento com o projeto e suas respectivas produções resultou em artigos que buscaram dialogar com questões sobre memória e imagem. Além disso, conhecer o território, os moradores e pessoas que atuavam no Morro me atravessou por meio de um envolvimento e parceria com um coletivo no local, chamado de Aqui tem Sinal de Vida⁵⁷, do qual continuo a fazer parte. Por impossibilidades de ordem prática, como acesso aos participantes da edição (cujos contatos se mostraram difíceis por não serem do próprio Morro) e, principalmente, com a saída dos educadores que participaram mais ativamente do projeto, assim como questões internas dos territórios e seus moradores, como conflitos que fragilizaram certos vínculos e, no âmbito institucional, por questões estruturais das propostas e programações do equipamento que resultaram na não realização de uma nova edição do projeto Memórias posterior a do Morro de Santiago (como era esperado e apontado durante as conversas), a mobilização acadêmica a este ponto se findou, pelo menos por ora, nos artigos articulados, redigidos, apresentados e publicados.

Com a necessidade de reorganização dos passos, uma vez que havia uma expectativa de aprofundamento do projeto Memórias por meio de uma nova edição para composição deste trabalho, pousamos o olhar e a atenção em outro projeto da área de comunicação do Cuca, o Conexões Periféricas, programa de TV realizado por jovens comunicadores da Rede Cuca e veiculado na TV Ceará, televisão pública do Estado. Tal mudança, após meses de espera pela continuidade do projeto, entrevistas, mobilizações em leituras específicas foi um balançar na confiança das possibilidades enquanto pesquisadora em formação. Novos contextos, cenários, histórias precisavam ser acolhidos diante do território já conhecido, atravessado e pelo qual já havia sido afetada.

Como já apontado, o entendimento da observação participante enquanto abordagem do campo permitiu que eu, enquanto pesquisadora afetada pelas vivências de quase um ano (iniciei minhas idas aos Cucas em maio de 2015) estando presente nos equipamentos públicos que compõem a Rede, conseguisse ‘fluir’ de forma mais tranquila entre espaços, conversas e situações. No entanto, como são os cenários atravessados por diferentes pessoas, interesses e fluxos, o fluir não conseguia ser acomodado, levando em conta a existência constante de alterações, de situações desconhecidas ou inesperadas, de novos fatos. Assim, podemos

⁵⁷O Aqui tem Sinal de Vida é um coletivo formado por diversos atores que, motivados por envolvimento profissionais e pessoais, se reuniram para a construção de uma Biblioteca Comunitária no Morro de Santiago. A partir desses encontros, o coletivo estabeleceu um espaço de encontro em cima do Morro e vem realizando atividades de educação, lazer, comunicação, saúde e economia criativa no território desde 2015.

ressaltar mais um entendimento de Whyte (2005) ao abordar a observação participante de que, normalmente, caímos de paraquedas nos territórios – mesmo com informação prévia, não havia ainda o atravessamento, o ser afetado – não controlando assim a situação.

Assim, o corpus empírico objetivado na segunda temporada do programa Conexões Periféricas apontou para a diversidade de situações observadas ao longo do percurso em campo, mas também para as potencialidades daquele novo contexto (para a pesquisadora) dentro do equipamento. Foram cinco meses participando das atividades dos jovens comunicadores que compunham o grupo responsável pelo programa no Cuca Barra. A participação não se dava apenas buscando “estabelecer o contexto para entrevistas” (ANGROSINO, 2009, p. 75), mas na busca pela participação nos processos dos jovens em tal percurso de produção de comunicação, no rastro da produção de sentido. A presença no convívio com os jovens comunicadores e os processos constituídos em cada troca de mensagens, reuniões, discussões, pautas fez surgir novas inquietações enquanto pesquisadora.

O ir e vir dos encontros permitiu que observação e participação caminhassem juntos em uma harmonia que por vezes, é certo, vacilava. A participação sendo colocada em muitos momentos em uma relação estreita com os processos, com as chamadas a opinar, a fazer, a intervir, a ser parceira do que ia se desenrolando. A convivência ao longo de meses com os jovens comunicadores, professores, facilitadores e técnicos criou uma relação que foi problematizada em alguns pontos do caderno de bordo que utilizamos em nosso processo de pesquisa e do qual trazemos trechos ao longo do texto. Em um dos pontos do relato, aponto algumas das inquietações.

Ainda não sei como reagir às chamadas para participação nas discussões sobre as pautas. E já estou há meses nos encontros de pauta. Parece que, a qualquer momento, posso jogar as questões da pesquisa no meio do processo de produção do programa. A cada temática que um dos jovens oferece como possibilidade de pauta para o grupo, me questiono sobre a relação com o que parece ser a linha do programa – que eles mesmos repetem vez ou outra, sobre como vão falar das periferias nesse tema, se estão lembrando das fontes que disseram sentir falta no outro programa. Quando viram pra mim e perguntam, em quase todas as vezes, fazendo referência à minha experiência como jornalista, como repórter, sobre o que eu acho do tema, sinto que o terreno é frágil. Normalmente estou devolvendo com perguntas sobre como eles estão pensando o tema, quais as abordagens para os quadros, quais as fontes que estão pensando. Sem opinar diretamente sobre o tema, mas tentando trocar ideias sobre as possibilidades daquilo que estão se propondo. Não sei se é o caminho, mas a relação que a gente vem construindo parece ser essa também. (Trecho caderno de bordo do dia 1º de setembro de 2016)

As trocas de ideias, as escutas sobre os percursos, os desejos para a vida, para o trabalho, as dificuldades, as brincadeiras tornaram o campo intenso no que diz respeito ao se afetar pelos fluxos que eram partilhados. Um estranhamento do envolvimento no processo, por exemplo, foi ver meu nome nos agradecimentos da ficha técnica do final de dois episódios e como convidada em outro, o do Feminismo, primeiro contato com o grupo e no qual participei do Papo Selfie. No episódio, por exemplo, sobre Relacionamentos Virtuais, há depoimentos descontraídos dos jovens comunicadores do Cuca Barra sobre a experiência no programa e, em dois momentos, meu nome é citado, como trecho do caderno de bordo aponta.

O programa sobre Relacionamentos Virtuais traz no 3º bloco depoimentos dos jovens comunicadores do Cuca Barra sobre o processo do Conexões – com muitos ‘erros de gravação’. Agradecimentos a TVC e Rede Cuca. Eles apontam que foi bom, gratificante, desafiador, uma forma de praticar a questão da apresentação, da comunicação. Momento intenso, de aprendizado. Bruno comenta que, principalmente, conhecer as pessoas. Luan aponta que teve muitos questionamentos, pensamentos filosóficos, trabalhar em coletivo. Bianca comenta, após rir ao mandar um beijo pro Danilo, técnico de vídeo que acompanhou o grupo, que vai mandar um beijo pra Samaisa também, ao que Alex, ao lado dela, complementa: “ó a Samaisa ali, rindo que só”. Bianca cita vários nomes, entre eles, o meu, comentando que foram pessoas “maravilhosas”. (Trecho caderno de bordo, dia 3 de outubro de 2016)

Nosso caminhar foi então, na tentativa de compreender e lidar com as relações estabelecidas durante o período de convivência, assim como foi durante todo o percurso em que a proposta foi a de atravessar e ser atravessada pelos sentidos, fluxos, vivências daqueles que compuseram nosso mosaico de referências e invenções na trilha do descobrir o outro, a si mesmo, a cidade, a comunicação, os territórios.

Buscamos em Spink e Medrado (2004, p. 41) o entendimento de que “dar sentido ao mundo é uma força poderosa e inevitável na vida em sociedade” e que “o sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo” através do qual as “pessoas constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e os fenômenos a sua volta”. Assim, experimentamos tentar trilhar o exercício dos caminhos dessa força no nosso contexto de vivência e pesquisa.

De junho a outubro de 2016 participei das reuniões de pauta e gravações e, de dezembro a fevereiro realizei entrevistas com os sete jovens comunicadores participantes do programa Conexões Periféricas. Entendemos, como apontam Spink e Medrado (2004, p. 45) que, as perguntas de uma entrevista podem “focalizar em temas que os entrevistados talvez

nunca tenham parado para refletir”. Assim, a todo momento do percurso de pesquisa estamos convidando os nossos interlocutores à produção de sentidos.

Optamos por realizar entrevistas individuais com os jovens comunicadores, momento que entendemos como propício a partilhar percursos de vida que pudessem dialogar com o processo de vivência coletiva de produção de comunicação. Para isso, buscamos diálogo com as entrevistas da pesquisa biográfica, por entender que tal recurso poderia dar pistas sobre a “singularidade de uma fala e de uma experiência” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 526), poderia “colher e ouvir, em sua singularidade, a fala de uma pessoa num momento x de sua existência e de sua experiência”. Para a autora, o fato desta fala e da experiência que esta relata ser atravessada por diferentes discursos, pela história, o social, o político etc., a torna reconhecida pela pesquisa biográfica e “faz dela uma dimensão constitutiva da individualidade” (2012, p. 526). Ainda segundo ela, “o ser humano se apropria de sua vida e de si mesmo através de histórias” (DELORY-MOMBERGER, 2009, p. 37, tradução nossa), apontando para a narrativa como “linguagem do fazer biográfico” (p. 39, tradução nossa). A pesquisadora convida à compreensão de que “uno no narra su vida porque tiene una historia, uno tiene una historia porque narra su vida” (2009, p. 40)⁵⁸.

Ao tentar construir pontes com as entrevistas da pesquisa biográfica organizamos esses momentos em duas partes: na primeira, o interlocutor era convidado a produzir um relato espontâneo sobre sua vida (GERMANO E SERPA, 2008) com o menor índice de intervenção possível. Levando em consideração as diferentes acolhidas e narrativas ao convite de, primeiro, conversar com uma pessoa que esteve presente por meses em um processo contínuo e falar da sua vida para essa pessoa, podemos apontar para diferentes níveis de intervenção alcançados nesta primeira parte das entrevistas. Em um segundo momento dessa ponte entre uma entrevista semiestruturada e uma realizada em pesquisa biográfica, fazíamos perguntas sobre trechos específicos do relato para aprofundamento ou melhor compreensão, seguido por perguntas sobre as experiências na Rede Cuca, o processo de atuação no programa Conexões Periféricas, as vivências e entendimentos acerca das periferias e juventudes. Após realização das entrevistas e transcrição total do áudio, buscamos o entrelaçamento entre os caminhos que se atravessaram durante o período de pesquisa: a observação participante, as entrevistas, os questionamentos e apontamentos de outros pesquisadores que abordaram temáticas e conceitos que produziram eco com a experiência aqui detalhada.

⁵⁸“Ninguém narra sua vida porque tem uma história, alguém tem uma história porque narra sua vida” (Delory-Momberger, 2009, p. 40, tradução nossa).

Um ponto que julgamos importante neste processo é o entendimento nos diálogos com os jovens comunicadores sobre a não identificação deles na abordagem do material resultante das entrevistas realizadas. Caminhamos, durante a escrita deste texto, em um tênue movimento de apontar as particularidades da diversidade dos nossos interlocutores, coautores desse processo, tudo aquilo que os torna potentes construtores de significados e espaços de criação e invenção sobre o ser jovem, produzir comunicação, discutir territórios, ao mesmo tempo em que tentamos preservar a identidade de quem emitia as opiniões e posicionamentos ao longo das entrevistas, uma vez que as participações nos programas estão disponíveis para acesso e identificação de qualquer um em vídeos na internet. No entanto, como não perder linhas essenciais nesse movimento? As escolhas das abordagens, as tentativas de expor falas e vivências, o olhar cuidadoso com a escrita buscaram o equilíbrio que, bem sabemos, nem sempre é alcançado. Além disso, a história partilhada por cada um, alguns com diversos detalhes, outros com informações gerais constituíram uma narrativa importante sobre si mesmos, sobre seus percursos de vida, organizados em um processo coletivo, mas com marcas pessoais que ‘pertenciam’ a eles e à identidade por eles reivindicada.

Buscamos, por meio das abordagens descritas neste tópico, reverberar o que Spink e Medrado (2004, p. 61) apontam em diálogo com as propostas de Rorty (1994 *apud* SPINK, 2004), de que “o conhecimento não é algo que se possui, mas que se constrói em coletividade”. E, entendendo como desafia Farias (2015, p. 77), de que o momento da escrita é como o fazer origamis, em que um “um papel liso começa a ganhar formas com dobras e desdobramentos, até uma forma ser feita” e que esse “processo constitui-se de tentativas, combinações, formas, deformações etc.”, viemos e continuamos a nos aventurar aqui a ensaiar dobraduras.

6. PRODUZINDO COMUNICAÇÃO E SENTIDOS DE PERIFERIAS

A partir da observação participante e da partilha do processo de produção do programa Conexões Periféricas pelo grupo de jovens comunicadores do Cuca Barra ao longo de cinco meses, assim como das entrevistas realizadas individualmente com os jovens em momento posterior ao projeto e o apoio do caderno de bordo pretendemos alinhar alguns pontos acerca desse caminhar que apontou tantas possibilidades de comunicar, viver e questionar a cidade, as periferias e as relações estabelecidas com as juventudes, assim como as linhas institucionais que permeiam e marcam os contextos de produção dentro de um equipamento público.

6.1 Quando a periferia está no nome: Conexões Periféricas

“Conexões Periféricas veio para discutir questões que nós jovens temos. Falar como nós falamos e, o mais importante, ser um espaço de vez e voz dos jovens da periferia de Fortaleza e do Brasil”⁵⁹. Assim começa um dos episódios da primeira temporada do programa Conexões Periféricas, parceria da TV Ceará (TVC) e da Rede Cuca. Um dos jovens interlocutores da nossa pesquisa lembrou que a escolha do nome, ainda em 2015, época em que participava de outros projetos na Rede, foi um processo complicado, levando em conta a amplitude da linha do programa. “A gente tem que nesse nome representar o negro, o favelado, a comunidade, a periferia mesmo em si”, lembrou Patrícia de ter ouvido. Para ela, a impressão inicial do nome pareceu confusa para alguns, mas a ideia de ligação entre as periferias poderia ficar claro ao longo dos episódios que dialogassem com as propostas do programa, opinou.

Com a primeira temporada realizada em 2015 e estreia do primeiro episódio no dia 17 de outubro daquele ano, as inscrições para a segunda temporada aconteceram até o dia 12 de março de 2016. O edital da segunda temporada do programa tinha como objetivo selecionar 33 jovens, sendo 27 alunos e 6 monitores divididos entre os três Cucas. Para se inscrever, os jovens precisavam ter entre 18 e 29 anos e ter experiências anteriores (cursos) nas áreas de fotografia, audiovisual, mídias digitais, comunicação popular ou design. Apenas os jovens participantes e que tivessem concluído a primeira temporada poderiam tentar a vaga de monitor. O processo seletivo era composto por análise dos documentos, do currículo e entrevista. As atividades tinham prazo de desenvolvimento do dia 4 de abril ao dia 31 de

⁵⁹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hv5003Oso6Q> Acesso em 26 de junho de 2016.

outubro com carga-horária de 12 horas semanais, dividida entre formação prática, prática de produção do programa e vivências profissionais.

A segunda temporada do Conexões Periféricas apresentou 22 episódios, exibidos entre os dias quatro de junho e 29 de outubro de 2016. Com uma periodicidade semanal, exibido aos sábados, às 14 horas, na TV Ceará, o programa reuniu três grupos de jovens comunicadores que formavam a equipe responsável pela produção em cada equipamento da Rede: Barra, Jangurussu e Mondubim. Os grupos eram acompanhados (em diferentes graus de envolvimento e presença) por profissionais da área de audiovisual dos Cucas e pelos supervisores de comunicação de cada equipamento, além de monitores. O número de jovens participantes nos grupos teve dinâmica própria ao longo dos meses, uma vez que as desistências fizeram parte do processo.

O cronograma da segunda edição do Conexões Periféricas seguiu até outubro de 2016 e, durante os meses de atividades, os grupos de jovens comunicadores dos três equipamentos produziam ao mesmo tempo os episódios sob sua responsabilidade, alternando a exibição a cada sábado. Com o primeiro episódio sendo exibido no dia 4 de junho sobre o Universo LGBTT (Cuca Jangurussu), criou-se um padrão de exibição, sendo Jangurussu, seguido do programa do Cuca Barra e do Cuca Mondubim, estes, respectivamente, nos dias 11 de junho sobre o Feminismo e no dia 18 de junho sobre Acessibilidade. Após a realização de seis episódios por cada grupo, quatro foram realizados em Rede (com um grupo responsável por consolidar o material produzido pelos três equipamentos), sendo o episódio final de temporada realizado nos estúdios da TVC. Tal organização apontava para um intervalo de poucos mais de duas semanas para a finalização de cada episódio e consequente envio para a TVC na semana em que seria exibido. Assim, normalmente, no processo acompanhado no Cuca Barra, eram de cinco a seis dias de encontros para a escolha da temática, da abordagem, divisão dos quadros, contato com fontes e gravações, uma vez que a edição era realizada pelos profissionais do Cuca e monitores do programa com participação discreta de alguns dos jovens.

Figura 1 – Abertura programa Conexões Periféricas



Fonte: Frame de vídeo do programa Conexões Periféricas.

Parte dos episódios das duas temporadas está disponível no canal de YouTube da TV Ceará⁶⁰. No entanto, aqueles que não constam na *playlist* disponibilizada – que reúne blocos de um episódio da 1ª temporada e de 19 da 2ª temporada – ficam inacessíveis para o público e para os próprios jovens que, como visto em campo, precisaram pedir para que os programas fossem copiados em dispositivos móveis como pen drives.

Com divisão de três blocos, o programa tem, em média, 30 minutos de duração. Apesar de alguns contatos ao longo dos meses, os grupos de cada Cuca organizavam os episódios de acordo com os processos internos e a observação e coordenação dos colaboradores da área de comunicação da Rede. Assim, comentários sobre as abordagens das produções dos outros equipamentos (Mondubim e Jangurussu) e indicações de temáticas já usadas ou parecidas se faziam presentes durante as reuniões de pauta buscando imprimir uma organização de trabalho em Rede, mas sem uma discussão efetiva dos caminhos que os episódios apontavam para o programa e para os comunicadores.

Apesar de abordagens particulares de cada grupo, os quadros eram fixos no programa: Tribos, Narrativas Anônimas, Papo Selfie e a Agenda Cultural da Rede Cuca. O quadro Tribos propunha abordar questões de grupos específicos, como o nome sugere, suas

⁶⁰Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCWiwMQn0k84wn0952b5kcKw>.

atividades, gostos, formas de lazer, pensamentos, formas de viver a cidade, de produzir e consumir etc. Na abertura, fotos de diversas pessoas coloridas e preto e branco (incluindo alguns jovens participantes) se sobrepunham umas às outras formando um mosaico de rostos com a música ‘Inclassificáveis’, de Arnaldo Antunes. A canção aponta para um cenário de diversidade: “Aqui somos mestiços mulatos/ cafuzos pardos mamelucos sararás/ crilouros guaranisses e judárabes / Somos o que somos / Inclassificáveis”.

O quadro Papo Selfie usa a posição de fazer fotos ou vídeos – com a câmera virada para si mesmo – tão comum nas redes sociais atualmente para envolver jovens em questões relacionadas ao tema principal de cada episódio. A dinâmica variou entre os episódios, com vídeos em que jovens davam sua opinião sobre alguma coisa ou, por exemplo, perguntavam para alguém sobre um tema, como um professor ou especialista, que também respondia em vídeo. Na abertura do quadro, o nome Papo surge na tela com a descrição: “[Brasil, informal] Conversa informal, descontraída. = Bate-papo, papo, prosa”. Em seguida, o mesmo acontece com a palavra “Selfie: [Corruptela do inglês Selfie] Si mesmo. Si próprio. Fotografia que alguém tira a si mesmo”.

O quadro Narrativas Anônimas acolheu uma diversidade de propostas, desde dramatizações de textos acerca do tema central do episódio, entrevistas com jovens sobre suas atividades, propostas de ação nos territórios. Seguindo a estética do quadro Papo Selfie, a abertura do Narrativas Anônimas traz os significados das palavras com imagens de pessoas de forma desfocada e em movimentos rápidos de dança e dramatização. A Agenda Cultural, alocada no 3º bloco dos episódios e, normalmente, ocupando todo o 3º bloco, trazia os jovens comunicadores apresentando a programação da semana da Rede Cuca, como filmes, cursos, apresentações culturais de dança, música e teatro.

Entre os quadros fixos do programa, episódios contaram com clipes de bandas locais, intervenções culturais dos próprios jovens comunicadores nos territórios, espaços para os grupos incluírem produções que não estavam fechadas no molde já previsto. Nos episódios produzidos pelo Cuca Barra, os jovens comunicadores se dividiam entre a apresentação geral do programa (um fio condutor dos quadros a serem chamados), a realização das entrevistas e mediações nos quadros e a apresentação da agenda cultural da Rede. Ao longo dos episódios, todos os participantes estiveram à frente das câmeras em algum momento.

A abertura do programa, a mesma para todos os equipamentos, apresenta os grupos de jovens comunicadores de cada equipamento por meio de imagens rápidas que circulam de grupo em grupo. Os jovens, reunidos e divididos por equipamento, sem identificação de nome, mas com referência ao Cuca que fazem parte, estão, no vídeo, dramatizando a

realização de atividades referentes à produção audiovisual (editando, entrevistando, registrando imagens, pesquisando) e, grupo a grupo, acenam para a câmera. Em todas as imagens estão nos espaços da Rede Cuca.

A música de abertura do programa é do rapper Emicida, que vem se tornando, para muitos, porta voz de questões relacionadas às periferias, ao preconceito racial, a violência que afeta as juventudes em ambientes midiáticos – seja na internet, programas de TV, entrevistas em grandes veículos de comunicação, passarelas de eventos de moda e, lógico, shows que reúnem um público diversificado. A música ‘Boa Esperança’⁶¹, de autoria de Emicida e Nave, faz parte do disco ‘Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa’, de 2015, acompanha as demais obras do artista ao trazer questões vivenciadas nas periferias das cidades. Somente o refrão é usado na abertura do Conexões:

Por mais que você corra irmão
Pra sua guerra vão nem se lixar
Esse é o xis da questão
Já viu eles chorar pela cor do orixá?
E os camburão o que são?
Negreiros a retraficar
Favela ainda é senzala jão
Bomba relógio prestes a estourar
(Boa Esperança, 2015)

Ao longo dos 22 episódios, as temáticas dialogaram com questões diversas das cidades, das vivências pessoais, dos movimentos culturais. Listaremos a seguir as datas de exibição, as temáticas e o grupo de jovens comunicadores responsável da segunda temporada do Conexões Periféricas.

Quadro 1 – Lista de episódios da 2ª temporada do programa Conexões Periféricas

Data de exibição	Temática	Cuca Responsável
04 de junho de 2016	Universo LGBTT	Cuca Jangurussu
11 de junho de 2016	Feminismo	Cuca Barra
18 de junho de 2016	Acessibilidade	Cuca Mondubim
25 de junho de 2016	Festejo Junino	Cuca Jangurussu
02 de julho de 2016	Hip Hop	Cuca Barra
09 de julho de 2016	Violência contra os jovens	Cuca Mondubim
16 de julho de 2016	Expressões de Riso	Cuca Jangurussu
23 de julho de 2016	Geração Y	Cuca Barra
30 de julho de 2016	Resíduos Sólidos	Cuca Mondubim
06 de agosto de 2016	Cultura Geek	Cuca Jangurussu

⁶¹A letra completa da música pode ser acessada em: <https://www.vagalume.com.br/emicida/boa-esperanca.html>

13 de agosto de 2016	Educação Alternativa	Cuca Barra
20 de agosto de 2016	Identidade de Gênero	Cuca Mondubim
27 de agosto de 2016	Pontos de Encontro	Cuca Jangurussu
03 de setembro de 2016	Alimentação Jovem	Cuca Barra
10 de setembro de 2016	Artes Visuais	Cuca Mondubim
17 de setembro de 2016	Ritmos musicais	Cuca Jangurussu
24 de setembro de 2016	Barra do Ceará	Cuca Barra
01 de outubro de 2016	Esportes Radicais	Cuca Mondubim
Programas em Rede puxados por um grupo de jovens comunicadores		
08 de outubro de 2016	Comunicação Comunitária	Cuca Jangurussu
15 de outubro de 2016	Relacionamentos Virtuais	Cuca Barra
22 de outubro de 2016	Mundo do Trabalho	Cuca Mondubim
29 de outubro de 2016	Identidades juvenis	Cucas no estúdio da TVC

Fonte: Produção da pesquisadora.

As temáticas variadas refletem processos internos de cada grupo em dialogar, negociar e executar as pautas e abordagens em assuntos que atravessassem suas vivências, lembrando o indicativo presente no site da TVC de que “o programa apresenta as culturas juvenis das periferias de Fortaleza de uma forma bastante singular”⁶². Assim como se transformou em ícone a partir da década de 90 e se consolidou nos anos 2000, o lugar-conceito periferia, como apontou Zanetti (2010, p. 20) ao abordar o cinema de periferia também se consolidou no processo em que “representações da periferia cada vez mais integram processos de mediação ‘periféricos’”, seja no campo da arte ou da comunicação, como vídeos, fotos, blogs, agências de notícias, emissoras de rádio etc. que “falam sobre as periferias urbanas e são feitos pelos próprios moradores desses ‘territórios de periferia’”. Para a autora, uma “ampla cadeia de produção e consumo simbólico torna evidente a incorporação no campo midiático do conceito de ‘periferia’, mesmo que a partir de diferentes abordagens e apropriações do termo” (2010, p. 21). E, entendemos, é neste e desse cenário que muitos dos jovens que se tornaram nossos interlocutores ao longo do processo experienciaram possibilidades de comunicação antes do projeto aqui acompanhado.

O envolvimento de cada jovem no Conexões Periféricas seguiu os interesses dos caminhos construídos e percorridos, seja na cidade, na área da comunicação e nos equipamentos da Rede Cuca, como comentado anteriormente. A necessidade de experiência na área para contabilizar atividades complementares ou aumentar o portfólio, a vontade de aprofundar experiências no processo de produção de comunicação, o intuito de lidar melhor

⁶²Disponível em:

http://www.tvceara.ce.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=43432&Itemid=11&cssfile=principal.css

com a timidez, a ampliação de horizontes diante das áreas de atuação que se consolidam por meio das atividades várias que se envolvem ao longo dos anos.

Bom, (pensei) bem que seria uma experiência massa, porque eu tô querendo voltar a pegar o ritmo da produção audiovisual e de também pensar conteúdos, não ao pé da letra pensar conteúdos, mas assim o que eu quero, é isso, trazer uma reverberação de certos assuntos que eu não escuto falar ou que as pessoas não dão tanta atenção a certas situações, certos temas que tem repercutido nesse espaço. E aí eu vi a possibilidade, teve a inscrição e tal e, ‘massa, vou tentar fazer também’ (Pedro)

A reverberação de si, das inquietações, questionamentos, movimentos que faziam parte das vivências de cada um foi ponto de encontro para muitas das temáticas desejadas de ganharem espaço dentro da produção e, negociadas com as vivências do grupo, as expectativas dos colaboradores, a proposta do programa a ser exibido em TV pública. São alguns desses aspectos que buscaremos partilhar e organizar a seguir.

6.2 Processos de produção de comunicação

Os meses de produção dos dez episódios da segunda temporada do Conexões Periféricas, que foram realizados pelos jovens comunicadores do Cuca Barra que foram nossos interlocutores neste processo de pesquisa (sendo quatro deles em Rede, ou seja, com a responsabilidade dividida entre os grupos de jovens comunicadores dos três Cucas), apresentaram as diversas faces de bastidores que um produto audiovisual como um programa de TV pode ter. Questões como contato de fontes, mapeamento de possíveis personagens, pesquisa, discussão e entendimento sobre as temáticas, discordâncias sobre abordagens e apresentações, atrasos na realização de quadros, falta de resposta de entrevistados, obstáculos estruturais e práticos no que diz respeito a gravações externas, reuniões com poucos jovens, mudanças de pautas etc.

Entre junho e outubro de 2016, participei das reuniões e atividades com os comunicadores da Barra do Ceará, grupo que se manteve com sete jovens. O grupo do Cuca Barra produziu seis programas com as seguintes temáticas: Feminismo, Hip Hop, Geração Y, Educação Alternativa, Alimentação Jovem e Barra do Ceará. Além desses, quatro outros programas foram produzidos em Rede, ou seja, com a participação dos jovens comunicadores dos três Cucas, divididos por quadros ou blocos. Nos programas em Rede, os temas abordados foram Comunicação Comunitária, Relacionamentos Virtuais, Mundo do Trabalho e

Identidades Juvenis, o último da temporada, com um modelo de programa ‘ao vivo’ e a participação dos jovens comunicadores de todos os Cucas no estúdio da TVC.

Ao longo do meses, pude acompanhá-los nas reuniões que aconteciam às terças e quintas no Cuca Barra, momento de discussão sobre as temáticas a serem abordadas, pautas, definição de blocos, personagens, locações e formas de abordar os assuntos. Também acompanhei execução de muitas das pautas, que incluíam contato com fontes, entrevistas com personagens, gravações de apresentação. Assim, pude estar presente neste processo, dialogando e construindo campos de compartilhamento de ideias sobre comunicação, sobre a prática profissional, sobre as vidas, os interesses, as dúvidas, a vivência de território, as discordâncias sobre abordagens e sobre os objetivos de estarem participando de um projeto que poderia apontar para muitas possibilidades de interpretação, invenção e ressignificação sobre pautas que dialogariam com ‘o universo Conexões Periféricas’. Tal percurso permitiu a construção de um mosaico de observações e interlocuções que consideramos valorosas para a busca em compreender os processos que se desenvolvem e descortinam.

O primeiro contato realizado foi *in loco*, no Cuca Barra, quando os jovens já estavam na produção do primeiro episódio da temporada e tinham como tema o feminismo. Sem ter sido apresentada, fui interpelada por alguns deles no pátio do Cuca para participar de um quadro chamado Papo Selfie, em que deveria contar para a câmera do celular, no estilo selfie, o que o feminismo significava para mim. Era a produção do primeiro programa acontecendo. Após gravar e conversarmos sobre o tema e, ao saberem da minha formação de jornalista, o grupo passou a pedir opinião sobre alguns pontos do programa. Acompanho-os nos convites e gravações com outras mulheres que estavam no Cuca Barra, seja trabalhando, treinando, esperando alguma atividade.

Na semana seguinte, fui para uma reunião acompanhando o então supervisor de comunicação da Barra, João Bento, e, assim, me apresentei já como comunicadora e pesquisadora a mais pessoas do grupo, pouco antes de assistirmos juntos ao primeiro episódio e ser realizada uma roda de conversa sobre a produção, os textos, conteúdos, as abordagens, as dificuldades. No momento, professores, técnicos e colaboradores da área de comunicação do Cuca Barra opinaram sobre o episódio, criticando algumas escolhas de abordagens e fontes, apontando possibilidades para as demais produções, ouvindo dos participantes relatos sobre como tinha sido a experiência – a primeira incursão audiovisual daquela dimensão para a maioria dos jovens. Neste ponto, começaram a se desenhar cenários que seriam repetidos ao longo dos meses de produção dos programas e que foram marcadores do processo: as reclamações sobre dificuldades com os equipamentos de gravação e com a saída do Cuca para

gravações externas, o que permitiria que não usassem somente fontes e personagens do próprio Cuca Barra, uma das críticas dos gestores e colaboradores ao primeiro programa. Durante todo o processo de produção da segunda temporada do Conexões Periféricas esses pontos não tiveram qualquer mudança no Cuca Barra, uma vez que a saída dos equipamentos de gravação estava condicionada a ida de um dos técnicos, o que envolvia disponibilidade de agenda (uma vez que atuavam em diferentes projetos do Cuca), autorização prévia e, o mais complicado, transporte que garantisse a ida e volta de comunicadores, técnicos e equipamentos.

6.2.1 Quais narrativas, linguagens e tempos?

Os dois encontros semanais, às terças e quintas-feiras, eram marcados para ter início às 14 horas. No entanto, frequentemente começavam com mais de meia hora de atraso, intervalo em que os jovens iam chegando aos poucos, alguns direto de estúdios, de casa, do trabalho ou outros compromissos. Ao longo do processo acompanhado, o grupo contou com sete jovens participantes, além de dois monitores (que saíram ao longo do período de produção), um professor de audiovisual, Danilo Andrade, e um técnico audiovisual, Neto Severiano, que acompanhavam a produção, gravação, reuniões e edição dos episódios. Além deste núcleo, o supervisor de comunicação popular do Cuca Barra, João Bento (que mudou de Cuca ao longo da produção), e a técnica de rádio, Hozana Arruda (que posteriormente se tornou supervisora de comunicação do Cuca Barra), também participavam de forma pontual das reuniões do grupo de jovens comunicadores do Cuca Barra. Como explicitado, muitas mudanças ocorreram ao longo dos meses que estivemos acompanhando o grupo, o que resultou em uma descontinuidade da presença de monitores e supervisores. Em algumas reuniões também se fizeram presentes o coordenador de comunicação popular e o diretor de comunicação social da Rede Cuca, respectivamente, Thiago Matos e Rogério Maia.

Os monitores que se fizeram presente em parte das reuniões do grupo do Cuca Barra eram jovens que haviam participado da primeira temporada do Conexões Periféricas e atuavam de forma voluntária nas reuniões, norteados alguns pontos e editando episódios com o técnico audiovisual e o professor. A monitora que ficou mais tempo com o grupo do Cuca Barra, Nadla Góes, também realizou apresentações de quadros em episódios da segunda temporada. Antes do fim do processo, ela foi contratada como assistente de comunicação da Rede Cuca, passando a atuar como profissional no Cuca Mondubim. Com o processo de produção da temporada já avançado, a vaga não foi preenchida.

Durante as reuniões, tanto a monitora como o professor de audiovisual do Cuca Barra, Danilo Andrade, se faziam presentes e, em muitos momentos, mediavam as discussões. No entanto, podemos indicar que a condução das reuniões, das decisões de pauta e organização da produção era do grupo de jovens, com alguns se colocando à frente dos processos ou decisões. As conversas, escolhas, debates, opiniões e indicações aconteciam na sala de vídeo do Cuca onde, normalmente, assistiam a alguns vídeos indicados por eles ou pelo professor que envolvia a temática desejada, exemplificando estéticas, abordagens possíveis, tirando dúvidas sobre o assunto.

Na reunião de produção do segundo programa da temporada no Cuca Barra, por exemplo, acompanho a inquietação dos participantes sobre a necessidade de contar histórias de pessoas das periferias, impulsionada pela crítica sobre um dos quadros do primeiro programa. Ao abordar histórias de mulheres que se tornaram símbolo do feminismo no Brasil e no Ceará, o grupo apresentou perspectivas históricas sobre a luta pelos direitos das mulheres e a participação em momentos decisivos dessas conquistas por meio de informações sobre Bertha Lutz, Preta Simoa, Nísia Floresta e Rita Lee. Assim, a escolha das personagens, já na reunião de avaliação, foi apontada como aquém às possibilidades de histórias de pessoas mais próximas da realidade deles e das discussões acerca das juventudes e periferias.

Tais entendimentos de periferias, narrativas, representatividades, territórios e juventudes se fizeram presentes na maior parte dos encontros de pauta, seja pelos questionamentos dos jovens comunicadores, dos gestores ou técnicos em comunicação que acompanhavam as produções, marcadores das partilhas de sentido e construção de vivências sobre o estar na cidade e narrar. Momentos de tensão e discussão sobre os caminhos possíveis das temáticas estavam, muitas vezes, firmados nos entendimentos diversos sobre o que era possível entrar no guarda-chuva de um programa de televisão feito por jovens e com nome e proposta que se referia à periferia. E, por meio do mergulho nestas observações e presença neste contexto, pretendemos avançar nas linhas que perpassam e produzem narrativas.

Os encontros entre os caminhos da periferia potente e da periferia da falta – relação que analisamos como constantes nas leituras e produtos culturais consumidos ao longo dos anos – foram pouco presentes nos momentos acompanhados ao longo dos meses, partindo-se frequentemente da ideia de potência para apresentar as pautas do programa. Os problemas vivenciados na cidade e nas periferias, seja falta de infraestrutura em alguma área, manutenção de áreas públicas, violência etc. faziam parte das narrativas informais dos participantes sobre o dia a dia, a própria rotina, de conhecidos ou familiares ou como críticas

às histórias de mão única que programas com perfil polícialesco costumam exibir sobre diversos bairros, entre eles, os habitados pelos jovens ou conhecidos seus.

Outro ponto que se mostrou em diversos momentos dos meses em que dialogamos com o grupo foi o *modus operandi* de programas televisivos conhecidos pelos interlocutores servindo de inspiração para as produções próprias. Indicações como “é assim que fazem na TV” e “eu posso imitar o jeito dela” estiveram presentes durante reuniões de pauta para decidir apresentadores e abordagens dos blocos. Nesses momentos, muitos dos programas procurados como referência e inspiração eram produções da TV comercial que buscam abordagens que poderiam ser consideradas menos formais, estéticas ‘novas’ ou pouco exploradas na época da exibição, como A Liga (Band), Profissão Repórter (Globo), Conexão Repórter (SBT) e programas da TV União, que tem produção local. Ao buscarem inspirações nesses programas, ressaltavam em suas falas a necessidade de ousar, desconstruir os programas que normalmente são feitos, produzir algo com a cara deles. No nosso entendimento, no entanto, a possibilidade de ‘desconstrução’ não se efetivou, estando mais presente as inspirações em programas de TV já conhecidos, especialmente no que diz respeito ao estilo de apresentação, para alguns mais descontraído, seguindo as formas dos programas de entretenimento jovem, para outros, mais formal, como as apresentações de programas jornalísticos.

Entendendo que conceitos e ideias sobre produções midiáticas e programas de TV estão atravessadas pelo consumo pessoal, familiar e social que fazem de tais produções, mas também pelas discussões e experiências dentro do curso de comunicação no Ensino Superior, realidade para cinco dos sete jovens, o cenário era, mais uma vez, de encontro de uma diversidade potente dentro do grupo. Uma observação que ganhou corpo ao longo dos meses, no entanto, foi de que os dois jovens que não estavam cursando uma faculdade na área da Comunicação eram os que, na maior parte do tempo, apresentavam mais inquietações sobre as pautas, as abordagens, a presença de personagens das periferias e de iniciativas que relacionavam os territórios por eles conhecidos e as juventudes (como grupos, eventos culturais, iniciativas de meio ambiente etc.).

Ao longo do processo de construção de narrativas e atravessamentos das nossas experiências, o eu-pesquisadora também se desconstrói diante das expectativas sobre o que mobilizaria os jovens e as periferias, o que o simbólico opera nas expectativas sobre jovens das periferias produzindo comunicação. Assim, cada passo é de descoberta que o que os mobiliza vai muito além dos pontos esperados e estereotipados sobre as periferias, o que incita o pensamento sobre a diversidade e amplitude. As pautas sugeridas que, inicialmente,

deveriam ter forte inclinação para a cidade, os territórios, as periferias e juventudes, levando em consideração as indicações de proposta do programa, vão ganhando (nos três Cucas) abrangência. É possível delimitar o que é de interesse das juventudes e o que elas ‘podem’ falar das periferias?

Os conceitos trabalhados ao longo deste texto –que tenta dar conta de um longo processo de construção coletiva de entendimentos – acerca das periferias e das relações com o centro e, especialmente, aqueles construídos nas experiências de viver a cidade e os estereótipos, ganham novas dimensões quando o questionamento bate à porta dos caminhos de pesquisa: por que as juventudes das periferias não poderiam construir narrativas sobre Geração Y, Alimentação Saudável, Educação Alternativa, Relacionamentos Virtuais, como inicialmente questionado por alguns dos participantes do processo de produção e por mim, em trechos do caderno de bordo? Quais dessas temáticas não reverberariam no cotidiano dos jovens e de seus territórios? A ênfase nas narrativas que celebram as potências (sociais, culturais, os personagens, as resistências) ou as ausências (do Poder Público, de estruturas, do acesso aos direitos) viciou o olhar para os atravessamentos dos cotidianos, da cidade, dos desejos e do que nos move, a todos, enquanto partilha da cidade? Cada possibilidade de narrativa partilhada nas reuniões, desenhada em conversas, aproximações e distanciamentos de opiniões e experiência apontava para a amplitude de tais ideias e discussões, o que redirecionava também o olhar para o que acontecia fora daquelas salas e pautas.

No caderno de bordo utilizado no percurso de pesquisa, frases conectadas com as discussões de pauta – por vezes marcadas pela polarização entre temas e subgrupos dentro do grupo para a defesa das temáticas preferidas – apontavam para questões que acompanharam todo o percurso na Rede, nas conversas informais, nas observações e atravessamentos: as diversidade de experiências, de ‘bagagem’, de cidade. “A minha periferia não é assim”; “Temos que deixar um legado para a juventude”; “Vamos prestigiar os jovens que estão aí fazendo um monte de coisa no bairro sem um tostão”; “Tem gente que assiste e fala comigo que a gente só fala da Barra”. Foram algumas das frases anotadas no caderno de bordo durante uma reunião em que temáticas bem distintas eram debatidas e delineavam a possibilidades de produção sobre a cidade, as pessoas, as relações que são construídas, os fluxos que são movimentados. Cada comunicador se espelhando, se identificando, contornando a si mesmo e aos jovens que faziam parte do repertório pessoal e social, das vivências cotidianas, dos desejos de falar sobre em uma produção que parecia tão coletiva e pessoal em certos momentos.

Spink (2004), ao falar sobre repertórios linguísticos e produções de sentido no cotidiano, aponta que nem sempre os termos que fazem parte da nossa área de interesse, no nosso caso, periferia seria um exemplo, fazem parte do vocabulário dos nossos interlocutores. Nesse caso, optamos para a observação da fala espontânea das pessoas como um caminho possível. Durante nosso percurso no campo, muitos foram os momentos que nos permitiram acompanhar as falas – seja em microfones, rodas de conversa, bate-papo informal, defesa de ideias, discursos em momentos culturais e políticos – e o uso de termos que nos atravessavam diante das inquietações do campo e as reverberações da teoria. Periferia, ‘perifa’, favela, ‘quebrada’, comunidade são alguns dos termos que nos marcaram nesses momentos. De quais territórios vinham essas palavras? Dos mais variados espaços e experiências, mas na maior parte das vezes, a interpretação apontava para a necessidade de delimitação desse local de fala, por vezes como oposição simbólica ao centro-simbólico e, até mesmo, a outros espaços que, na interpretação inicial, poderiam reunir mais aproximações do que diferenças.

Todos esses elementos reunidos e em diálogo encontravam a questão do tempo e conseqüentemente, as possibilidades que a experiência tinha de aprofundamento quando encontrava o ‘tempo da TV’, uma vez que a produção de um programa televisivo acontece em diversos tempos: o da pauta, dos entrevistados, dos produtores, da emissora, dos entendimentos da abordagem. Ao longo das entrevistas, a relação dos jovens com as produções e o tempo disponível variava entre “rápido e corrido” e “suficiente demais”. No entanto, para todos, o processo vivenciado acabou por ser atropelado, sem tempo para, por exemplo, maturar ideias, discutir temáticas ou avaliar de forma satisfatória o que vinha sendo feito.

O tempo corrido, a galera estudando, faculdade, trabalho, então era isso. E o que eu mais achava interessante a galera perceber era justamente se perceber dentro desse ritmo corrido também. E será que esse ritmo corrido é saudável pra tudo aquilo que eu tô querendo aprender e vivenciar? Será que eu vou ter que me acostumar com esse ritmo e vão achar que jornalismo é isso, é correria e tal, é conseguir minha matéria e pronto, sair fora? (Pedro)

Durante o processo de produção, as reclamações sobre o tempo pesavam mais nos apontamentos uns dos outros sobre faltas, prazos e responsabilidades partilhadas ou delegadas, relacionando à rotina de tarefas, compromissos, participações em outros projetos, empregos, estágios, cursos etc.

Duas semanas a três semanas... Eu acho que o tempo é razoável, tempo bom para quando você está se dedicando só aquilo, se você tivesse trabalhando na TVC e produzindo aquele programa daria tranquilo, não teria desculpas. (...) mesmo sendo três semanas, por falta de uma organização pessoal da gente, conciliar a agenda da faculdade, da vida com o programa e a gente acabava meio que se perdendo, mas assim, quando a gente percebia que tava chegando perto, aí é que esquentava. É aquela coisa né, 'ah, são três semanas, dá tempo'. (Raoni)

Em retrospectiva e avaliação – algo que transpassou as conversas individuais – a indicação de que não foi possível experimentar uma discussão aprofundada foi se colocando, apesar dos entendimentos de que o processo que se dispuseram tinha um ritmo outro, que precisava dar retornos a uma emissora de televisão com cronogramas entendidos como profissionais. Um ritmo de mercado que jovens comunicadores em busca de experiência na produção de comunicação não estavam inseridos. As ponderações sobre tais cenários e fluxos aconteciam no caminhar das experiências pessoais de cada jovem, nas buscas que empreendiam no momento específico da vida de cada um. Se, para alguns, o ritmo ajudava a se posicionar na velocidade necessária para o mercado – foco dos universitários que estavam na reta final dos cursos – e, assim, a possibilidade de aprender e demonstrar uma reação no tempo considerado adequado nos futuros ambientes de trabalho, para outros o momento de avaliar as produções e ousar nos caminhos acabava por ficar em segundo plano com o contexto de produção.

Aquela coisa, tinha temática, mas como a correria, tu sabe, era grande, aí sabe que o aprofundamento era pouco. Acho que faltou só isso, a gente tinha a pauta, mas até por nós mesmos, alguns atrasos e tal, não tinha tanto aprofundamento como a gente queria. (Eduardo)

Eu não tô aqui pra impor nada e nem quero ser imposto, que as pessoas venham me impor, mas a gente precisa ter tempo pra refletir, problematizar, questionar, pra se conhecer dentro desses processos também, que eu acho que é o mais importante. A gente se perceber dentro dos processos e sentir aquilo vivo e não só 'tô fazendo porque tenho que fazer, porque tenho que produzir um programa, tenho que concluir a matéria, tenho que ir atrás do cara e o cara vai ter que dar entrevista pra mim'. Eu não queria isso, não vinha pra isso. (Pedro)

Com o aspecto de trabalho coletivo na produção e, na maior parte dos episódios, sem funções definidas no grupo, as discussões acerca das escolhas a serem realizadas eram feitas e refeitas durante os encontros, acarretando, em muitos momentos, atrasos e mudanças bruscas de direção no trabalho. Uma lista inicial de pautas possíveis para os programas foi citada em alguns momentos, mas a cada reunião novas temáticas eram sugeridas, refutadas e acatadas

por pequenos grupos dentro do coletivo. Assim, ao longo do percurso de produção, a maior parte dos episódios ganhava a ‘cara’ de alguém, normalmente do jovem que tinha sugerido, convencido ou ‘brigado’ pelo tema. “Esse é o programa da vida dele/dela” foi frase ouvida algumas vezes, entre a ironia e a forma de ressaltar que tal temática dizia respeito aos desejos de alguém do grupo. E o fato de ‘ser a cara de alguém’ resultava em uma responsabilização maior dessa pessoa pelo êxito do programa, a realização das entrevistas, a confirmação de fontes etc.

Por meio da reunião de pauta e com a indicação de uma temática a ser abordada no programa, os jovens se comprometiam a voltar na reunião seguinte com sugestões para cada quadro, indicações de fontes, pesquisas sobre o assunto. Não raro, o retorno acontecia sem qualquer informação ou planejamento adicional, o que, muitas vezes, resultava em discussões e consequente atraso do cronograma iniciado. Tal cenário foi descrito em alguns trechos do caderno de bordo.

Os facilitadores e profissionais da área de audiovisual criticam a falta de pesquisa por parte dos jovens, que chegam sem conhecer o tema e mesmo sem saber das produções das pessoas pensadas e convidadas para o programa. Mais uma vez a possibilidade de ‘usar’ pessoas do Cuca se mostra para eles como algo mais fácil diante das questões de falta de tempo. (Trecho caderno de bordo, dia 16 de junho de 2016).

A dificuldade em sair com os equipamentos para gravações externas, como já citado, foi um fator constante na experiência do grupo, no entanto, contornado em diversos momentos por meio do uso de câmera próprias e celulares para gravações, organização de carona e da disponibilidade de agenda dos professores para acompanhamento. No entanto, tal dificuldade, ao encontrar a falta de planejamento e tempo, resultava na necessidade recorrente do uso do espaço do Cuca e das pessoas que frequentavam o equipamento como fontes e personagens dos episódios.

A presença constante de fontes do próprio equipamento pode ser percebida em todos os episódios da segunda temporada produzida no Cuca Barra. No episódio sobre Educação Alternativa, o quadro Narrativas Anônimas apresenta integrantes de um grupo de teatro formado no Cuca Barra partilhando ideias sobre o tema, já no episódio sobre Alimentação Saudável, o quadro Tribos tem atletas do Cuca Barra falando sobre a importância da alimentação, alguns deles mostrando medalhas, troféus e ressaltando serem atletas do equipamento, assim como os resultados alcançados. No episódio que aborda a Geração Y, o quadro Tribos apresenta jovens empreendedores que ‘descobriram a vocação’ através de

curiosos realizados no Cuca e o quadro Narrativas Anônimas tem jovens com depoimentos sobre suas atividades, todos falando em espaços do Cuca e citando ações e cursos do equipamento. São alguns dos exemplos de como os espaços e jovens que ocupam o equipamento fazem parte do panorama de fontes e pontos de gravação do programa. Apesar de entendermos, como apontamos ao longo do trabalho, a potência da diversidade das juventudes que atravessam o cotidiano dos Cucas, indicamos como tais caminhos de produção focam na institucionalidade da Rede Cuca, nas possibilidades presentes para os jovens a partir dos Cucas, o que não constitui um diálogo com as juventudes da cidade, das periferias ou até mesmo dos territórios próximos.

Na reta final da segunda temporada do programa Conexões Periféricas, cujo processo acompanhamos neste trabalho, os episódios que deveriam ser realizados em Rede demandaram reuniões de pauta em que os grupos de jovens comunicadores dos três Cucas estivessem presentes. Assim, no dia 19 de setembro de 2016, como aponta relato do caderno de bordo, o encontro acontece no Cuca Jangurussu com participação expressiva do grupo do Cuca Barra. Na sala de vídeo do equipamento, os jovens se organizam nos respectivos grupos, sendo interessante ver as interações intergrupos, assim como a possibilidade de encontrar jovens comunicadores que só tinha visto pela televisão nos programas anteriores de cada equipamento. Durante esse encontro, os supervisores de comunicação de cada Cuca, assim como o coordenador e o diretor de comunicação da Rede Cuca, estiveram presentes, alguns durante toda a reunião, outros nos momentos iniciais.

A reunião é coordenada pelos supervisores de comunicação, mas os jovens apontam as pautas que os interessam, discutem possibilidades, criticam sugestões, divergem em muitos pontos, uma vez que cada grupo possui dinâmica própria de produção e interesse e, em alguns casos, já tinham temáticas sendo desenvolvidas. A forma como a produção seria feita também precisou ser discutida, uma vez que não havia um formato fechado proposto pela coordenação do Cuca, mas possibilidades dos jovens saírem dos seus equipamentos e passarem as semanas em intercâmbio com os demais ou cada grupo realizar um quadro do programa. Como em outubro os jovens participariam de vivências de rotina de produção na TVC (divididos ao longo do mês e dos turnos) a decisão é que os últimos três programas deveriam ser produzidos em Rede, de forma que um Cuca ‘puxaria’ a produção, sendo responsável pela edição, conexão entre quadros e cada grupo faria um quadro do programa.

Uma lista de temáticas possíveis é construída com a opinião e sugestão dos jovens. Alguns temas encontram resistência e indicações de que é preciso ter cuidado com o momento de campanha política, pois podem ser interpretados

como ‘propaganda’ ou mesmo ‘crítica’ à gestão ou/e aos adversários. Depois de conversas, votações e pequenas indecisões e discordâncias, os programas em rede ficam sendo: comunicadores anônimos (pauta que já estava sendo produzida pelos jovens do Jangurussu e que teve resistência por parte deles em ceder e dividir os quadros), relacionamentos virtuais (que seria puxado pela Barra) e mercado de trabalho (puxado pelo Mondubim). O programa final da temporada, que seria gravado em parte em um ‘ao vivo’ na TVC ficou como Identidades Juvenis. (Trecho caderno de bordo, dia 19 de setembro de 2016).

O período eleitoral – que já havia impactado na divulgação de atividades, uma vez que os folhetos de programação, assim como a página no Facebook foram suspensos até o fim de outubro – surgiu na reunião por indicações de monitores e de alguns jovens, sendo reforçado pelos supervisores e coordenador de comunicação com a necessidade do cuidado da abordagem. Assim, temáticas como mobilidade, sugerida por um dos grupos, foram debatidas no sentido que poderia parecer uma propaganda da gestão municipal, uma vez que a implantação de ciclovias e ciclofaixas estaria presente na abordagem, assim como poderia ser usado por candidatos da oposição, uma vez que a falta de ciclovias e ciclofaixas também seria abordado, como alguns dos jovens apontaram, lembrando a concentração das estruturas viárias em outras áreas da cidade que não as periferias, assim como a ausência de ciclofaixas interligando os Cucas, demanda recorrente dos movimentos juvenis (e pauta da ocupação ocorrida naquele ano no Cuca Jangurussu). Com diversos outros temas na lista de ideias dos grupos, a discussão não ganhou corpo ou debate maior, ficando assim a decisão entre as demais temáticas.

O processo de condução das produções dos programas foi considerado no nosso percurso junto ao grupo como um modelo de autogestão, uma vez que o professor de audiovisual e o técnico de audiovisual (nas gravações e edições) eram os que acompanhavam os jovens de forma continuada, mas na maior parte do tempo não norteavam as decisões, atuando, em alguns momentos, como mediadores. Assim, um *modus operandi* que consideramos prejudicial à produção, mas que entendemos como parte da experimentação do grupo, se repetiu do começo ao fim da temporada: falta de pesquisa detalhada e da construção prévia do roteiro para os quadros, como citado neste tópico.

Os convidados vão chegando, os jovens também e a questão de não montarem um roteiro de perguntas mais uma vez aparece. Depois de um tempo longo (1 hora) de espera e conversas informais no estúdio que seria gravado o quadro, começa a gravação. Ficamos no local de gravação – entre perguntas, respostas, erros, problemas na câmera e na captação de som – quase uma hora e meia. (Trecho caderno de bordo, dia 29 de setembro de 2016)

Estava marcada a gravação de um quadro com um jovem que atua com bike e veganismo. No processo do roteiro – fazendo no mesmo dia – percebemos que a pesquisa sobre o assunto e a pessoa não é realizada pelos jovens. Acabam fazendo de forma generalizada. Também ficamos sabendo que as imagens gravadas no último dia foram perdidas. Quando o entrevistado, Bruno, chega, a falta do roteiro fechado e de conhecimento sobre o assunto ficam gritantes, com a demora em gravar, os jovens se atropelando sobre as perguntas, a intervenção de Danilo. (Trecho caderno de bordo, 23 de agosto de 2016)

O momento das gravações apontava um incômodo, especialmente do professor e de alguns convidados, com a clareza de que o grupo não tinha se preparado para as entrevistas, tornando o processo mais lento, confuso e, conseqüentemente, com qualidade prejudicada, material maior e menos aprofundado para posterior edição.

Os textos preparados para a apresentação do programa e introdução dos quadros que compunham cada episódio ficavam sob responsabilidade da maior parte dos jovens para serem apresentados, normalmente, por duas pessoas ao longo do episódio e outras para a gravação da agenda de programação do Cuca. Ao longo da temporada, uma dinâmica para que todos fizessem parte desse processo diante das câmeras aconteceu, com a divisão de papéis, apesar de alguns dos participantes estarem mais presentes nos momentos de apresentação. No entanto, como em outras situações (elaboração de roteiro, pesquisa sobre tema e sobre entrevistados), a falta de tempo e de organização acarretava em processos apressados e sem a possibilidade de discussão em grupo, por exemplo. Em todos os episódios produzidos pelo grupo de comunicadores da Cuca Barra, cinco a seis jovens assinavam a ficha técnica do roteiro, incluindo a monitora que atuou durante parte da temporada com o grupo. A elaboração do roteiro em grupo e, normalmente, sem orientação ou revisão de colaboradores da Rede Cuca, permitiria uma liberdade de experimentação, mas a nosso ver, seguiu-se uma tendência da linguagem já existente em outros programas da TV nacional. Em alguns casos de apresentadores dentro do grupo do Cuca Barra e, principalmente, nos episódios dos dois outros Cucas, o uso de linguagens menos formais e experimentações estéticas, por exemplo, puderam ser mais notadas. Normalmente, buscando um diálogo mais leve, uma interatividade, uma linguagem mais próxima do cotidiano daqueles grupos e, especialmente, um caminho que se relacionava com a estética da internet, dos canais no YouTube que levam à fama e milhões de visualizações jovens que ficam conhecidos como *youtubers*.

A questão do tempo no que diz respeito à elaboração dos textos dos programas também incidia em processos sem a profundidade que, provavelmente, o momento

demandaria de um grupo que, pela primeira vez, participava da produção de um produto audiovisual de tal complexidade. No episódio que abordava a temática Geração Y, por exemplo, o texto de abertura é uma cópia de um trecho de uma reportagem⁶³ da revista Galileu, publicada em outubro de 2009, de autoria de Rita Loiola, com alteração de alguns nomes e complementos ao texto original. O fato só foi percebido por mim meses depois do fim da temporada e das entrevistas com os jovens, uma vez que a análise dos episódios não foi nosso foco de detalhamento, apesar de parte essencial de compreensão do processo que objetivamos acompanhar e desenhar linhas de entendimento. Assim, não foi possível detalhar tal escolha de cópia de um texto com os jovens.

Priscila só faz o que gosta. Francis não consegue passar mais de três meses no mesmo trabalho. E Felipe leva a sério esse papo de cuidar do meio ambiente. Eles são impacientes, preocupados com si próprios, interessados em construir um mundo melhor e, em pouco tempo, vão tomar conta do planeta. Com 20 e poucos anos, esses jovens são os representantes da chamada Geração Y, um grupo que está, aos poucos, provocando uma revolução silenciosa. Sem as bandeiras e o estardalhaço das gerações dos anos 60 e 70, mas com a mesma força poderosa de mudança, eles sabem que as normas do passado não funcionam – e as novas estão inventando sozinhos. (Trecho reportagem Geração Y – Revista Galileu, outubro de 2009)

Bianca só faz o que gosta, Juno não consegue passar mais do que três meses num ambiente de trabalho e já Luan leva muito a sério esse papo de cuidar do meio ambiente. Eles são impacientes, preocupados em si próprios, mas estão muito interessados em construir um mundo melhor. Com 20 e poucos anos esses jovens são os que representam a chamada Geração Y, grupo que está provocando uma revolução silenciosa. Sem as bandeiras da geração 60 e os gritos da geração 70, porém com a mesma força de mudança. A Geração Y é conhecida por ser uma geração que vivenciou vários avanços tecnológicos. O crescimento de diversos países que acabaram se tornando verdadeiras potências mundiais. Você já se perguntou de qual geração você faz parte? No programa de hoje, a gente vai abordar sobre uma geração que é considerada a geração do milênio, a Geração Y. (Abertura do episódio do programa Conexões Periféricas exibido no dia 23 de julho de 2016)

Mesmo com a impossibilidade de aprofundar a escolha pela cópia do texto da reportagem pelos jovens, optamos por citar tal fato para exemplificar o que entendemos como um prejuízo às possibilidades de discussão e elaboração de roteiro que os processos de produção atrelados a tempos distintos (dos jovens, da TV, da Rede Cuca, dos profissionais envolvidos), assim como de não acompanhamento mais próximo de tais processos por colaboradores que pudessem sanar dúvidas e construir entendimentos com os jovens.

⁶³Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>

6.2.2 Rotina de produção: entre expectativas e realidades

O grupo de jovens comunicadores do Conexões Periféricas não recebeu ajuda de custo durante a maior parte do período em que atuou no programa. A exceção foi o momento em que os episódios eram feitos em Rede (com quadros do mesmo episódio sendo produzidos por diferentes grupos dos três Cucas) em que, por questões de locomoção mais longa por precisarem ir a reuniões nos demais equipamentos e na sede da TVC, receberam vale-transporte. A ausência de ajuda de custo tinha sido explicitada durante a seleção, ressaltaram, mas mesmo assim não deixou de ser alvo de críticas por parte de muitos jovens, principalmente levando em consideração o tempo que argumentavam dedicar à produção.

Eu, por exemplo, tive alguns problemas de não poder ir por conta de passagem. E ter que arcar do meu bolso. Por eu não tá trabalhando, fica difícil, porque eu não gosto muito de puxar do bolso dos meus pais. Acho que seria uma boa se ter (ajuda de custo), porque a maioria das pessoas que se inscreve, como no nosso caso, tem pessoas de vários lugares, tem uns que moravam mais perto, outros moravam mais longe... (Eduardo)

Às vezes eu ficava muito assim, sabe, quando os meninos não vinham porque diziam que tavam sem dinheiro pra passagem, porque isso nunca acontecia comigo, mas um dia aconteceu. Eu vi que realmente acontece, chega um momento que você não tem dinheiro pra vir. Senti na pele. (Ana B)

A esse ponto da atuação dos jovens se somavam questões práticas que dificultavam o andamento de algumas pautas da forma como desejavam, planejavam ou mesmo eram incentivados a fazer. Assim, extrapolar as fronteiras físicas do Cuca Barra, por exemplo, era missão que demandava vários 'jeitinhos' dos participantes. A falta de um carro ou a impossibilidade de uso por necessitar uma reserva antecipada ou mesmo a falta de motorista e as limitações para a saída dos equipamentos de gravação do Cuca, uma vez que era necessário transporte e uma pessoa responsável, eram os mais recorrentes durante o período acompanhado. E, entendemos, com grande impacto nas experiências possíveis desse processo.

Em um dos momentos de gravação do programa, sou questionada se poderia ajudar levando a equipe no meu carro. Normalmente, ia de ônibus ao Cuca Barra, no entanto, em alguns momentos, usei o carro para o deslocamento até o equipamento por estar envolvida com atividades de um projeto no Morro de Santiago, o Aqui tem Sinal de Vida, fato que era de conhecimento de alguns dos jovens. Com a animação dos responsáveis pelo quadro e a possibilidade de estar com o veículo no dia, apontei que poderia fazer parte da visita e gravação. Este momento fez parte do quadro Tribos, no episódio sobre a Barra do Ceará, em

que um coletivo de jovens que realiza um evento cultural chamado Quarta Roots partilhou a experiência no território com a música e o envolvimento de diferentes galeras da área.

O pedido de ajuda com o transporte se repetiu algumas vezes, mas só consegui ajudar o grupo uma vez. Em um dos pedidos, um dos participantes mandou uma mensagem pelo aplicativo WhatsApp sobre uma ida da Barra do Ceará ao Pici, com a impossibilidade de ir com o grupo, a ideia de solicitar um carro do Uber foi cogitada por eles como forma de não perder a gravação e as fontes que tinham aceitado participar. Ao final dos encaminhamentos e tentativas, soube pelo grupo de WhatsApp que faziam parte que a solução tinha sido não usar o equipamento do Cuca, mas a câmera de um outro participante. Na conversa privada comigo, um dos participantes apontou que “a gente até quer fazer algo diferente, mas o lance do transporte é o chato. Além da gente não ganhar nenhuma ajuda, a gente tem que arcar com essas coisas. Bem chato” (Ana B).

A insatisfação com essas questões era constante, uma vez que dificultavam que as gravações fossem realizadas em outras áreas, como praças, casas de personagens, eventos, espaços públicos. Nos momentos em que o grupo pode transpor os portões do Cuca existia um padrão: câmera própria ou veículo próprio/emprestado. Falar da cidade, dos territórios, dos fluxos das juventudes era, na maioria das vezes, conseguir fazer com que tais movimentos fossem até o Cuca e, assim, gravar nos espaços do próprio equipamento. Os prazos considerados apertados em muitos momentos, a necessidade de personagens ou a impossibilidade de ida das pessoas até o Cuca fizeram, em diversas pautas, que as histórias fossem contadas focando nas pessoas que viviam o ambiente do Cuca, como citado anteriormente. Assim, os episódios apresentavam jovens com projetos iniciados ou relacionados ao Cuca e à Prefeitura, atletas, artistas, funcionários, passantes, o que, impactava de forma relevante a diversidade de vivências e, principalmente, de territórios presentes no programa, assim como reforçava o viés da institucionalidade nos discursos do Conexões Periférica.

Além dessas questões, os entendimentos das pautas geravam tensões no grupo de jovens e, em alguns momentos, criavam apontamentos sobre a ausência de formações que permitissem um maior mergulho em conceitos importantes para tal percurso dentro da comunicação.

[...] foi exposto pra gente quando a gente ainda tava sendo selecionado que teriam formações disso e daquilo outro, masterclass, milhões de coisas, workshops e tal, mas não teve, então a gente tinha que se virar. Porque tinha que produzir, beleza, não tem masterclass, mas tem que entregar o programa,

então se vira, se vira para entender o que é comunidade, se vira para entender o que é periferia, se vira pra entender... claro que foi passado pra gente a linha editorial do programa, ‘olha, Conexões Periféricas é isso, programa, tal quadro é isso e aquilo outro’, mas e o resto? O programa a gente entendeu o que é, mas e pra poder a gente... porque assim, pra gente produzir alguma coisa a gente tem que ter ciência daquilo, né, pelo menos entender, ter uma base. (Patrícia)

Ao longo do tempo acompanhando o grupo, cobranças sobre tais eventos (*masterclass* e *workshops*) foram realizadas aos colaboradores da área da comunicação da Rede, sempre apontado pelos jovens como tais momentos seriam importantes para a formação e para a integração com os demais jovens comunicadores dos outros Cucas. No entanto, ao longo dos meses, tais atividades não se concretizaram. Como a interlocutora pontuou, a linha editorial do programa foi passada para o grupo em um momento inicial do processo, como forma de apresentar “as culturas juvenis das periferias de Fortaleza de uma forma bastante singular”, como é apontado no site da TVC sobre a produção. Não acompanhamos, durante nosso período nas reuniões e gravações dos episódios do Cuca Barra, discussões ou tensionamentos acerca dessa linha do programa, ficando os debates centrados nas temáticas que poderiam ser abordadas, a tal ‘forma singular’ de apresentar as culturas juvenis que, no encontro de juventudes, territórios e experiências, amplia seus significados.

Um exemplo de tais inquietações aconteceu durante a produção do programa que o Cuca Jangurussu seria responsável (dentro da lógica dos programas em Rede), aquele cuja temática era Comunicação Comunitária, momento em que, mais uma vez, a possibilidade de discussão e aprofundamento do tema marcaram a reunião de pauta. Com o quadro Narrativas Anônimas sob responsabilidade do grupo do Cuca Barra, a ideia de realizar roda de conversa com comunicadores populares de diversos territórios surgiu.

Um ponto que marcou essa tarde de reunião para dar andamento a pauta dos Comunicadores Anônimos, que teria que ser entregue na segunda, dia 2 de outubro, foi o fato de nenhum dos jovens presentes dominarem qualquer ideia sobre o que seria comunicação popular, comunicação comunitária. Pensando em nomes para compor a roda de conversa, surgia a dúvida sobre se seriam mesmo comunicadores populares, comunitários. Sugeri que chamasse a Hozana, da Rádio Cuca, para conversar com eles sobre o assunto, levando em conta que eles teriam que fazer uma roda de conversa e perguntas sobre o assunto. (Trecho caderno de bordo, dia 27 de setembro de 2016)

Assim, percebemos que, ao longo das produções, os jovens sentiam lacunas na possibilidade de discutir as pautas, as abordagens, de entender melhor temáticas que julgavam

interessantes, mas não achavam que tinham o repertório desejado por eles e, possivelmente, pelas expectativas alheias. Nesse caso específico, o tema não havia sido escolhido diretamente por eles, mas pelos jovens dos três Cucas juntos, o que os forçava a produzir com a abordagem construída coletivamente.

Outro ponto partilhado durante o processo de produção do programa por diferentes pessoas envolvidas foi a falta de aproximação com a parte técnica, como manuseio da câmera, edição de imagens, captação de imagem e som, finalização. Com um professor de audiovisual e um técnico participando do processo (o que na fase final se transformou em um trio, com a chegada de um assistente de comunicação), o grupo se focava nas questões de produção das pautas. No entanto, os colaboradores da área de audiovisual atuavam em diferentes frentes no equipamento, editando outros materiais, dando aulas para os alunos de escola pública que participam de projetos de integralização do ensino, gravando vídeos de outros setores. Assim, reclamações sobre finalizações, formas de edição de certos quadros, impossibilidade de saídas em determinados dias e horários vinham do grupo de jovens comunicadores. Já os técnicos apontavam para os jovens a necessidade de se envolverem em tais passos do processo, forma de entenderem, aprenderem e executarem para além daquela experiência.

Ao longo do percurso, parte dos jovens atuou, principalmente, na parte de gravação de quadros, manejando a câmera e os equipamentos de captação de áudio, ora com a supervisão dos técnicos, ora sozinhos. Nas gravações realizadas fora do Cuca, como a entrevista com pescadores do rio Ceará para o programa sobre a Barra do Ceará, entrevistas com jovens estudantes de teatro sobre memes⁶⁴ para o programa sobre Relacionamentos Virtuais gravadas no campus do Pici na Universidade Federal do Ceará, cenas, entrevistas em uma feira e a experiência de cultivar uma horta para o programa sobre Alimentação Saudável, os jovens gravavam utilizando os próprios equipamentos, sejam câmeras ou celulares, ficando assim responsáveis pela captação. Em alguns casos, conseguiam autorização para levar gravadores, o que permitia que o áudio fosse captado com melhor qualidade.

Já a parte da edição das imagens era mais complexa no que dizia respeito à participação mais aprofundada do grupo, uma vez que necessitava conhecimentos específicos nos programas de edição, o que não era a realidade da maioria. Para alguns programas, a então monitora, Nadla, editava trechos em diálogo com o técnico responsável, Neto Severiano, e, normalmente, alguns dos jovens a acompanhavam, opinando, perguntando, tentando entender os passos. As indicações para o técnico sobre a edição costumavam ser

⁶⁴Imagens ou vídeos que tratam de diversos assuntos com características humorísticas e/ou irônicas e se tornam virais na internet.

dialogadas pelos jovens que, no processo, tomavam à frente dos quadros, com apontamentos de como poderia ser o quadro, a decupagem de entrevistas que deveriam ser usadas no momento da edição, os cortes possíveis, ou seja, um norte que poderia ser usado pelo profissional e que, às vezes era acompanhado por alguns dos jovens. No entanto, o volume de trabalho (que envolvia outras produções do Cuca Barra), assim como o material, que costumava ser grande, resultado da falta de roteiro que persistia nas gravações e acabava por tornar as entrevistas longas e com necessidade de mais edições, exigiam que o trabalho acontecesse em diversos horários e dias – normalmente contra o relógio para a entrega do produto finalizado à TVC no prazo estipulado. Consequentemente, os jovens não conseguiam acompanhar o processo integral por não poderem estar presentes no Cuca Barra nesses diferentes momentos. Com compromisso de presença duas vezes por semana, a prática era variável, uma vez que as gravações poderiam acontecer fora desses dias atendendo à disponibilidade das fontes, por exemplo.

As participações dos profissionais da área de comunicação da Rede, sejam técnicos, supervisores, coordenadores, professores apontavam para diferentes graus de interferência da experiência e, principalmente, expectativas de cada um no processo que se desenrolava com os sete jovens comunicadores. Em muitos momentos, a minha opinião era requerida e até mesmo cobrada, assim como participação em votações de pautas (que eu me abstinha). “Tu conhece da área, o que tu acha?”. “No jornalismo não é assim?”. “Tu ia pro teu trabalho sem saber nada do tema?”. Foram algumas das questões direcionadas a mim e anotadas no caderno de bordo da pesquisa. A participação era demandada e, na tentativa de partilhar os conhecimentos que construíamos a cada encontro e discussão, era efetivada por meio de opiniões, apontamentos, participação em pautas etc.

Ao longo das reuniões, interferências diretas às escolhas das pautas a serem trabalhadas pelo grupo de jovens comunicadores, seja por questões institucionais, políticas etc. não eram comuns, acontecendo de forma pontual, como citado no caso dos programas em Rede e a preocupação com o período eleitoral. No entanto, os próprios jovens regulavam uns aos outros em determinados momentos em que temáticas que poderiam ser consideradas negativas, especialmente para o poder público, surgiam, como greve nas escolas, efetivação do direito à cidade, seja por acesso a saneamento básico, educação, moradia, transporte de qualidade, existência de mais ciclovias. Percebemos assim, pouquíssimas intervenções dos jovens para questionar as linhas do programa, os limites de abordagem, uma vez que a abertura que tinham para escolha dos temas era grande e encontravam eco nas decisões dos grupos. Normalmente, tais intervenções que observamos tendiam a se respaldar com o

apontamento de empecilhos práticos para a execução de proposta inicial, como a dificuldade com fontes ou em conseguir sair para gravar em ambiente externo.

Na partilha dos momentos de produção, das conversas informais, entrevistas e desdobramentos ao longo dos meses, pudemos perceber trilhas de como as linhas institucionais atravessam as vivências dos jovens, especialmente daqueles que entendiam o processo de participação de um programa de TV, que envolvia vivências em uma TV pública, como um terreno de formação de uma ‘persona profissional’. Em diversos momentos foi comentada com certo entusiasmo por alguns dos jovens a possibilidade de conhecer ‘gente da área’, de ‘fazer o nome’ no mercado a partir daquela experiência na Rede Cuca. Tal contexto ganhava continuidade e desdobramento com a participação concomitante (na reta final da temporada) e posterior ao Conexões Periféricas em outros projetos relacionadas à área da comunicação e produção de eventos. Entre eles, o Espaço Juventude⁶⁵, projeto que envolvia o Instituto Cuca e o Instituto Ambiental, Cultural e Desportivo de Estudos e Assessoria (IACD) e que, entre as atividades, envolvia os jovens selecionados em vivências no Sistema Jangadeiro de Comunicação, tanto na área de comunicação como na área de produção de eventos.

Como muitos deles buscaram o Conexões Periféricas e o Cuca como forma de ampliar as experiências na área de formação, em alguns casos como substituição à vivência de um estágio ou atividades extracurriculares, os meses de produção audiovisual ganhavam uma dinâmica ainda mais complexa de aprendizado, mas também de posicionamento no mercado e visibilidade, em especial quando alguns lembravam que um participante da primeira temporada havia sido contratado pela TVC para atuar como repórter do canal.

Assim, para além das discussões das reuniões partirem do olhar para os potenciais, seja dos jovens, seja da cidade, da região, do bairro ou mesmo para questões do cotidiano do grupo envolvido, como relacionamentos, dúvidas de emprego, as pautas que poderiam apontar para cenários de ausência, de falha, de não acesso – que sabemos fazer parte das vivências de cidade de todos, mas especificamente que permeavam as falas informais de alguns dos jovens do grupo e de muitos jovens interlocutores ao longo da pesquisa – ganhavam direcionamentos outros por parte dos próprios jovens. Em muitos momentos do processo nos questionamos e alertamos acerca do olhar que buscava um cenário pré-concebido e esperado, exercício que nos acompanha até o fim – e para além dele – deste processo de reflexão.

⁶⁵O edital de seleção publicado no dia 10 de agosto de 2016 apontava que os jovens no projeto poderiam “aprofundar o interesse nas áreas de produção cultural e comunicação”. Com dedicação de 12 horas semanais e previsão no edital de “valores, por meio de concessão de vale transporte e alimentação, como forma de viabilizar as despesas efetuadas no desenvolvimento do Projeto”. Disponível em: <http://migre.me/wKCws>

Ao ouvi-los fico na sensação de que esperamos dos tais ‘jovens da periferia’ que falem daquilo que mobiliza o simbólico da periferia para nós. O que os mobiliza não está nas delimitações pensadas e sentidas. Estão em tantos outros pontos, nas vivências diversas das juventudes. (Trecho do caderno de bordo, dia 21 de junho de 2016).

A amplitude de vivências de cidade e, especialmente de periferias, pode ser melhor delineada com as entrevistas realizadas com os sete jovens comunicadores. Após meses de partilha dos momentos de produção do programa Conexões Periféricas, tentamos por meio das histórias de vida construir juntos sentidos para os processos de sugestão e execução de pauta, para as experiências como produtores de comunicação em um programa que se colocava como cenário para apresentar as “culturas juvenis das periferias de Fortaleza de uma forma bastante singular”, como apontado no site da TVC. Assim, tentamos organizar, ao longo deste texto, alguns marcadores dessas narrativas em diálogo com as observações e participações do processo.

6.3 Produzir comunicação da/na/para/com a periferia

Entendendo, como Jaime (2013, p. 99) apontou ao refletir sobre memória, fotografia e arte, que a cidade é lugar de “criação, de troca, de choques, de relações que conjugam e delineiam um coletivo”, sendo um importante agente de “transformação da experiência individual e coletiva, impelindo seus indivíduos a modos de sentir e estar no mundo específicos”, buscamos nas relações dos jovens interlocutores da pesquisa, produtores de comunicação, pistas dos diálogos das juventudes com a cidade.

Quais as formas que produzimos comunicação? Quantas linguagens podemos utilizar, construir, reinventar, ressignificar e criar? O processo de vivência de produção de um programa de TV – a ser exibido em uma TV pública – por meio de um equipamento público trouxe, em muitos momentos, as inquietações das possibilidades que tal experiência permitiria. Fontes, discurso, roupas, músicas, formas de apresentação, uso de imagens e participações de outros jovens estavam atravessados pelas dúvidas e buscas acerca de um programa com o norte de falar sobre as periferias e as juventudes.

[...] vendo algumas apresentações, eu via que era falar sobre a periferia mas de uma forma mais culta. Como é que eu vou falar da periferia se o meu linguajar, claro que as pessoas que estavam ali tinham um conhecimento a mais do que boa parte da galera da periferia, mas a forma, você tem que se adaptar. (Eduardo)

[...] Só que eles não percebiam na primeira temporada e a gente também na segunda que a periferia que a gente defende é a periferia que frequenta o

Cuca. E que periferia é essa? Isso foi muito complicado e eu ficava me perguntando, será que a gente tá fazendo o Conexões para as periferias? (Patrícia)

Durante o processo de produção de pautas acompanhado neste trabalho, indicações como as partilhadas nos trechos das entrevistas aqui descritos foram pontuais e, muitas vezes, focavam em questões de fontes a serem convidadas para a abordagem das temáticas de cada programa ou no fato de que a Barra do Ceará era o centro de muitos temas, o que instigava perguntas de conhecidos sobre “o porquê só falam da Barra”. Ao buscarmos o diálogo sobre os percursos pessoais e referentes ao projeto, alguns dos jovens partilharam inquietações acerca do público final, das edições de falas, das escolhas e exclusões. Em muitos momentos, os diálogos apontavam para a legitimidade ou não das falas de fontes, convidados, entrevistados quando não ‘eram da periferia’ ou quando os próprios jovens, enquanto produtores e apresentadores, poderiam soar como indo na contramão da vivência do cotidiano deles e dos jovens das periferias.

Porque Cuca aqui é aberto, então todo tipo de pessoa entra, nem todo tipo de pessoa é da periferia, então nem todo entrevistado era da periferia, e por isso não defendia ideias da periferia, claro que nem por isso, mas tu entendeu... (Patrícia)

Eu participei de algumas apresentações do Conexões Periféricas, eu acredito que minhas apresentações, e de algumas pessoas, muito nobrezinha, muito CETV⁶⁶, muito formal. E eu acho que isso... Você tá representando as periferias e não falar de uma forma que chame essas periferias fica meio falso. (Eduardo)

A referência do jovem sobre a apresentação “nobrezinha, muito CETV” como crítica à apresentação do programa endossa um perfil apontado muitas vezes como oposto ao que os jovens gostariam de fazer no que se refere ao conteúdo, pois seriam programas jornalísticos como esses e, especialmente, os programas policiaiscos que invisibilizariam jovens das periferias, suas pautas, seus territórios ou, mais grave ainda, criminalizariam esses cenários, pessoas e contextos para a sociedade, reverberando, inclusive, nas relações dos jovens com seus bairros e outros com perfis considerados periféricos. No entanto, em muitos momentos, eram os trejeitos dos apresentadores dos telejornais que serviam de referência.

Durante as reuniões de pautas, muitas eram as inspirações comentadas para pensar a abordagem dos temas, as formas de lidar com a câmera, as informações, os entrevistados. Em

⁶⁶CETV é um telejornal da TV Verdes Mares, filiada da TV Globo no Ceará. É exibido ao meio-dia (CETV 1ª edição) e à noite (CETV 2ª edição).

todas as inspirações, programas com viés jornalístico e, principalmente, investigativo, mas que traziam uma espontaneidade maior na forma dos apresentadores se colocarem para o público e na linguagem usada. Nos rodízios de funções da equipe de jovens comunicadores, a apresentação era acolhida de diferentes formas, sendo uma vontade de experiência no audiovisual, a necessidade de composição de portfólio, o desafio de encarar as câmeras e deixar a timidez de lado, a percepção da importância de também aparecer no programa que era coletivo.

A relação com entrevistados também passou por várias percepções durante as entrevistas dos jovens interlocutores da nossa pesquisa e comunicadores do projeto acompanhado. Ao longo dos episódios, além de muitos jovens participantes de atividades do Cuca Barra, professores, *youtubers*, comunicadores, estudantes, pescadores, produtores culturais, grafiteiro, rappers, DJs etc. foram entrevistados. O perfil de fala, a forma como as entrevistas eram organizadas, os espaços, as abordagens apontavam para diferentes expectativas sobre o momento e o produto final.

[...] a gente queria especialista, porque o especialista não poderia ser a própria pessoa do bairro, falando sobre isso? Por que tem que ter um especialista, uma pessoa que normalmente não mora, não mora em uma comunidade, uma favela, como se diz, mora em um bairro mais acima. Tipo, fui falar de periferia, sobre Geração Y, mas tinha, acho que foi o Papo Selfie que era periferia, mas as pessoas que estavam sendo entrevistadas não representavam a periferia. Alguns momentos gerava uma coisa de comunicação periférica falar sobre periferia, mas as pessoas que eram entrevistadas não eram da periferia, então gerava muito choque. (Eduardo)

A questão da legitimidade da fala – algo recorrente aos produtos midiáticos de acesso do grande público – recaindo sobre especialistas, formadores de opiniões, fontes de universidades foi assim motivo de incômodo para alguns dos jovens interlocutores, que ponderavam no momento das entrevistas em profundidade realizadas após o processo do programa a possibilidade de tais falas serem de pessoas que “representavam a periferia”, moradores das periferias.

A tentativa de descontração, de linguagem mais jovem, de diálogo com o público com o qual interagem ia de encontro, muitas vezes, com um conceito de qualidade do programa para ser exibido em uma TV. Qualidade essa que tinha um amparo homogêneo de consumo daquilo que estava sendo produzido e não de diferença, como uma tentativa de se fazer entender apesar (e acima?) das especificidades relevantes e formadoras de identidade. O

“representar e apresentar a periferia” que foi recorrente em falas ao longo do processo foi relativizado e problematizado por alguns dos comunicadores durante as conversas individuais.

Depois eu fiquei me questionando bastante sobre isso, que periferia é essa que a gente representa. Aí eu não, ‘a gente defende a periferia que frequenta o Cuca’, mas para saber que periferia é essa é muito complicado. E a gente defendia do nosso jeito, né, porque a gente enquanto comunicador sabe que toda comunicação é manipulada, então tinha algumas pessoas que falavam algumas coisas do jeito delas, bem ‘vetinho’ assim, que não dava para entender pra outras pessoas, aí a gente acaba que... ou então a pessoa ficava enganchando e tal. A gente acaba que excluindo... aí, isso é ser periferia? Excluir um tipo de linguagem? Querendo ou não a gente é sujeito a isso, porque tem que passar na TV e tem que ser um produto de qualidade e não que isso não seja, mas tem que ser entendível pra pessoa do interior, porque abrange o Ceará, né. Aí eu acho que é essa periferia que a gente defendia. Periferia que frequenta o Cuca e que ao mesmo tempo representa as margens, as margens do equipamento. (Patrícia)

A tomada de posição de ‘defesa da periferia’, como comentado neste trecho, aponta para o entendimento presente em trabalhos como o de Zanetti (2011) sobre a produção na periferia de, por meio da linguagem audiovisual, assumir o lugar de fala – concreto e simbólico. E tal posição também reverberava no público-alvo que consumiria assim o programa. Seriam temáticas acessíveis e interessantes para todos?

[...] porque o jovem da classe A, ele vai ter interesses que são ligados ao círculo social dele. Assim, eu acredito, não sei se é assim, que um jovem da Aldeota, ele nem se interessa em assistir um programa como o Conexões Periféricas, eu acho. (Raoni)

Os temas foram voltados para essas pessoas da periferia ter acesso, como a tecnologia, a forma de alimentação, empoderamento feminista. Eu acho que os jovens cada dia mais estão se interessando, independente se for da periferia ou não, estão se interessando por essa questão de ter um conhecimento a mais daquilo que eles tem dentro de casa ou nas escolas, né. E a periferia, eles estão abrangendo muitas coisas. No meu bairro eu sinto falta dessa questão de ter algo que envolva realmente os jovens, mas aqui na Barra eu acredito que isso eles tem até demais, mas algumas pessoas acabam não aproveitando isso. E eles acabam não tendo o tanto de conhecimento que a gente queria passar pra eles ou que eles deveriam ter. Mas os que se interessam, os que querem realmente ter um conhecimento a mais dos outros, acredito que o Conexões Periféricas foi voltado justamente para isso, para a gente poder colocar temas que os jovens não tinham tantos acessos, mas que poderia ter um conhecimento básico por cima daquilo, que pudesse chegar a uma conclusão naquilo que eles estavam assistindo. (Poncho)

As percepções sobre o público do Conexões Periféricas, os interesses e ‘necessidade de conhecimento’ das juventudes, das pessoas “das periferias ou não” variavam entre um olhar amplo ou restrito acerca dos jovens e dos interesses dos jovens que partilham a cidade, os territórios, os equipamentos. O interlocutor, ao apontar que os temas abordados no programa foram voltados para “essas pessoas da periferia” e que, aqueles que se interessam podem ter o conhecimento que eles, enquanto produtores de comunicação, querem “passar”, dá indicações dos entendimentos organizados naquele momento sobre a função do programa e da TV enquanto veículo de informação com legitimidade perante o público, assim como a função desses grupos enquanto comunicadores.

6.4 Quando a diversidade é a vivência

“Se não fosse isso aqui, como a gente ia se conhecer?”. A pergunta de um dos jovens era direcionada para mim. E reverberou em questões já ponderadas desde os primeiros contatos com os equipamentos localizados na Barra do Ceará, Jangurussu e Mondubim, nos encontros possibilitados pela ampliação dos territórios vivenciados na cidade que habito há 20 anos. Se, em cada equipamento, jovens de dezenas de bairros de Fortaleza se esbarram nos espaços de convivência, se encontram em diferentes atividades, sejam aquelas promovidas pelo poder público ou por outros jovens em seus coletivos e mobilizações, partilham ambientes, os atravessamentos – e suas tensões – produzem espaços de sociabilidades potentes. O encontro da pesquisadora em formação com territórios, fluxos e pessoas em movimentos variados impactou o percurso de pesquisa, mas principalmente, o olhar que pousa e busca a cidade.

Como aponta Dayrell (2007, p. 1111), “a sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano”, mas também pode ocorrer na “invenção de espaços e tempos intersticiais” podendo ser para os jovens respostas aos fluxos e desejos de “comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e de identidade”. Invenções de espaços e tempos possíveis de serem percebidos ao longo do percurso. “Acho que o que mais me agradou no Conexões (Periféricas) e no Cuca é que você aprende com as diversidades de várias pessoas” (Eduardo). As indicações de aprendizado foram recorrentes com os interlocutores deste percurso, apontando para os entendimentos dos encontros experienciados durante os processos pessoais na Rede Cuca e, especialmente, na produção acompanhada, que passavam, necessariamente, pelas falas do olhar para o outro, da escuta do outro, da vivência

das diferenças, dos enfrentamentos advindos das discordâncias e das aprendizagens nesses percursos.

Não que eu era preconceituoso nem nada, mas eu acho que eu aprendi mesmo, assim. Hoje eu não sou aquele de ir pela primeira impressão, primeiro conhecer a pessoa pra poder ter uma definição. Mais aberto. Acho que se as pessoas se abrissem mais pra poder realmente conhecer não existiria essa questão de preconceito com gay e outras tribos também, né. (Eduardo)

Eu acho que eu cheguei com a mente bem fechada e hoje eu tô com a mente bem aberta. É tanta coisa, hoje eu acho tudo incrível, tudo muito massa, respeito muito as várias formas que o povo tem de expressar. Eu lembro que quando eu cheguei, até falei com os meninos, eu era bem preconceituosa, principalmente com questão de gay e hoje os meninos... Tu vê. Eu aprendi a amar de uma maneira que... Isso foi um crescimento grande mesmo. (Ana B)

As falas de alguns dos jovens interlocutores sobre a mudança de visões preconceituosas após a vivência e troca com outras pessoas nas atividades do Cuca e do Conexões se focaram, especialmente, em questões como orientação sexual, mas referências ao olhar para as periferias e para os estereótipos de pessoas moradoras das periferias também se fizeram presentes nas conversas.

Eu, por exemplo, quando entrevistei um cara aqui da Barra, que eu julgava ele, quando não conhecia ele, julgava ele pela aparência dele. Tinha medo dele, quando eu via, quando ele passava na bicicleta eu ficava tremendo sabe, meu coração ‘ai, meu deus, é agora’, mas uma vez eu entrevistei ele e vi que é uma pessoa totalmente boa e até formação ele tinha, aí eu ‘puxa vida, eu tinha um preconceito contra essa pessoa que frequentava aqui o Cuca pelo fato do modo dele se vestir, falar, andar, ele andava de bicicleta, todo, realmente, desarrumado, marginalizando assim a pessoa dele e não era aquilo que eu imaginava que fosse, pelo contrário. (Poncho)

Uma coisa que quando eu entrei no Cuca Barra, principalmente, aquela coisa de estereótipo, acabei com aquela questão de estereótipo. Porque eu vi muita galera de boné, essas coisas do tipo, eu entendi que aquela ali é uma forma dele se vestir e não que ele seja aquilo. (Eduardo)

Assim, para nossos interlocutores, os espaços de sociabilidade que se formavam nos equipamentos públicos voltados para as juventudes permitiam que o ‘falar com estranhos’ ou mesmo o olhar para estranhos ensaiasse uma reconfiguração, ainda dialogando com os

conceitos e expectativas do olhar coletivo, social e pessoal. Como aponta Fernanda Meireles⁶⁷ em seus caminhos pela cidade solar que é Fortaleza: é preciso aprender a falar com estranhos. E, em um processo de produção de comunicação, seja com foco em um programa de TV, um zine, uma matéria, um produto audiovisual, um espetáculo, constantes são as necessidades de abordagem, de abertura, de escuta. Tais passos, dados com as vivências pessoais e os olhares prévios dos jovens, podem constituir a abertura às diversidades que apontaram durante as conversas.

E essa questão de vir várias pessoas de outros bairros aqui pro Cuca, acho muito interessante porque acaba esse tabu de preconceitos contra algo que tem na periferia, ‘Ah, é o Cuca Barra, dentro da periferia, as coisas lá não prestam porque as pessoas não valorizam o que tem’. Pelo contrário, a gente vê que tem pessoas que nadam, que treinam, que dançam, várias tribos que realmente preservam aquilo e tem o intuito de mostrar isso pras outras pessoas lá fora. (Poncho)

O reconhecimento do outro em suas subjetividades pode abrir, no nosso entendimento, o diálogo também com os fluxos pulsantes dos territórios atravessados, seja por meio das atividades realizadas ainda no projeto ou nos passos seguintes como jovens comunicadores, produtores culturais, criadores de movimentos em torno de si, dos outros e do que os mobiliza.

São várias realidades, né, interagindo no mesmo espaço e que antes, se você pensar em Fortaleza, claro que tinha outros núcleos de ponto de cultural e tal, mas com essa proporção, tanto do equipamento, como de unir uma quantidade de pessoas diversas e que dentro desse espaço essas pessoas interagem de forma harmônica, de forma a querer se conhecer, a querer se perceber, né. (Pedro)

É que nem o último programa, aquele de diversidade, eu acho que toda a experiência do Conexões e do Cuca, de tudo, é essa diversidade que a gente tem. Nós, enquanto jovens, por pessoa, cada um tem o seu gosto, mas de alguma maneira a gente se mistura, a gente fica diversificado, não tem como. (Ana B)

Pra tu ver, querendo ou não, esse espaço, além de criar laços, você tira preconceitos das pessoas. São quebradas totalmente. Eu, há um tempo, se visse um casal lésbico se beijando eu ficava ‘ô, que nojo’. Depois que eu vi quem são eles, como eles vivem, entendeu, do que eles sofrem, o que eles passam, as vergonhas, enfim, de pessoas que fazem essas mesmas atitudes

⁶⁷Fernanda Meireles é uma escritora e artista de Fortaleza. Formada em Letras, especialista em Arte-Educação e mestre em Comunicação Social, Fernanda circula suas criações em eventos literários e a partir das produções da Loja Sem Paredes, iniciativa que reúne zines, cartões, objetos, quadros. Espalha possibilidades nos encontros.

que eu fazia, eu fiquei... ‘gente, porque eu faço isso?’. Aí você começa a se questionar e isso vai se construindo. (Patrícia)

Mansano (2009, p. 116), ao abordar questões relacionadas ao sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade, relacionando tais conceitos às pesquisas em psicologia, aponta a necessidade da – difícil – tarefa em “acolher a diferença como parte integrante da vida”, assim como de “imprimir o produto das invenções subjetivas no cotidiano das relações sociais”.

Diferença a partir da qual o outro, em seus movimentos de diferenciação complexa e na sua dimensão mais viva, possa existir sem ser reduzido a um cumpridor de novas normas universalizadas. Isso implica conceber a subjetividade, os modos de subjetivação e o sujeito como construções que não se fecham em uma entidade apaziguada. (MANSANO, 2009, p. 116)

Em diálogo com Deleuze, Mansano (2009, p. 115) aponta que “nos diferentes encontros vividos com o outro, exercitamos nossa potência para diferenciar-nos de nós mesmos e daqueles que nos cercam”, uma vez que, para o autor, o sujeito se constituiria nos “dados da experiência, no contato com os acontecimentos”. A autora continua ao apontar que o sujeito “se constitui à medida que é capaz de entrar em contato com essas forças e com as diferenças que elas encarnam, sofrer suas ações e, em alguma medida, atribuir-lhes um sentido singularizado” (2009, p. 115). Ao abordar as micropolíticas juvenis de visibilidade comunicacional e midiática, Gorczewski (2005) observa o termo visibilidade como a “realidade compartilhada”. Vamos nas trilhas dos entendimentos dos encontros e dos espaços ressignificados no coletivo. Os encontros entre as vivências dos jovens comunicadores interlocutores desse processo de entendimento também suscitaram uma busca por uma possível identificação entre os territórios e as experiências do habitar e atravessar para e pelos processos de produção de comunicação ao qual se propuseram.

[...] eu até acho que a gente poderia ter usado outros territórios (no programa Conexões Periféricas), mas era a gente achar o que identifica, o que tem em comum da Regional I com a Regional II, a Regional III, da Barra com o Jangurussu com o Mondubim. Vamo pensar mais sobre isso, o que esses territórios têm em comum, as narrativas que a gente quer buscar e falar o que elas se conectam, né. Porque tá tudo ligado, tudo conectado, mas é perceber dessa forma, caminhar pra esse viés de pensamento, também não sei, porque tem muitos outros também. (Pedro)

O olhar para os territórios, as buscas pelas identificações, pelo que conecta, pelo que aproxima também se construiu nas reuniões, sugestões de pautas, partilha de conhecimentos entre os jovens. O que um conhecia do bairro, o que o outro entendia de tecnologia, o que o outro pensava sobre relacionamentos nos tempos atuais, os entendimentos e contatos do outro no âmbito cultural, ambiental, a vontade de apresentar, de mexer na câmera, de alertar sobre um problema ou sobre várias histórias iam se movendo em um afastar e aproximar constantes. A configuração do grupo, por exemplo, ao reunir jovens universitários da área da comunicação e jovens que não estavam em uma faculdade, mas possuíam vivências de cidade que – a nosso ver – se destacavam pela abrangência das experiências e dos espaços constituídos foi apontado como fator essencial para o conhecimento e a conexão maior do programa com os territórios.

Mas o que colaborava para a gente chegar nesse ponto (de pautas diversificadas) eram os meninos, que tavam lá na realidade, que tavam lá nas ruas vendo como realmente é. Porque assim, eu tenho propriedade de falar da Barra? Não tenho, eu não tinha. Porque eu não conheço o bairro, não conheço nem o meu direito. E foi muito bom porque a gente foi pesquisando, foi conversando, claro que uma pesquisa meio tardia, mas a gente pesquisava de um jeito, os meninos chegavam com histórias, por exemplo do pescador, que conhece a história da Barra todinha e isso contribuiu bastante, porque através deles, a gente passava a entender que não é só isso e com isso a gente passava a apoiar a ideia, defender a causa. E isso era muito bom. Se fosse só estudantes universitários e tal acho que não daria muito certo, porque a gente não está na rua, a gente não escuta as histórias todos os dias. Não é atuante, assim. Pra defender uma coisa que você não conhece é complicado. (Patrícia)

A interlocutora, nesse caso, realiza uma diferenciação entre aqueles presentes nos cursos superiores – mas, dentro deste grupo específico, ausentes dos movimentos dos bairros, do equipamento, de coletivos – e os demais, que tinham histórico de ativismo, envolvimento com causas várias e mais tempo de vivência no próprio Cuca.

O encontro com o outro – outro jovem, o outro morador do território, o outro que também narra suas vivências, o outro que produz, o outro que cala – marca a visibilidade da narrativa coletiva, partilhada. No percurso com os interlocutores desta busca, o atravessamento do outro, o estar implicado ao outro, à narrativa do outro, à vida do outro permeou a nossa experiência, os nossos passos e olhares.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguimos, mas aqui encerramos.

Entendendo que cada recorte tem suas linhas arbitrárias (REGUILLO, 2000), buscamos neste trajeto como as periferias estão inseridas nas narrativas dos jovens comunicadores do Cuca Barra. Ao longo do percurso de pesquisa, as ações, atividades, encontros, tensionamentos, mudanças, produções acompanhadas na Rede Cuca foram construindo rastros e mapas a serem descobertos e partilhados.

E, no conviver com esse espaço e, especialmente, com os que buscavam ali uma construção política cotidiana, entendemos que a movimentação era para que o local acolhesse as vontades e demandas das juventudes que não estavam entendidas ou categorizadas nas rotinas administrativas de trabalho, mas já acolhidas na rotina afetiva de construção de relações entre os jovens-educadores sociais, jovens-comunicadores e os jovens participantes de projetos, grupos de discussão, cursos, rodas de música, presentes no espaço que simbolicamente vem se buscando construir como das juventudes.

A multiplicidade das juventudes, das demandas por elas organizadas ou ainda dispersas, a amplitude dos seus trajetos na cidade, nos bairros, do percurso na educação formal e no mercado de trabalho, na garantia de direitos, no acesso à cultura e ao lazer transformam o cenário em um movimento constante de compreensão e incompreensão dos encontros possíveis e das invenções presentes nos espaços. As marcas institucionais que permeiam as ações e as marcas pessoais de cada interlocutor presente ao processo de invenção cotidiana nos levaram a um campo diverso que aponta para a complexidade e diversidade dos atravessamentos das juventudes, periferias, discursos, políticas públicas e equipamentos públicos que, apesar de imaginado, ganhou contornos vívidos e difíceis de delimitar.

Avançar no entendimento de como os jovens presentes nas atividades dos Cucas e, neste caso, especificamente do projeto Conexões Periféricas do Cuca Barra, produzem suas narrativas acerca de suas trajetórias e, especialmente, no movimento das periferias, das produções que dialogam com a compreensão das trilhas que permeiam, aproximam, distanciam, criam e diferem as periferias foi e é, para nós, avançar nas possibilidades de diálogo, encontro e invenção com essas juventudes.

Como partilhado em alguns pontos deste trabalho, as potências do ‘ser periferia’ foram se fazendo presentes no nosso percurso, especialmente nas formas como os eventos de órgãos públicos e coletivos juvenis se colocavam diante da cidade e das possibilidades de ser

periférico produzindo cultura (ponto central em vários desses eventos e atividades), conhecimento (especialmente no que tange à memória das comunidades), construindo caminhos de partilha da cidade (o cuidar, agir e intervir nos territórios). Tais construções simbólicas de força e possibilidade em encontro com jovens e interlocutores com experiências diversas sobre o habitar, atravessar e intervir nos territórios foram reconstruindo entendimentos sobre as relações entre os termos usados pelos jovens cotidianamente e as formas como eu os entendia e tentava problematizar, enquanto pesquisadora que esbarra com mais perguntas do que respostas no caminho.

As surpresas com os perfis dos jovens, com as histórias de vida, com as formas como as escolhas e circunstâncias foram sendo vividas e a cidade experienciada foram de encontro com as suposições, os cenários esperados, as histórias antes ouvidas e que poderiam ser repetidas. A cobrança que, enquanto observadora, fazia silenciosamente sobre possíveis militâncias, intervenções e criações se chocou com as necessidades e vontades de construir experiências diversificadas, dialogando com uma cidade em que as fronteiras porosas são vistas por uns, sentidas por outros, atravessadas por meio de diversos fatores (consumo, educação, trabalho, lazer) ou simplesmente viram trampolim para criações que reverberam tais posições de fronteiras – que também podem estereotipar, impedir, criar obstáculos, cessar caminhos. Muitas são as periferias vivenciadas pelos jovens, pois muitas são as periferias possíveis na amplitude do que chamamos cidade e nos cenários em que são inventadas e reconfiguradas formas de criar e ser nos territórios marcados para muitos pelas ausências. Tais entendimentos no contexto acompanhado neste trabalho podem – e vão – ser aprofundados no nosso percurso, vislumbrando a potencialidade de extensão das intervenções e criações das juventudes e das cidades.

Como pesquisadora em formação – como estamos todos diante do que nos move – muitos foram os passos em falso dados ao longo do percurso, desde o entendimento do campo e das complexas relações que se instituem, o recorte possível de ser executado no tempo disponível, as reações e tempos de resposta às mudanças que o campo sofreu e, dessa forma, demandou alterações no trajeto, as escolhas metodológicas que dialogassem com a bagagem da pesquisadora e, principalmente, com as questões que se anunciavam. Todos esses aspectos impactaram o processo e as considerações aqui descritas, uma vez que interferiram de diferentes formas nos olhares, na entrega, na maturidade para as percepções e escolhas, na postura crítica diante dos cenários que se construíram ou se impuseram. Assim, as limitações do trabalho dialogam com as limitações da pesquisadora que, neste período, pode realizar as incursões. Rotas que não seguiram como o desejado, questões que foram sendo deixadas no

caminho, outras criadas e surgidas, muitos pontos que não conseguimos organizar e perceber, mas que tentamos objetivar (e subjetivar) em muitas linhas.

Se, para muitos projetos de comunicação acompanhados ao longo do tempo como comunicadora, seja na graduação, no mercado de trabalho, como curiosa da temática, a questão da reinvenção pelos jovens participantes era constante, seja na linguagem, nas temáticas, nas abordagens, percebemos durante o processo acompanhado para esta pesquisa um caminho de ‘continuidade’ de linguagens, inspirado, especialmente, em programas de TV que já faziam parte do repertório dos jovens, como os citados Profissão Repórter, Liga etc. Além disso, um foco na tentativa de construção de pautas que ultrapassassem o olhar comumente destinado ao jovem das periferias, considerado pelos interlocutores como pautado nos estigmas e estereótipos. Percebemos que tais vontades e ideias esbarravam em questões como tempo e impossibilidades de discussão aprofundada sobre as juventudes, as periferias, a produção de comunicação que refletissem as vivências múltiplas, os elementos que aproximavam e que particularizavam cada linha, cada território, cada experiência de cidade.

Para nossos interlocutores, a diversidade de vivências dos jovens comunicadores foi fator fundamental para o processo de produção do programa, de ressignificação sobre si mesmo e sobre as periferias, assim como para o reconhecimento das subjetividades, da alteridade. A reunião de jovens de diferentes bairros em uma cidade com as dimensões de Fortaleza, com diversas referências e experiências da e com a urbe, de diferentes fluxos e entendimentos sobre o lugar-conceito periferia potencializou o processo acompanhado, sendo referência para os jovens em suas narrativas. No nosso entendimento, as partilhas e encontros entre os três Cucas e, conseqüentemente, entre mais jovens comunicadores seria uma possibilidade de mergulho (potente) ainda maior nessa Fortaleza e na proposta de produção das juventudes sobre as periferias.

Também apontamos os espaços de reflexão sobre as periferias e as produções de comunicação que podem ser criados e aproveitados em equipamentos públicos como os da Rede Cuca, levando em consideração a existência de diversos coletivos e grupos que, dentro das atividades dos Cucas ou participando de editais da Rede estão produzindo comunicação e, seguindo um fluxo que já se firma, construindo possibilidades narrativas que reconfiguram linguagens, abordagens e temáticas.

Por ser um espaço que, ao menos na edição e no grupo acompanhado, acolheu muitos universitários da área de comunicação, entendemos que os caminhos da linguagem do mercado, assim como o desejo de ser incorporado aos quadros dos parceiros nesse e em outros projetos da Rede Cuca (empresas de comunicação, TVs, produtoras de eventos etc.)

poderiam ser analisados, discutidos e aprofundados para que o atravessamento às produções ganhe contornos que dialoguem com a diversidade de vivências que os próprios equipamentos já acolhem.

Um ponto presente nas reflexões dos nossos interlocutores e partilhado pela observação e que, a nosso ver, é muito importante ao se pensar a continuidade do programa, as próximas temporadas e o processo oferecido e experimentado é a limitação das produções no que diz respeito a ultrapassar os muros dos equipamentos para se incluir nos territórios e espaços outros de sociabilidade da cidade. Como indicado em trechos deste trabalho, as dificuldades com transporte e equipamento (que incluía a possibilidade de apropriação física e de manejo), assim como a organização de tempo dos comunicadores fez com que muitos dos quadros dos episódios fossem gravados dentro do Cuca (o que se repetiu com os outros dois grupos de comunicadores). Com muitas das pessoas entrevistadas sendo aquelas que, normalmente, frequentam os Cucas ou com a necessidade de levar entrevistados para dentro dos equipamentos para realizar as gravações, a relação com a cidade, a possibilidade de produzir em diálogo com os territórios é afetada.

Apontamos para esse cenário entendido como um obstáculo mesmo apreendendo a diversidade das juventudes presentes em cada equipamento, aspecto ao qual destinamos algumas linhas deste trabalho, uma vez que foi a amplitude e o encontro de experiências que potencializaram em diversos momentos a vivência desse processo, segundo os jovens e também a nossa percepção de partilha dos momentos. Apesar disso, entendemos que a proposta do programa sofre interferência pelas dificuldades enfrentadas pelos jovens de executar pautas caras aos grupos, mas que demandariam uma ida a campo, um mergulho mais intenso na cidade.

Permeando todos esses pontos estão os braços da institucionalidade da Rede Cuca, da Prefeitura de Fortaleza, dos gestores que fazem parte de qualquer processo que ocorre dentro de um equipamento público pautado em políticas públicas específicas. Como já acontece em outros projetos de comunicação, como o Repórter Cuca, a experiência de produção de comunicação está muito focada nos espaços institucionais, seja como cenário de gravação, fonte de personagens e participantes ou ocupando boa parte (quando não todo) do terceiro bloco de todos os episódios com a divulgação da programação semanal dos Cucas. Entendemos que a construção de metodologias e possibilidades que permitissem aos grupos de jovens comunicadores uma experiência de produção de comunicação que dialogasse mais com a cidade e menos com o ambiente institucional seria um caminho de aprendizado e,

principalmente, de efetivação de uma comunicação mais mergulhada nas vivências dos jovens e das periferias, um mergulho na ‘alma encantadora das ruas’, como diria João do Rio⁶⁸.

Alma encantadora que é constituída por espaços de sociabilidade, de enfrentamentos, de invenções, por encontros de solidariedade, de estereótipos e estigmas, de pulsar de produção artística, econômica, social, cultural, ambiental. Espaços que reúnem, de forma ímpar, juventudes com diferentes vivências e olhares sobre si mesmos, sobre cidadania, sobre narrativas possíveis de serem construídas a partir do olhar para si mesmo, para os territórios que compõem o caminhar na cidade, para as memórias constituídas no coletivo. Vislumbramos as potencialidades dos encontros e das narrativas dos jovens, assim como a possibilidade de visibilizar tais cenários em diálogo aprofundando sobre os atravessamentos das juventudes em uma cidade como Fortaleza e diante de políticas públicas que se constituem – ou assim deveriam – no escutar das demandas de quem já produz, já cria, já enfrenta os atalhos necessários para ser.

O afetar-se pelos atravessamentos que o pesquisador trouxe também suscitou inquietudes possíveis para novas mobilizações do estar aberta ao que o olhar revela, aos gatilhos que as escutas propiciam. São nuances de um caminhar que passou por muitos cenários, trocou ideias e desejos com muitas pessoas, se indignou e acolheu mudanças. Ainda nos inquieta muitas das relações construídas nos espaços da Rede Cuca, em especial, a atuação dos educadores sociais que convidam e acolhem os jovens que chegam aos equipamentos para as diversas atividades oferecidas, mas principalmente se aproximam daqueles que não estão ‘inseridos’ na lógica institucional de oferta de atividades, de oferta de campo possível para ‘ser jovem’. Os ‘não inseridos’ e as relações que estabelecem com a institucionalidade de um equipamento público que se coloca como espaço dos jovens em territórios de vulnerabilidade social nos inquietam pelas potências e lacunas que podem indicar acerca das políticas públicas que voltam páginas e ações para as juventudes.

Esse interesse dialoga diretamente com a experiência primeira que tivemos de organizar um caminho de pesquisa, o projeto Memórias no Morro de Santiago, em que os cenários de produção de comunicação, disputa de sentido, construção de memória e a presença institucional do Cuca formaram um contexto que continua a nos afetar e mobilizar e, pode, em breve, tentar se organizado nas linhas que usamos para criar pontes com experiências de autores, pesquisadores, a partilha de conhecimento que acreditamos que a academia deveria ser feita.

⁶⁸João do Rio é o pseudônimo literário do jornalista, cronista, contista e teatrólogo brasileiro Paulo Barreto. A bibliografia reúne crônicas urbanas e o livro *A alma encantadora das ruas*, de 1908.

Outro ponto, entre muitos, que seguimos inquietos e que, provavelmente nos daria um cenário mais completo e complexo das questões postas neste trabalho, é a possibilidade de análise detalhada dos produtos finais, dos episódios do programa Conexões Periféricas, assim como o trabalho com mais temporadas e com os grupos dos outros Cucas, Jangurussu e Mondubim. A amplitude do material e a diversidade de interlocutores envolvidos em um projeto como esses não permitiu a concretização de tal trabalho, mas aponta para diversas formas de olhar, dialogar e criar com esses produtos que vem sendo produzidos em diversos territórios de bairros periféricos de Fortaleza por jovens com diversidade de vivências, experiências e discursos sobre si mesmos e a cidade. Aprofundar o trabalho realizado neste período com incursões nas questões audiovisuais, de território e das histórias de vida é possível e querido.

E, é por isso que pontuamos que aqui encerramos, mas seguimos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Andrea Moraes. Fazendo antropologia no baile: uma discussão sobre observação participante. In: VELHO, Gilberto, KUSCHNIR, Karina (Org.) **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.
- ANJOS, Maria Liliana Correia dos. **Programa de atendimento socioeducativo em meio aberto: reflexão acerca dos limites e possibilidades vivenciadas pelos profissionais no acompanhamento de adolescentes em conflito com a lei**. 2013. Dissertação (Mestrado)- Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade, Universidade Estadual do Ceará, 2013
- BALARDINI, Sergio. De los jóvenes, la juventud y las políticas de juventud. **Última Década**, Valparaíso, Chile, v. 8, n. 13, set., 2000.
- BARBALHO, Alexandre. **A criação está no ar: juventudes, política, cultura e mídia**. Fortaleza: EdUECE, 2013.
- BONDÍA, Jorge Larrossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28. jan./abr. 2002.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo na memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **La juventud no es más que una palabra**. Sociología y cultura, México: Grijalbo, p. 163-173. 1991.
- BRAGA, Osmar Rufino. **Autobiografização e formação de juventudes: uma reflexão sobre a produção da vida na periferia**. 2013. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- BRAGA, Robson da Silva. **Identificações e recepção: o olhar dos moradores do bairro Pantanal ou Planalto Ayrton Senna sobre o vídeo popular da TV Janela**. 2010. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. 8 ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 2006.
- BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Estatuto da Juventude. Lei Nº 12.852 de 5 de agosto de 2013. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 de abril de 2015.
- CARDOSO, A.L. Contextualização/caracterização. In: BRASIL. MINISTÉRIO DAS CIDADES. **Política habitacional e integração urbana de assentamentos precários**:

parâmetros conceituais, técnicos e metodológicos. Brasília: Ministério das Cidades, Secretaria nacional de Habitação, 2008. Disponível em:
http://www.fau.usp.br/arquivos/disciplinas/au/aup0278/2014/2014.1%20Bibliografia%20Complementar/Aula%2004_Texto%2001.pdf . Acesso em: 30 de agosto de 2016.

CAROLINA, A.; DAYRELL, J. Juventude, produção cultural e intervenção política. In: LIMA, Rafaela Pereira (Org). **Mídias Comunitárias, juventude e cidadania**. Belo Horizonte: Autentica/ Associação Imagem Comunitária, 2006. 320 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópoli, RJ: Vozes, 1994.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografía y educación: Figuras del individuo-proyecto**. Buenos Aires, v. 1. Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2009.

_____. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-536, set./dez. 2012.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2008.

ESPINOZA ORTIZ, Fabricio, VIEYRA, Antonio, GARIBAY OROZCO, Claudio. Narrativas sobre el lugar. Habitar una vivienda de interés social em la periferia urbana. **Revista INVI**, Santiago (Chile), Universidade do Chile, v. 30, n. 84, p. 59-86, ago. 2015.

FARIAS, Wilma. Escritas (in)visíveis de quando o pesquisador se faz por intensidades. In: GORCZEVSKI, Deisimer (Org). **Arte que inventa afetos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015. 376 p.

FRANÇA, Luara da Costa. **Cartografando as medidas socioeducativas em meio aberto no município de Fortaleza**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 53, n. 2, 2010.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

GERMANO, Idilva, SERPA, Adriana da Silva. Narrativas autobiográficas de jovens em conflito com a lei. **SEER**, Rio de Janeiro, UFRJ, v.60, n. 3, 2008. Disponível em:
<http://seer.psychologia.ufrj.br/index.php/abp/issue/view/17>

GORCZEVSKI, Deisimer, SOARES, Sabrina Késia de Araújo. Imagens de si e do mundo incidindo e fazendo emergir composições singulares e coletivas. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes, LIMA, Fernanda Deborah Barbosa (Org.). **Arte jovem: redesenhando fronteiras da produção artística e cultural**. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2014, v.2.

_____. **Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais: (in)tervenções audiovisuais na Restinga, em Porto Alegre**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007

_____. Micropolíticas Juvenis de visibilidade comunicacional e midiática numa comunidade periférica em Porto Alegre. NP 13 – Núcleo Comunicação e Cultura de Minorias. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM. V. 8 e 9 de set., Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2005.

HIERNAUX, Daniel; LINDÓN, Alicia. La periferia: voz y sentido em los estudios urbanos. **Papeles de Población**, México, v. 10, n. 42, out./dez., 2004.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Estética da Periferia: um conceito capcioso. In: PESSOA, Fernando, BARBOSA, Ronaldo (Org.). **Sobre desejos e cidades**. Vila Velha, ES: Museu Vale, 2012, v. 1, p. 12-18.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/aglomerados_subnormais_tab_brasil_zip.shtm

INSTITUTO CUCA. **Estatuto consolidado do Instituto de Cultura, Arte, Ciência e Esporte**. Fortaleza, 2014.

JAIME, Rafael Rocha. Amnésia urbana e imagens poéticas: reflexões sobre arte, memória e fotografia. In: FACCIN, Milton Julio, NOGUEIRA, Maria Alice de Faria, VAZ, Élide. (Org.) **Narrativas da cidade: perspectivas multidisciplinares sobre a urbe contemporânea**. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

LIMA, João Miguel Diógenes de Araújo. **Um “mundo” de projetos culturais para jovens em periferias: violência, valores morais e pedagogias de intervenção**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2014.

LIMA, Antonio Diogo Fontenele de. **Sorrisos de jovens nas periferias da vida: o que revelam e o que ocultam de suas experiências e trajetórias**. 2011. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2011.

MANSANO, Sônia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 8, n. 2. 2009.

MARASCHIN, Cleci, DIEHL, Rafael. O método no pesquisar e as políticas cognitivas. In: GORCZEVSKI, Deisimer (Org). **Arte que inventa afetos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015. 376 p.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. **Memória de jovens: diálogos intergeracionais na cultura do Charme.**2010. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense (UFF), 2010.

MATOSINHOS, Leandro, MENDONÇA, Ricardo F. Tá na Rede!: a produção coletiva de um jornal comunitário. In: LIMA, Rafaela Pereira (Org.). **Mídias Comunitárias, juventude e cidadania.** Belo Horizonte: Autentica/ Associação Imagem Comunitária, 320 p. 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa.** Brasília: Editora da UnB, v. 1. 254p.2013.

MOURA, Maíra Maia. **Drogas, juventude e escola:** estudo de caso sobre o curso de prevenção ao uso de drogas do programa “Crack é possível para vencer” para educadores da Escola de Ensino Profissionalizante Joaquim Albano. 2013. Dissertação (Mestrado) - Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade, Universidade Estadual do Ceará, 2013.

NASCIMENTO, Natália Ilka Morais. **Dos mundos de vida juvenis às políticas públicas:** percepções, sentidos e narrativas de jovens participantes do Projovem Urbano em Fortaleza. 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2013.

NOVAES, Regina Reys. Políticas públicas voltadas para os jovens. In: UNESCO. **Juventude e Contemporaneidade.** Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

_____. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes, EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. COMUNICAÇÃO. Carta da Maré, Rio de Janeiro: manifesto das periferias: as periferias e seu lugar na cidade. **Observatório: Notícias & Análises, Periferia,** Rio de Janeiro, 29 mar. 2017. Disponível em <<http://of.org.br/noticias-analises/carta-da-mare-rio-de-janeiro-manifesto-das-periferias-as-periferias-e-seu-lugar-na-cidade/>>. Acesso em: 29 de março de 2017.

OLIVEIRA, Jaiane Araújo. **Redes de significação e interação:** a internet como cenário de narratividade das experiências de vida dos/as jovens do Cuca da Barra do Ceará. 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade, Universidade Estadual do Ceará, 2015.

OLIVEIRA, Thiago Mendes de. **Memória e cidade sensível:** Fortaleza e Rio em comentários no Facebook. 2015. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise social,** Lisboa, v. XXV, n. 105-106, p. 139-165, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>

_____. A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde Soc.** São Paulo, v.18, n.3, p.371-381, 2009

QUEIROZFILHO, Alfredo Pereira de. Sobre as origens da favela. **Mercator - Revista de Geografia da UFC.** Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, v. 10, n. 23, p. 33-48, set./dez. 2011.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, n. 23, maio/jun/jul/ago, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a07>

_____. **Emergencia de culturas juveniles.** Estrategias del desencanto. Buenos Aires: Norma, 2000.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. Espaços em transformação. **Revista Continuum Itaú Cultural.** v. 26. p. 28-35. 2010

SÁ, Roselene Moura de. **Projovem urbano: desafios, perspectivas e implicações de uma política pública na constituição dos saberes discentes.** 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, 2013.

SATIKO, Rose. Espaços em transformação. **Revista Continuum Itaú Cultural.** v. 26.p. 28-35. 2010

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu: A intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SPINK, Mary Jane, MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SPOSITO, Marília Pontes, CARRANO, Paulo. Juventude e políticas públicas no Brasil. In: UNESCO. **Juventude e contemporaneidade.** Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com as juventudes.** Brasília: UNESCO, 2004.

VIEIRA, Lara Capelo Cavalcante. **Vidas nômades: direito, moradia e ocupações urbanas na cidade de Fortaleza.** 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2014: Os Jovens do Brasil.** Brasília, 2014.

ZANETTI, Daniela. Cenas da periferia: auto-representação como luta por reconhecimento. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação** | E-compós, Brasília, v.11, n.2, maio/ago. 2008.

_____. Narrativas das periferias para o discurso do reconhecimento? In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS.XX., 2011, Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre, 2011.

_____. **O cinema da periferia:** Narrativas do cotidiano, visibilidade e reconhecimento social. 2010. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, 2010.